




Coleção
Documentos

12

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



CONSTRUÇÃO DE IMAGENS ACERCA DA MULHER

NA IMPRENSA CARICATA
LISBONENSE E CARIOSA NAS
TRÊS DÉCADAS FINAIS DO
SÉCULO XIX

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

CONSTRUÇÃO DE IMAGENS ACERCA DA MULHER NA IMPRENSA CARICATA LISBONENSE E CARIOCA NAS TRÊS DÉCADAS FINAIS DO SÉCULO XIX





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES

VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL

DIRETOR DE ACERVO – MAURO PÓVOAS

1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES

2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO

1º TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

2º TESOUREIRO – ROLAND PIRES NICOLA

Francisco das Neves Alves

CONSTRUÇÃO DE IMAGENS ACERCA DA MULHER NA IMPRENSA CARICATA LISBONENSE E CARIOCA NAS TRÊS DÉCADAS FINAIS DO SÉCULO XIX



- 12 -



UIDB/00077/2020



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



Lisboa / Rio Grande
2020

Ficha Técnica

Título: Construção de imagens acerca da mulher na imprensa caricata lisbonense e carioca nas três décadas finais do século XIX

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 12

Capa: REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 25 jun. 1881, a.6, n. 253, p. 8

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Julho de 2020

ISBN – 978-65-87216-06-5

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e quarenta livros.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)
António Ventura (Universidade de Lisboa)
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)
Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Francisco Topa (Universidade do Porto)
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)
Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Tania Regina de Luca (UNESP)
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

ÍNDICE

IMAGENS DO FEMININO NA CARICATURA LISBONENSE E CARIOSA, 7

O ANTÔNIO MARIA & PONTOS NOS ii, 43

O REINADO DA MODA, 44

A APARÊNCIA COMO PAUTA, 105

ENCONTROS E DESENCONTROS, 134

AS PROSTITUTAS, 255

UM NOVO PAPEL PARA A MULHER?, 270

REVISTA ILUSTRADA, 285

A MULHER, A MODA E A APARÊNCIA, 286

O CASAMENTO: DO INTENTO DOURADO ÀS DESILUSÕES DA VIDA A DOIS, 306

UM PEQUENO ESPAÇO PARA A PROSTITUTA, 347

A REPÚBLICA – UMA NOVA FORMA DE GOVERNO E TAMBÉM UMA NOVA MULHER?, 357

IMAGENS DO FEMININO NA CARICATURA LISBONENSE E CARIOCA

Ao longo do século XIX um dos gêneros jornalísticos que mais encontrou popularidade foi aquele voltado à caricatura. Em significativa parte do mundo, ao lado dos mais sisudos representantes da imprensa diária, de viés predominantemente noticioso, circularam semanários caricatos cujo fundamento era a prática de um periodismo crítico-opinativo embasado essencialmente no humor. De alguns poucos traços e rabiscos, constituindo verdadeiros rascunhos, até refinadíssimas representações ou reproduções pictóricas, as publicações caricatas mostraram pelo prisma caricatural contextos históricos e certos personagens que neles atuaram. O diferencial de tais periódicos estava na utilização da imagem, atrativo não só para os leitores, como também para os pouco letrados e até os analfabetos, fenômeno que só serviu para aumentar ainda mais a tendência de cair no gosto popular.

Ainda que houvesse algumas especificidades nacionais e regionais, a imprensa caricata desenvolveu-se a partir de formatos e padrões editoriais marcados por certas similitudes. Em linhas gerais, dava-se a mescla entre os desenhos e os textos carregados de ironia, pilhária e jocosidade. Ao mesmo tempo, muitos dos periódicos caricatos assumiam uma feição moralizadora em relação à sociedade, buscando demarcar e diagnosticar os desvios e as mazelas de cunho social. Dessa maneira, os mais importantes motes editoriais desse tipo de publicação estavam vinculados à crítica política e à crítica social e de costumes. Tal conjuntura também se fez sentir na realidade de dois países de língua portuguesa que, apesar de separados por um oceano, tinham profundas tradições e raízes históricas em comum. Nesse sentido, em Portugal circulou variada gama de folhas caricatas, com destaque para as lisbonenses, secundadas pelas portuenses. Já no Brasil, tendo o Rio de Janeiro como caixa de ressonância, os jornais caricatos se espalharam pelas mais importantes cidades do vasto império tropical, transformado em república ao final dos Oitocentos.

Ao apresentarem sua versão caricatural ou mesmo suas apreciações de natureza moralizadora, mormente no que tange à crítica social e de costumes, os periódicos caricatos traziam em suas páginas os mais variados elementos constitutivos das sociedades nas quais circulavam. Não tão apegados ao formalismo editorial dos noticiosos, que tinham de manter uma conduta em geral regrada pela seriedade, os caricatos estabeleciam uma linguagem bem mais próxima do público leitor, com a utilização de variadas estratégias discursivas, como textos carregados de piadas, trocadilhos, poesias, diálogos, entre outros, e desenhos prenhes em representações e simbolismos. A partir de tais mecanismos discursivos e imagéticos, as folhas caricatas reproduziam em suas páginas muito daquilo que as sociedades comentavam no seu cotidiano, constituindo verdadeiros retratos caricaturados de determinadas realidades. Em meio a tal cadiño cultural, foram muitas as imagens criadas a partir da proposta editorial destas publicações e, dentre elas, estiveram aquelas ligadas às relações de gênero e, especificamente, à própria figura da mulher.

De acordo com tal perspectiva, o objetivo deste trabalho é apresentar as imagens estabelecidas a respeito da mulher pelas edições caricatas em duas capitais de países de língua portuguesa do século XIX – Lisboa e Rio de Janeiro. Este projeto foi promovido a partir da realização de um estágio pós-doutoral junto à Universidade Nova de Lisboa, sob a supervisão da Doutora Isabel Lousada, cujos esforços foram fundamentais para a concretização da pesquisa. Ainda que seus estudos sejam voltados essencialmente à análise das “vozes femininas”, Isabel Lousada aceitou, apoiou e encorajou a presente proposta que tem um outro viés, ou seja, observar as visões e versões acerca do feminino, notadamente elaboradas a partir de um olhar masculino, expresso nas folhas caricatas. Fica aqui

demarcado o sincero agradecimento à pesquisadora por aceitar, estimular e associar-se a esta empreitada¹.

Analisar as imagens estabelecidas acerca do feminino nas três últimas décadas do século XIX pela imprensa caricata lisbonense e carioca constitui uma meta de fôlego, daí a opção em realizar estudos de caso, abordando periódicos extremamente representativos daquilo que foi o “fazer jornalismo caricato” em Lisboa e no Rio de Janeiro nos Oitocentos. Nessa linha, o estudo recaí sobre o lisboeta *Antônio Maria* (e o título que lhe deu continuidade pelo breve período de um lustro – *Pontos nos ii*) e o carioca *Revista Ilustrada*. Ambos circularam entre os anos setenta do século XIX até praticamente o encerramento da centúria. Além disso, cada um deles representou o ponto alto de duas individualidades que podem ser qualificadas como os próceres da caricatura portuguesa e brasileira – Rafael Bordalo Pinheiro e Ângelo Agostini, dois artistas que transformaram a arte caricatural em seus respectivos países.

Evidentemente, as sociedades lisbonense e carioca tinham suas intrínsecas peculiaridades. Lisboa era a capital de um antigo reino que perdera muito de sua força no contexto europeu e cujo governo monárquico ainda sobreviveria até o século XX, havendo lentas transformações sociais em processo. Por outro lado, o Rio de Janeiro foi o centro administrativo de um império *sui generis* no continente americano e que viu a monarquia ser substituída pela república em 1889, acompanhando também as mudanças que se faziam sentir no âmbito social. Apesar de tais diferenças, o estilo e o norte editorial das publicações caricatas em destaque têm profundas similitudes que permitem a aproximação aqui estabelecida. O estudo voltou-se essencialmente aos textos associados às caricaturas ou reproduções e representações iconográficas, de modo que só foram destacados aqueles que se inter-

¹ Os originais deste livro ficaram prontos em 2017, mas, por motivos técnicos, só estão sendo lançados em 2020.

relacionaram aos registros pictóricos. Tal proposta é antecedida por um breve histórico dos periódicos e alguns apontamentos sobre o feminino na época em ênfase e, de acordo com os objetivos da *Coleção Documentos*, a opção foi por uma abordagem na forma de estudos de caso empreendidos a partir do levantamento documental, de modo que outras pesquisas complementares possam vir a ser entabuladas.

Rafael Bordalo Pinheiro empreendeu através da caricatura um ideário republicano e anticlerical e sua caricatura imortalizou a graça portuguesa, servindo o riso para combater o trono monárquico e os delírios políticos². Ele constituiu o grande mestre das artes oitocentistas e o humanista que soube auscultar as necessidades sociais de aliar as artes à indústria, à massificação da estética como forma de comunicação³. Atuou como um intrépido, infatigável e guerrilheiro da sátira⁴, combatendo constantemente o *status quo* monárquico. Bordalo trouxe em sua obra jornalística a silhueta da sociedade portuguesa no século XIX⁵. Nesse sentido, foi um artista originalíssimo, vindo a exercer profunda influência no seu meio e no seu tempo, através de toda a sua obra revolucionária⁶. Dessa maneira, a partir da prática de um jornalismo de opinião e de uma crítica filosófica, foi apontado por muitos como o verdadeiro pai da

² NEVES, Álvaro. *Rafael Bordalo Pinheiro – achegas para a sua biografia artística*. Lisboa: Tip. da Empresa *Diário de Notícias*, 1922. p. 8 e 10.

³ SOUSA, Osvaldo Macedo de. *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal – na monarquia (1847-1910)*. Lisboa: Humorgrafe; S.E.C.S, 1998. v. 1. p. 159.

⁴ FRANÇA, José-Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro: o português tal e qual*. 3.ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2007. p. 42.

⁵ FRANÇA, José-Augusto. *O essencial sobre Rafael Bordalo Pinheiro*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005. p. 13.

⁶ BRITO, J. J. Gomes de. *Rafael Bordalo Pinheiro*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1920. p. 12.

caricatura moderna o cenário lusitano⁷. Ao longo de sua obra, foi um cômico incomparável, e mais propriamente um descobridor e orquestrador de motivos risíveis⁸. Além disso, a influência social, nos vários ramos em que a exerceu, foi fecunda e, na política foi importantíssima, por vezes decisiva⁹.

Na composição de seus trabalhos, Bordalo manifestava vigorosamente, de uma forma impressionável, as suas faculdades perceptivas. Dava às suas figuras movimento, o segredo da vida, extraordinária graça nos contornos, intenção cósmica nas atitudes, indicando com segurança e largueza, as sombras e a luz, fazendo-as realçar com notável veracidade e relevo. Trazia em seus desenhos a expressão fisionômica e as posições grotescas que estavam em harmonia com os sentimentos que queria fixar, de modo que, com palpitante verdade reconhece-se a relação existente entre o traço e a palavra. Nesse sentido, ele foi um extraordinário metamorfoseador da máscara humana, a ponto de apresentar a mesma caricatura debaixo dos mais variados aspectos, reconhecendo-se em todos eles a personagem alvejada¹⁰. Seu desenho era executado e desenvolvido com tal poder que eram flagrantes não só a parecença física como as expressões psicológicas dos inúmeros retratos-charges que o seu prodigioso lápis fixou para a posteridade. Desse modo, a história da sociedade portuguesa do último quartel do século XIX, nos seus múltiplos aspectos, ficou toda documentada nos seus jornais humorísticos¹¹.

⁷ SOUSA, Osvaldo de (org.). *150 anos de caricatura em Portugal*. Porto: Rocha Artes Gráficas, 1997. p. 14.

⁸ PINTO, Manoel de Sousa. Bordallo e a caricatura. In: *Raphael Bordallo Pinheiro*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1915. p. XXI.

⁹ LIMA, Sebastião de Magalhães. *Rafael Bordalo Pinheiro: moralizador político e social*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925. p. 1.

¹⁰ FERRÃO, Julieta. *Rafael Bordalo Pinheiro e a crítica*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924. p. 12.

¹¹ FERRÃO, Julieta. *Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1945)*. Lisboa: Editora Litoral, 1946. p. 12-13.

O caricaturista lusitano fez uma síntese da intervenção político-panfletária dos primeiros satíricos, vindo a criar o tipo do humorista gráfico contemporâneo e estabelecendo uma dinâmica jornalística, humorística e estética, que implantaria a caricatura como uma necessidade social¹². Pinheiro orquestrava o grotesco, o cômico, a sátira e a ironia em uma harmonia que destruía os elementos agressivos da denúncia, para apresentá-los como verdades irrefutáveis no riso, ou seja, promovia um desmascarar, de forma inteligente e com consequências no atingido, transformado pensamento de opinião profunda. O peso do comentário de Rafael, como testemunho cheio de vida de uma época, confundiu-se com os próprios acontecimentos e individualidades, pois ele foi o ilustrador, o comentador e caracterizador de uma sociedade através da ironia. Como orientador de um novo estilo de sátira na forma de opinião, foi também o criador de um estilo estético marcante. Além disso, outro elemento inovador de âmbito gráfico que trouxe para os jornais estava no tratamento da paginação, uma vez que trabalhava a página como um todo, dialogando as legendas, as letras com a ilustração, criando-a como uma obra única¹³.

Nos desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro deu-se a cumplicidade do criador com a sua arte, em uma vivência circular que deu origem a uma cumplicidade histórica, pois a própria história estabeleceu uma continuidade, para além das alterações conjunturais, as quais não destroem os processos míticos e respeitam os arquétipos, de maneira que sua obra perpetuou-se além de sua própria vida¹⁴, notadamente a partir das influências que exerceu na arte caricatural. Sua obra constitui-se de grandes páginas de notável composição ou pequenas vinhetas

¹² SOUSA, Osvaldo Macedo de. *Dois humoristas portugueses*. Sintra: ADFA, 1997. p. 10.

¹³ SOUSA, Osvaldo de. *A caricatura política em Portugal*. Lisboa: Salão Nacional de Caricatura, 1991. p. 31 e 35.

¹⁴ FRANÇA, José-Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro: o português tal e qual*. 3.ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2007. p. 286-287.

prodigiosamente caracterizadas ou, ainda, bandas desenhadas narrativas, com perfeita situação cênica das suas personagens, e, sobretudo, o sentido do retrato e da caricatura, penetrada de um profundo comentário social e psicológico¹⁵. Ainda que a subjetividade da caricatura refletisse os pontos de vista de seu autor, o seu modo de estar na vida, as suas convicções políticas e religiosas, a obra de Bordalo Pinheiro não deixou de fornecer ao seu tempo um sistema de sinais e uma estrutura retórica que constituiriam elementos preciosos para o entendimento da vida política, social e cultural do último quartel do século XIX¹⁶.

A carreira de Bordalo Pinheiro foi marcada pela edição de vários periódicos caricatos, mas um dos pontos mais altos deu-se a partir de 12 de junho de 1879, quando começou a publicar o *Antônio Maria*. O título do semanário é uma alusão ao político português Antônio Maria de Fontes Pereira de Melo, alvo das críticas do artista e que se tornou, estivesse no governo ou na oposição, uma figura praticamente onipresente nas páginas do jornal¹⁷. Na apresentação, o periódico dizia que seu título não tinha pretensões de epígrama, representando antes de tudo um símbolo, em referência à crítica política. *O Antônio Maria* anunciava ainda que intentava ser a síntese do bom senso nacional, tocado por um raio alegre do bom sol peninsular e propunha-se a fazer todas as diligências para ter razão, empregando ao mesmo tempo esforços titânicos para, de quando em quando, ter graça. Em termos políticos, afirmava que não teria outro remédio que não fosse, na maioria dos casos, ser oposição declarada e franca aos governos e

¹⁵ FRANÇA, José-Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro: caricaturista político*. Lisboa: Terra Livre, 1976. p. 22.

¹⁶ PROENÇA, Maria Cândida & MANIQUE, Antônio Pedro (orgs.). *O Antônio Maria, a Paródia, Rafael Bordalo Pinheiro*. Lisboa: Publicações Alfa, 1990.

¹⁷ PROENÇA & MANIQUE, 1990, p. 10.

oposição aberta e sistemática às *oposições*, o que não o impossibilitaria de ser amável uns dias por outros, e cheio de cortesia em todos os números¹⁸.

A recém-fundada publicação caricata declarava ainda que não seria um romântico e, portanto, não encheria as suas colunas de versos para piano, nem cultivaria o necrológio com extrema predileção. Alinhavava que não vinha possuído do extremo desejo de derrubar as instituições vigentes ainda em um mês, não só por que isso faria algum transtorno às referidas instituições, mas também por que seria importante que elas adquirissem primeiramente a assinatura da folha. Dizia também que não lhe dominava o espírito monopolizador que tanto caracterizava o comércio das letras, de maneira que abria os braços a todos os confrades que soubessem ler e escrever, ou que tivessem a ciência de assinar de cruz, pedindo-lhes a honra de o fazerem depositário dos segredos do seu espírito. Metamorfoseando o seu próprio título, o periódico afirmava que *Antônio*, o justo e *Maria*, a imaculada recomendavam a graça a seus leitores, por ser uma coisa que, de mais a mais, não custava nada. Finalmente, a apresentação era concluída pela afirmação de que o novo hebdomadário pretendia, em prosa e verso, à pena e a carvão, traçar a silhueta da sociedade portuguesa¹⁹.

Naquele final da década de 1870, dava-se a revolução satírica na carreira de Rafael, iniciando-se assim o seu destino de reformador do desenho satírico de imprensa em Portugal, projetando-se para o âmbito das artes maiores do jornalismo e da estética. Ele foi contundente nas críticas políticas, mas se mantendo como diletante e apaixonado pela cultura e pelo espetáculo, de forma que o novo jornal viria a refletir todo um olhar descarnado da sociedade. *O Antônio Maria* apesar de ser essencialmente obra de Bordalo Pinheiro, teve importantes colaboradores literários e foram significativas estas colaborações

¹⁸ O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 12 jun. 1879. A. 1. N. 1. p. 2.

¹⁹ O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 12 jun. 1879. A. 1. N. 1. p. 2.

diretas, contudo Rafael usou sempre outros colaboradores indiretos para ter um humor mais direto e objetivo. Como grande conversador, apaixonado pela cavaqueira de café, de botequim, de corredores dos teatros, o caricaturista aproveitava esses diálogos para sentir as reações da sociedade²⁰.

O Antônio Maria foi editado até janeiro de 1885, quando seu editor anunciaava o término da publicação, demonstrando ferrenha indignação com os tradicionais políticos monárquicos e mesmo insatisfação para com os republicanos²¹. Assim, a vida do periódico teve uma morte súbita, em um dos repentes do mestre que, nesse caso, deu-se como um protesto pessoal de Rafael. Diante de um terremoto nas terras da Andaluzia, com muitas vítimas e estragos materiais, o caricaturista resolveu apoiar a ideia de um peditório a favor das vítimas através dos jornais, sem qualquer ideário político, mesmo só de solidariedade popular. Mas a iniciativa foi proibida pelo governo, surgindo um abaixo-assinado entre os jornalistas contra a prepotência governamental. Bordalo chegou a propor uma greve geral da imprensa, mas seus colegas retraíram-se, deixando-o sozinho. Com certa desilusão, Pinheiro daria seus primeiros passos em direção a outra de suas paixões, a arte cerâmica²².

Mas o afastamento das lides jornalísticas não duraria muito e, em seguida Bordalo retomaria suas atividades com a fundação do *Pontos nos ii*, que se tratava de uma continuidade do *Antônio Maria*, com outro título, este alusivo à expressão cujo significado era o de analisar e esclarecer determinada circunstância com argúcia. A folha manteria as mesmas características e linha editorial do semanário que substituía e circulou em Lisboa entre 7 de maio de 1885 e 5 de fevereiro de 1891. Em sua apresentação, o hebdomadário mostrava uma historieta

²⁰ MASCARENHAS, João Mário. *Rafael Bordalo Pinheiro: o cidadão e o artista: cronologia do inventor do humor português*. Lisboa: Câmara Municipal, 2005. p. 9 e 20.

²¹ O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 21 jan. 1885. A. 7. N. 3. p. 1 e 16.

²² MASCARENHAS, 2005, p. 25-26.

de Maria que, viúva havia três meses de Antônio, em uma referência à publicação anterior, resolvera tocar a folha sozinha. Dizia que sua meta era a de fazer rir sem descanso, de boca escancarada até mostrar o cavername, de todos os mil grotescos que fervilhavam pelo país, como formigas num açucareiro e, com tais galhofeiras disposições vinha à presença do público ilustrado pedir vênia para patentear – em doses mais homeopáticas possíveis – todos os patuscos acontecimentos de que tomara nota no canhengo do seu Antônio, desde o dia em que ele fora chamado abaixo²³. *O Pontos nos ii* prosseguiria o seu percurso como continuador do *Antônio Maria*, mudando o título, não a filosofia, nem o interesse do público por se manter informado, com bom humor²⁴.

A grave crise que afetou a monarquia portuguesa a partir do ultimato britânico que arrebatava a Portugal parcela de suas possessões na África e da consequente revolução republicana no Porto levaria a uma política repressiva em relação à imprensa, vindo o governo a suspender a edição do *Pontos nos ii*. Diante de tal circunstância, criar um novo jornal poderia afastar algum público menos informado, ou ainda incentivar a censura, diante do que Pinheiro resolveu recuperar o velho título, relançando a 5 de março de 1891 o *Antônio Maria*²⁵. Na edição de reinauguração, em clara referência à coerção governamental, a redação afirmava que o periódico estivera interrompido durante alguns anos por muitas e complicadíssimas razões de família, que as conveniências policiais e a razão de Estado não permitiriam que se tornassem públicas. Ao retornar, *O Antônio Maria* reapresentava-se ao público em uma divertida conversa entre Antônio, o moderado, e Maria, a irascível, a qual, até então, estaria a orientar o *Pontos nos ii* e retomava alguns dos elementos programáticos estabelecidos à época da sua

²³ PONTOS NOS ii. Lisboa, 7 maio 1885. A. 1. N. 1. p. 1-2.

²⁴ MASCARENHAS, 2005, p. 27.

²⁵ MASCARENHAS, 2005, p. 32.

gênese²⁶. O “antigo-novo” periódico sobreviveria até dezembro de 1899, com suas edições cada vez mais rarefeitas, tendo em vista o maior interesse de Bordalo Pinheiro em suas atividades junto à indústria cerâmica.

Do outro lado do Atlântico, um artista italiano, mas brasileiro por adoção, desempenhava seu papel na propagação da arte caricata em meio aquele original império tropical. Ângelo Agostini, após atuar em várias folhas caricatas em São Paulo e no Rio de Janeiro, passava a publicar uma das mais importantes publicações de seu gênero no contexto brasileiro, a *Revista Ilustrada*. Chamado de o repórter do lápis, Agostini foi jornalista, editor e militante político, mas foi como ilustrador e caricaturista que se consagrou, sendo apontado como um dos inventores mundiais das histórias em quadrinhos. Foi o artista mais atuante de sua época, tendo produzido cerca de 3.200 páginas ilustradas, vindo a engajar-se muito bem com a conjuntura política da época, pois além de retratar em suas charges uma postura anticlerical, participou intensamente do debate e dos movimentos abolicionista e republicano²⁷.

A produção de Ângelo Agostini, além de extensa, adquiriu características diversas e acentuou sua principal habilidade, a de sensível cronista visual. Ainda que mantivesse o traço acadêmico que marcava sua obra, ele chegaria ao limite da linguagem e do estilo que escolhera. Elaborou capas e cartazes, passando por histórias em quadrinhos, reconstituições de crimes, documentação do cotidiano da cidade, alegorias, crítica cultural, retratos, caricaturas e charges, de modo que praticamente não houve campo da expressão gráfica desenhada de então em que o artista não se manifestasse. Ele envolveu-se em polêmicas várias, atacou, foi atacado, tornou-se personagem da vida social e defendeu seu ponto de vista,

²⁶ O ANTONIO MARIA. Lisboa, 5 mar. 1891. A. 7. N. 294. p. 1-2.

²⁷ COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012. p. 249.

tendo suas publicações como trincheira²⁸. Agostini, artista extraordinário, engrandeceu as suas criações com o sentido político que lhes deu, já que ninguém manejou o lápis como arma no nível e com a eficácia do ilustrador meticoloso, que apanhava com o seu traço inconfundível não apenas os detalhes que a observação colhia, mas a profundidade e a significação que se exteriorizava nesses detalhes. Desse modo, o caricaturista foi sem a menor dúvida, uma das maiores figuras da imprensa brasileira em todos os tempos²⁹.

Além das folhas que editou, Ângelo Agostini colaborou com inúmeros jornais de sua época³⁰ e, junto de seus colegas, coube-lhe o mérito de registrar, sob a ótima do humor, o período mais tumultuado da monarquia brasileira³¹. Sua formação artística é europeia, mas sua arte moldou-se ao Brasil, onde se naturalizou por volta de 1888. Sua carreira revelou um genial caricaturista, tornando-se a figura mais emblemática de caricatura brasileira oitocentista. Exerceu papel fundamental nas grandes campanhas políticas da época, em uma carreira que atravessou quase meio século de imprensa, constituindo um artista cujo nome deve constar, por sua importância, na história da caricatura universal. Agostini revolucionou a caricatura nacional, por suas ideias liberais, antiescravistas e republicanas, que inspiravam sua atividade jornalística contra a escravidão e o clero conservador, campanhas que obtiveram reflexos e alcance em todo o país. O traço do artista, atribuído à escola realista e naturalista, tinha um estilo de grande comunicação, crítico e contundente, alcançando, assim,

²⁸ MARINGONI, Gilberto. *Angelo Agostini: a imprensa ilustrada da Corte à Capital Federal, 1864-1910*. São Paulo: Devir Livraria, 2011. p. 85.

²⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 217-218 e 220.

³⁰ FONSECA, Gondin da. *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*. Rio de Janeiro: Livraria Quesada, 1941. p. 407.

³¹ TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. 2.ed. São Paulo: Documentário, 1976. p. 12.

grande popularidade, estabelecendo-se como o autor de uma obra de vanguarda artística e humanitária³².

O caricaturista ítalo-brasileiro capturou o caráter pitoresco da vida brasileira, pois, o que constituiria seu padrão de glória mais alta haveria de ser o instantâneo da composição, a segurança e a beleza do modelado, o tumultuoso rebuliço de certas cenas, o teor da vida concentrado em quaisquer detalhes e, acima de tudo, a admirável harmonia do conjunto que nunca se desequilibrava, por mais compacta a alegoria, na impressiva caracterização de uma figura ou de uma situação. Ele atuou em uma época na qual o ilustrador de jornal tinha de ser onímodo, tanto a fisgar os títeres locais pela gola, para o piparote da crítica jocosa, como registrando noitadas teatrais e sessões cívicas, passeatas e procissões, ou trazendo a público, em reconstituições sensacionais, a crônica dos crimes e fatos de escarcéu. Dessa maneira, durante quase meio século, esse formidável polemista do lápis, sem descanso nem folga, sempre se afirmou como irreverente fustigador de homens e de costumes, em milhares de charges na época em coisa alguma inferiores às melhores dos seus contemporâneos europeus³³.

A produção artística de Agostini bem revelava que na obra do caricaturista transluz mais diáfana a alma de cada nação, uma vez que o modo de pensar coletivo reflete-se em tiques no rir dos seus humoristas. Durante sua longa carreira, a sua voga foi larga a ponto de permitir ao desenhista viver do produto das assinaturas, durante longos anos, sem arrimar-se às muletas da cavação. Desse modo, sua obra constitui um documento retrospectivo da formação

³² MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012. p. 196, 198, 210 e 212.

³³ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 2. p. 784, 786, 787 e 788.

brasileira, cujo valor cresceria com o tempo³⁴. Nesse sentido, aqueles que quiserem estudar a história brasileira devem recorrer forçosamente a esse colossal fabulário a esfuminho, presente nas páginas da lavra de Ângelo Agostini, nas quais o gênio da caricatura perpassa de contínuo fixando, para gáudio do leitor da época e subsídio do historiador do futuro, as mazelas dos próceres nacionais. Ele elaborou centenas de charges e alegorias da mais vigorosa linguagem plástica e do mais sugestivo simbolismo. Observou agudamente homens e coisas, fatos e hábitos, as contingências do meio e do momento, exigindo corretivo mais enérgico do que a simples apresentação grotesca de quadros locais. Exerceu enorme influência entre seus contemporâneos brasileiros de norte a sul, atuando como infatigável comentarista do lápis, precursor da caricatura brasileira, mestre de sua arte, entre os maiores do seu tempo, na imprensa universal³⁵.

No primeiro dia do ano de 1876, Ângelo Agostini fundou um de seus mais importantes e perenes projetos, a *Revista Ilustrada*, um dos grandes acontecimentos da imprensa brasileira, a qual atingiu enorme popularidade, chegando sua tiragem a quatro mil exemplares, índice até aí não alcançado por qualquer periódico ilustrado da América do Sul. Ela era regularmente distribuída em todas as províncias e nas principais cidades do interior, com assinatura por toda parte³⁶. Na *Revista* aparecia uma crônica do cotidiano e de costumes, estabelecendo uma proximidade com o leitor, criando com este uma comunicação direta e espontânea, impregnada ora de delicadeza, ora de humor, ora de atrevimento. Além disso, as charges e caricaturas de Agostini capturavam a atenção do público, referindo-se a personagens reais, com o relato gráfico do

³⁴ MONTEIRO LOBATO, José Bento. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. 2.ed. São Paulo: Edição da *Revista do Brasil*, 1920. p. 16 e 33.

³⁵ LIMA, 1963. v. 2. p. 790, 792, 794, 795 e 802.

³⁶ SODRÉ, 1999, p. 217.

humor e uma narrativa eloquente. Nesse sentido, como publicação de conteúdo artístico, literário, econômico, político e social, a *Revista Ilustrada* destacou-se no meio jornalístico em que se inseriu pela impertinência no modo como abordava os temas nela tratados, já que, com bom humor, desferia suas farpas sobre fatos considerados suspeitos ou inadmissíveis na boa conduta³⁷.

Desde o início, a *Revista* atingiu significativo sucesso que se consolidou com o passar do tempo, vindo a constituir o periódico ilustrado satírico que obteve a maior popularidade do século XIX³⁸. A trajetória da publicação seria singular, tanto por sua longevidade, quanto pela importância que assumiu. Ângelo Agostini deu início aquela que se tornaria a mais dedicada publicação satírica de todo o período imperial e um marco na história da imprensa brasileira, pois a *Revista* não apenas exibiu o melhor da produção do caricaturista, como se tornou um referencial político e cultural decisivo na jornada de lutas mais importante do período – a campanha abolicionista. Seu sucesso foi tamanho que durante a maior parte de sua existência, ela conseguiu manter-se sem recorrer a anunciantes ou subsídios oficiais³⁹. Com a *Revista Ilustrada*, Agostini atingiu o clímax de sua trajetória, exercendo influência na opinião pública nacional⁴⁰.

Desse modo, a *Revista* pode ser considerada como um órgão de destaque entre a imprensa caricatural de seu tempo, servindo como repositório de pensamentos e ideais presentes no meio político, artístico, cultural e literário. Tal publicação conquistou o apoio e a preferência de seu público graças à

³⁷ SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D'O Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. p. 221 e 229.

³⁸ MOREL, Marco & BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 69.

³⁹ MARINGONI, 2011, p. 85.

⁴⁰ MAGNO, 2012, p. 208

irreverência, impertinência com que discutia temas sérios, apresentando-os ao leitor por meio de caricaturas e textos irônicos, bem-humorados, que tinham por objetivo tornar a discussão dos fatos menos enfadonha e granjear adeptos para os posicionamentos e ideais por ela defendidas⁴¹. A *Revista Ilustrada* foi o maior documentário ilustrado que qualquer período da história brasileira conheceu, acrescentando à criação, a superioridade de arte participante. Agostini foi dos mais expressivos exemplos de como a militância política poderia enriquecer, ampliar e multiplicar o efeito das criações artísticas autênticas sendo, ainda, dos mais brasileiros dos artistas que conheceram e estimaram o quadro nacional, porque sentiu, compreendeu e expressou não apenas o que era característico dos brasileiros, daí a sua autenticidade, mas aquilo que representava o conteúdo do característico, isto é, o popular⁴².

Ao apresentar-se em seu número inaugural, a *Revista* exclamava que abrissem caminho bem franco para mais um campeão que se apresentava na arena, de lápis em riste, pronto a combater os abusos, de onde quer que eles viessem, e a distribuir justiça com a hombridade de Salomão. Revelando sua experiência nas lides jornalísticas, o redator destacava que ele não era nenhum calouro, que pretendesse entrar com pés de lã na contenda jornalística para afinar a sua voz pelo diapasão da grande orquestra da imprensa humorística carioca. Inclusive, enfatizava que se dava o contrário, por tratar-se de um veterano, já muito calejado nas lides semanais que voltava resfolgado à cena. Dizia que seu programa é dos mais simples, podendo ser resumido em poucas palavras: falar a verdade, sempre a verdade, ainda que por isso lhe caísse algum dente. Perguntava se os leitores estariam prevenidos, pois quem se zangasse com ele poderia ficar certo de perder o seu latim⁴³.

⁴¹ SANT'ANNA, 2011, p. 256 e 266.

⁴² SODRÉ, 1999, 218.

⁴³ REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 1º jan. 1876. A. 1. N. 1. p. 2.

E a *Revista* enfrentaria várias batalhas, firmando-se como o periódico caricato que mais influenciaria as publicações de seu gênero ao longo do território brasileiro. Suas caricaturas, por vezes contundentes, puseram a nu os traços grotescos da classe dominante brasileira, suas irremediáveis mazelas, seus atraso insuportável, e o vazio triste dos ornamentos, dos artifícios, dos disfarces com que se apresentava, buscando aparentar grandeza. Ângelo Agostini enobreceu a sua profissão e assinalou, notadamente com a *Revista Ilustrada*, um dos grandes momentos da imprensa brasileira. A coleção dessa revista constitui um dos mais preciosos mananciais pra o estudo de uma época da formação histórica brasileira, insubstituível sob todos os títulos, informativa como poucos livros e enriquecida pela posição combativa do artista extraordinário que acrescentava à qualidade de suas criações, jamais excedida em seu tempo, o conteúdo de participação, a que não faltou em tempo algum⁴⁴.

A *Revista Ilustrada* teria uma longa vida, circulando até agosto de 1898. Mas não foi com seu fundador que ela seguiu até o fim, pois, no auge da fama, aclamado com um dos artífices da abolição, Agostini se envolveu em um escândalo familiar e, em outubro de 1888, seguia para uma espécie de exílio forçado na França. Tinha planos para uma curta estadia, mas só retornaria ao Brasil no final de 1894, sem mais voltar para a *Revista*, vindo inclusive a fundar outra folha ilustrada. A *Revista* continuou sem ele, e por um bom tempo conseguiu manter o nível, mas aos poucos esvaziou a forma, sucumbiu à política da cavação, perdeu credibilidade e importância. Além disso, os tempos também eram outros, já que os artífices da república, instalada em novembro de 1889, não herdaram a tolerância da monarquia e os ventos da liberdade de imprensa se tornavam coisa do passado⁴⁵. Dessa maneira, Agostini acompanhou a vitória de

⁴⁴ SODRÉ, 1999, p. 218 e 220.

⁴⁵ COSTA, 2012, p. 347 e 412

uma de suas campanhas, a da abolição da escravatura, mas não conviveu diretamente com a derrocada definitiva da monarquia.

Quando da proclamação da república, Ângelo Agostini já se encontrava em seu autoexílio na França. Mesmo não estando na direção, seu nome continuou por muito tempo aparecendo no cabeçalho da *Revista*, ao menos na condição de fundador. Sob a nova direção a *Revista Ilustrada* não se posicionou contra o sistema republicano recém-implantado, deixando de mostrar, conforme esperavam seus leitores, as falhas do novo governo. Tal ausência de um procedimento mais crítico deveu-se ao posicionamento favorável à forma de governo instaurada, de modo que, com o afastamento de Agostini, a folha sofreu gradualmente algumas transformações de caráter ideológico e doutrinário, perdendo boa parte de seu espírito de combatividade, silenciando-se diante de fatos governamentais que deveria ter questionado. A publicação manteve-se alheia a debates que os desmandos do regime republicano suscitavam, bem como se esqueceu dos anseios do público que sustentara durante tanto tempo a sua edição e, provavelmente, também tenha sido esquecida por esse, vindo a encerrar suas atividades em agosto de 1898. Assim, a folha perdeu gradualmente parte de seu espírito de combatividade e adotou um procedimento mais de parceria do que crítico em relação ao governo republicano implantado. Afastou-se, portanto, dos interesses de seu público e, por consequência, perdeu boa parte do apoio que este a concedia, encerrando suas atividades⁴⁶.

A partir da mudança na forma de governo brasileira e da ausência de Agostini, ficara faltando algo na edição da *Revista Ilustrada*. Tal diferença possivelmente tivesse relação com a inexistência de uma grande campanha a galvanizar emoções e pensamentos, como ocorreria à época da luta pela abolição. A publicação passava a não ir bem, a partir de 1891 a periodicidade começava a se

⁴⁶ SANT'ANNA, 2011, p. 240 e 266.

tornar irregular, sendo comum haver até duas semanas seguidas em que não dava as caras aos leitores, com frequentes interrupções e progressiva diminuição de números editados por ano. Com a república, as sucessivas edições exibiam textos e desenhos que beiravam à adulção aberta, ou seja, de veículo razoavelmente autônomo, a *Revista* passava a fazer a crônica de personagens do universo palaciano. Tratava-se de uma visão do mundo sem conflitos, de uma dinâmica histórica feita por supostos consensos, na qual não haveria razões para divergências ou contestações⁴⁷. Nessa linha, o periódico tornara-se uma publicação de franco adesismo e um instrumento de apoio ao governo republicano⁴⁸. Sem a criatividade de seu fundador e perdendo sua seiva editorial combativa, a *Revista Ilustrada* viria a minguar progressivamente até o seu desaparecimento.

Entre o *Antônio Maria/ Pontos nos ii* e a *Revista Ilustrada* houve uma série de similitudes. Tanto os dois periódicos portugueses em continuidade como a folha brasileira circularam nas capitais dos respectivos países e exerceram indelével influência nas demais publicações caricatas lusas e brasileiras. Tais folhas foram comandadas por gênios da arte caricatural, os mais notáveis de seu tempo, em cada um dos contextos nacionais. O intercâmbio intelectual brasileiro-lusitano era então uma realidade, tanto que Bordalo Pinheiro chegou a trabalhar no Brasil, época na qual teria chegado a manter certa polêmica com o próprio Agostini. Ambos os caricaturistas foram inovadores e criaram estilos inconfundíveis e inexoravelmente marcantes. Ângelo Agostini foi um dos pioneiros em termos de histórias em quadrinhos, criando personagens como “Nho-quim” e “Zé Caipora”, cujas aventuras foram admiradas pelos leitores, além disso, estabeleceu a figura indígena como símbolo do povo brasileiro, alegoria repetida à extenuação pela caricatura nacional. Rafael Bordalo Pinheiro também

⁴⁷ MARINGONI, 2011, p. 154-156.

⁴⁸ MAGNO, 2012, p. 215.

criaria uma série de personagens inesquecíveis, sendo o de maior relevo o “Zé Povinho”, estereótipo do povo português e que ganharia uma amplitude extraordinária como representação imagética. Finalmente, as duas publicações lisbonenses e a carioca representaram pontos altos da carreira de Bordalo e Agostini e, à medida que eles se afastaram das mesmas, progressivamente elas foram desmilinguindo até desaparecer.

No que tange às imagens do feminino, houve uma relevante presença junto à imprensa caricata lisbonense e carioca, através do *Antônio Maria/ Pontos nos ii* e da *Revista Ilustrada*. Foram muitas e diversificadas as mulheres que se fizeram presentes nas páginas ilustradas. Muitas delas eram personagens específicos, denominadas e delimitadas em um certo tempo/espaco. Uma das grandes presenças de representantes do sexo feminino em tais folhas foram as atrizes, uma vez que tais periódicos tinham uma predileção especial em cobrir a vida teatral das capitais lusa e brasileira. Havia também uma larga utilização da figura feminina como representação iconográfica, ou seja, as mulheres apareciam como símbolos e/ou alegorias. Nesse sentido, imagens femininas eram desenhadas para representar uma enorme variedade de sentidos, como municipalidades, províncias, a própria nação, a liberdade, a revolução, a república, a religião, a constituição, a política, entre tantos outros significados.

Nesse trabalho, o intento primordial é apresentar a imagem feminina construída pelo traço da caricatura lisboeta e carioca, mas não as representações simbólicas ou as pessoas identificadas com personagens públicos específicos. As mulheres aqui destacadas são aquelas que não possuem necessariamente um nome, ou, se o tem, pode ser um genérico ou fictício. São figuras femininas em essência, ou seja, aquelas que serviam para estabelecer estereótipos acerca da mulher em meio à sociedade lusa e brasileira. Através de seu olhar crítico/moralizador, os caricatos expressavam as visões criadas a respeito das mulheres, refletindo as conversas do cotidiano, os ditados populares, os

comentários jocosos, os repetidos axiomas, de modo que tais impressões vinham à tona a partir da observação calcada no humor e em geral masculina expressa por tais jornais.

Ainda que aquelas décadas finais do século XIX fosse uma época de transformações sociais tanto na conjuntura portuguesa quanto na brasileira, havendo inclusive mudanças quanto ao próprio papel da mulher na sociedade, a imprensa caricata lisbonense e carioca revelava uma perspectiva mais conservadora, aferrada ainda à função social feminina articulada essencialmente às atuações como esposa e mãe, restando um olhar crítico ou ao menos de censura para os comportamentos diferenciados. Não deixava de ser contraditório que as publicações de Bordalo Pinheiro e Ângelo Agostini, defensores de reformas mais radicais em termos políticos, como foi o caso do republicanismo, e até sociais, o abolicionismo, e que viam com bons olhos a profissão de atriz, inclusive defendendo a sua integridade moral, em relação às maledicências, apresentassem um certo conservantismo quanto aos progressos sociais das mulheres. Mas tais incongruências reproduziam as próprias idiossincrasias da sociedade como um todo e as dificuldades em assimilar as transformações pelas quais estava passando o lugar social do feminino naquele determinado momento.

Em tais periódicos aparecia a perspectiva de refletir sobre os mecanismos da percepção das mulheres pelos homens, uma vez que a mulher não deixaria de existir sem a sua imagem. Nesse sentido, as mulheres tornavam-se símbolos, ou seja, eram musas das belas artes, ilustrações, personagens de romance e gravuras de moda, reflexo ou espelho do outro. Com base em tais imagens elas mudavam também a si próprias, pela consciência de que se tratava de uma armadilha, pois não existiria feminino sem a sua caricatura, ou seja, sem que fossem denunciados os seus excessos de expressão ou de comportamento. Ainda no que tange à imagem, tornavam-se também significativos os códigos e as representações

iconográficas que apareciam igualmente interrogados sob o ângulo da diferença entre os sexos⁴⁹. No *Antônio Maria/ Pontos nos ii* e na *Revista Ilustrada* tais representações e simbolismos acerca do feminino ganhavam relevo.

Prevalecia ainda o ideal feminino da esposa e mãe, votada ao lar e à família, o qual estava profundamente entranhado no imaginário coletivo da época. Ao longo do século XIX, se formalizava e se estabelecia a ideologia da domesticidade, a qual ia assumindo contornos distintos à medida que incorporava novas funcionalidades, adequando-se às exigências do progresso social⁵⁰. Nesse quadro, a família constituía o cenário fundamental da movimentação feminina, estando relacionados direta ou indiretamente a tal instituição os diversos papéis e os padrões de comportamento que a mulher desempenhava ao longo das diferenças faixas de idade⁵¹. Tratava-se, portanto de um momento histórico no qual foi determinante da importância crescente atribuída ao papel da mãe, educadora das crianças e responsável, em última análise, pelo ambiente familiar. A imagem materna era valorizada pela responsabilidade que lhe fora atribuída na educação da criança, na gestão da economia familiar e na moralização dos hábitos⁵².

⁴⁹ FRAISSE, Geneviève & PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdades. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dir.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1994. p. 13-14.

⁵⁰ VAQUINHAS, Irene & GUIMARÃES, Maria Alice Pinto. Economia doméstica e governo do lar. Os saberes domésticos e as funções de dona de casa. LOPES, Maria Antónia. As grandes datas da existência: momentos privados e rituais públicos. In: VAQUINHAS, Irene (coord.). *História da vida privada em Portugal – a Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011. p. 194 e 196.

⁵¹ LEITE, Miriam Lifchtz Moreira; MOTT, Maria Lucia de Barros & APPENZELLER, Bertha Kauffmann. *A mulher no Rio de Janeiro no século XIX – um índice de referências em livros de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982. p. 8.

⁵² SILVA, Luisa Ferreira da. *Entre marido e mulher alguém mete a colher*. Cerqueda-Arnoia: À Bolina, Editores Livreiros, 1995. p. 46.

Nos Oitocentos havia ainda uma fixação da mulher ao lar, como a dona de casa, revestindo-se a educação doméstica de gravidade, defendendo-se o predomínio da virtude⁵³. Mesmo que houvesse periódicos que já pregavam versões alternativas quanto ao papel da mulher, em uma significativa gama dos representantes do jornalismo privilegiava-se a educação dos sentimentos e dos comportamentos em função da família, das atividades do coração e não da razão, por se quererem as mulheres úteis naquele sentido, uma vez que não se desejava que elas estivessem fora da órbita das suas atividades tradicionais⁵⁴. Ocorria então um reforço da estrutura da família nuclear, unificada e hierarquizada a partir do poder marital⁵⁵. Nesse contexto, a mulher deveria manter um comportamento condizente com a imagem de honradez e decência femininas, quando “respeitável” era sinônimo de “recatada”⁵⁶. Assim, considerava-se axiomático que a função social da mulher era a de ser esposa e mãe e que para desempenhar este papel necessitava, sobretudo, de valores morais e sentimentais. Ela era considerada o *anjo do lar*, e sua finalidade seria a de criar um ambiente de amor e virtude para a sua família, um refúgio onde o seu marido se poderia proteger do mundo atribulado da política e dos negócios⁵⁷.

Qualquer desvio de tal conduta era observado com restrições, de modo que nos caricatos também era apresentada uma versão dicotômica para com o feminino, ou seja, de um lado estava a mulher idealizada como perfeita, desde que

⁵³ LUCCI, Eduardo Schwalbach. *A mulher portuguesa*. Porto: Livraria Chardron, 1916. p. 26.

⁵⁴ LOPES, Ana Maria Costa. *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Lisboa: Quimera Editores, 2005. p. 205.

⁵⁵ CATROGA, Fernando. *A laicização do casamento e o feminismo republicano*. Coimbra: Coimbra Editora, 1986. p. 7.

⁵⁶ QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de mulher: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viageiros do século XIX*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 42.

⁵⁷ VAQUINHAS, Irene. “*Senhoras e mulheres*” na sociedade portuguesa do século XIX. Lisboa: Colibri, 2000. p. 27.

atrelada ao papel de esposa e mãe e, de outro, aquelas que não se direcionavam plenamente em tal direção. Apareciam então olhares positivos e negativos quanto à mulher, construindo imagens que iam da angelical à demoníaca. Dessa maneira, os arquétipos femininos eram muito mais do que o reflexo dos ideais de beleza, pois constituíam modelos de comportamento e a sua capacidade de persuasão, embora específica das artes visuais, era ativada pelo seu contexto cultural. Tais representações organizavam a feminilidade em torno de dois polos opostos: um normal, ordenado e tranquilizador, o outro desviante, perigoso e sedutor⁵⁸, ou seja, revelavam dois modelos de tipos femininos: o anjo e o demônio, a mulher inocente, frágil, por oposição à mulher fatal e maléfica⁵⁹. Eram assim representações ambivalentes da mulher – anjo ou demônio, luz ou trevas, poder criador ou poder satânico⁶⁰. Tal duplicidade feminina tornou-se um tema recorrente, pois o século XIX parecia obcecado pela versatilidade dessa criatura complexa, capaz de reunir o melhor e o pior, podendo ser anjo e demônio ao mesmo tempo⁶¹.

Dessa maneira, em essência, as folhas caricatas ainda manifestavam certa preferência pela imagem da mulher associada às lides domésticas e à maternidade. Nessa linha, os jornais refletiam certas narrativas do universo luso-brasileiro, as quais revelavam a constante intenção de delimitar o papel das mulheres, normatizar seus corpos e almas, esvaziando-as de qualquer saber ou poder ameaçador e domesticando-as dentro da família⁶². Os comportamentos

⁵⁸ HIGONNET, Anne. Mulheres e imagens. Aparências, lazer, subsistência. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dir.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1994. p. 298-299.

⁵⁹ BESSE, Maria Graciela. *Percursos no feminino*. Lisboa: Ulmeiro, 2001. p. 25.

⁶⁰ VAQUINHAS, 2000, p. 21.

⁶¹ PRIORE, Mary del. *Histórias e conversas de mulheres*. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2014. p. 54.

⁶² PRIORE, Mary del. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Brasília: Edunb; Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. p. 17.

desviantes eram encarados com a censura moralizadora e/ou a crítica jocosa, de modo que nas páginas das folhas caricatas muitas vezes apareceu a versão dicotómica da mulher “boa” ou “má”, “celestial” ou “infernal”. Tais versões, que contrapunham o idealizado com a concretude do real, mostraram diversificadas facetas do feminino no universo brasileiro-lusitano daquelas décadas finais do século XIX. Dentre essas representações as mais constantes foram aquelas que associaram as mulheres a questões em torno da aparência e da moda. Outra abordagem recorrente era a das relações de gênero, envolvendo as interações entre feminino e masculino, trazendo à tona elementos constitutivos dos alcances e limites das relações a dois, normalmente enquadrados a partir dos encantos do namoro às desilusões do casamento. Houve também algum espaço para observar outros caminhos para o feminino que não fosse o matrimônio, caso da prostituição, normalmente vista pelo prisma censório-moralizador. Finalmente, também chegaram a ser discutidas as transformações do papel social da mulher, sem que deixasse de se manifestar a preeminência da perspectiva tradicional.

Um ponto fundamental nas construções imagéticas e discursivas acerca da mulher nos jornais caricatos estava vinculado à questão da aparência e à relevância da moda como fatores intrínsecos às vivências femininas. Tal tendência revelava as alternâncias dos critérios de beleza, de modo que as silhuetas transformavam-se, e diferentes partes do corpo viriam a compor o foco do olhar e da sedução⁶³. Nessa linha, a aparência e o corpo pareciam assumir uma importância nas relações sociais e na autopercepção da mulher, uma vez que as práticas e resíduos culturais sedimentados codificavam e enformavam as concepções do feminino, realçando a importância vital daquilo que a mulher

⁶³ SCHPUN, Mônica Raisa. *Sedução e exclusão*. In: STONE, Maria Emilia; ABREU, Ilda Soares de & SOUSA, Antônio Ferreira de (coord.). *Falar de mulheres: história e historiografia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007. p. 159.

dava a ver de si⁶⁴. De acordo com tal perspectiva, as aparências destinavam-se a definir uma ordem social, com a criação de signos e artifícios que estavam associados à simbolização do corpo e às imagens metafóricas do mesmo, de modo que a silenciosa linguagem do corpo dificilmente poderia deixar de atuar, já que era precisamente a *aparência*, sob todas as suas formas, o fundamento de uma posição social sujeita ao controle público⁶⁵.

Levando em conta os padrões de beleza, pelos quais tudo o que traduzia a sensibilidade e a delicadeza era valorizado, como uma pele fina na qual afloravam as ramificações nervosas, carnes aveludadas para embalar a criança ou o doente, um esqueleto pouco desenvolvido, mãos e pés pequenos. Ainda era destaque tudo o que se referia às funções naturais da reprodutora: ancas redondas, seios generosos, tecidos bem nutridos⁶⁶. Nesse sentido, a própria feminilidade poderia ser caracterizada em parte como uma questão de aparências, uma vez que a cultura visual do século XIX produziu um sem número de imagens de mulheres, muitas delas consistentes, algumas delas contraditórias, todas elas poderosos elementos da definição, sempre em mudança, do que significava ser mulher⁶⁷. Dessa maneira, a feminilidade considerada correta adquiriu uma imagem popular em relação a qual os desvios poderiam ser facilmente visualizados, de modo que a imagens de mulheres

⁶⁴ MOTA-RIBEIRO, Silvana. *Retratos de mulher: construções sociais e representações visuais do feminino*. Porto: Campo das Letras Editores, 2005. p. 33.

⁶⁵ PAIS, José Machado. *Artes de amar da burguesia: a imagem da mulher e os rituais de galanteria nos meios burgueses do século XIX em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1986. p. 48-49.

⁶⁶ KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e corações. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dir.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1994. p. 352.

⁶⁷ HIGONNET, Anne. Mulheres e imagens. Aparências, lazer, subsistência. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dir.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1994. p. 297.

tornaram-se poderosos instrumentos nos debates sobre o seu lugar na sociedade, sendo as suas representações referidas como se de fatos inelutáveis se tratasse⁶⁸.

A moda foi um fator que esteve profundamente articulado com a constante luta feminina pela busca da boa aparência. O signo da moda, no âmbito da cultura, situa-se no ponto de encontro de uma concepção singular e de uma imagem coletiva, ou seja, é simultaneamente, imposto e exigido⁶⁹. Nesse sentido, a indumentária se assenta sobre códigos e convenções, muitos dos quais são fortes, intocáveis, defendidos por sistemas de sanções ou incentivos⁷⁰. Desse modo, tentar fugir aos ditames da moda vigentes e às constantes por ela fixadas em uma dada época torna-se extremamente difícil, pois não seriam muitos aqueles que pretendessem infringir todos estes ditames e tabus⁷¹. Assim, na base da moda está um impulso ambivalente: o desejo individual de diferenciar-se e a procura de um adequamento às normas do grupo social a que se quer pertencer, ou seja, o indivíduo procura respeitar as regras do grupo e não provocar uma reação negativa que poderia fazer com que ele fosse posto à margem⁷².

Ao longo do século XIX, mormente em sua segunda metade, a moda se instalou mais concretamente, surgindo um sistema de produção e de difusão até então desconhecido e que se manteria com grande regularidade⁷³. Além disso, foi com os Oitocentos que a moda se tornava feminina, ganhava complexidade e

⁶⁸ HIGONNET, Anne. Mulheres e imagens. Representações. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dir.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1994. p. 330-331.

⁶⁹ BARTHES, Roland. *Sistema de moda*. Lisboa: Edições 70, 2014. p. 263-264.

⁷⁰ ECO, Umberto. O hábito fala pelo monge. In: ECO, Umberto et al. *Psicologia do vestir*. 3.ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989. p. 15.

⁷¹ DORFLES, Gillo. *A moda da moda*. Lisboa: Edições 70, 1988. p. 19.

⁷² LOMAZZI, Giorgio. Um consumo ideológico. In: ECO, Umberto et al. *Psicologia do vestir*. 3.ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989. p. 84.

⁷³ LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas*. 2.ed. Alfragide: D. Quixote, 2010. p. 93.

adquiria fascínio⁷⁴. Uma constatação recorrente estava vinculada à perspectiva pela qual a moda era um dos temas preferidos das mulheres, fazendo parte da sua futilidade e da sua preocupação obsessiva com a aparência, de forma que a moda vinha a consistir em uma parte da construção social do feminino⁷⁵. Muitas vezes, o vestuário feminino chegava a constranger as mulheres a uma imobilidade forçada. Foram muitas as peças da indumentária que, entre tantos outros atavios destinados a dar relevo ao busto e aos quadris, dificultavam os movimentos e as possibilidades de deslocação, de forma que gestos simples como sentar, passar por uma porta estreita ou caminhar podiam ser incomodativos e até, em certas circunstâncias, cômicos. Tratava-se de corretivos que funcionavam como entraves a qualquer esforço físico, mas que eram prestigiantes pelo significado social que encerravam⁷⁶. Tais dogmas no vestir impunham verdadeiras torturas, as quais fomentavam os sufocos e os desmaios, agudizando a falta de lugar no mundo e de perspectivas vitais, aumentando as depressões e as angústias⁷⁷.

Os Oitocentos foram marcados como uma época da civilização da roupa de casa e do vestuário ligada à primeira revolução industrial, a têxtil. Nesse caso, a roupa, valor de uso, em certo sentido tornava-se um capital, de maneira que a formação do enxoval de casamento das mulheres era uma poupança, e os armários cheios de roupa de casa, um sinal de riqueza⁷⁸. Assim tratava-se de um momento histórico no qual a mulher era, antes de tudo, uma imagem, ou seja, um rosto, um corpo, vestido ou nu, a mulher era feita de aparências. Desse modo, o

⁷⁴ RIELLO, Giorgio. *História da moda: da Idade Média aos nossos dias*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2013. p. 69.

⁷⁵ MARQUES, Alice. *Mulheres de papel: representações do corpo nas revistas femininas*. Lisboa: Horizonte, 2004. p. 101-102.

⁷⁶ VAQUINHAS, 2000, p. 57.

⁷⁷ MONTERO, Rosa. *Histórias de mulheres*. Porto: Edições Asa, 1997. p. 14.

⁷⁸ PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 225.

primeiro mandamento das mulheres era a beleza, devendo ela ser bela e casar-se, já que a beleza era um capital na troca amorosa ou na conquista matrimonial⁷⁹. Quanto a tal aspecto, nas folhas caricatas, as mulheres constituíam um duplo alvo, tanto por seguirem os ferozes ditames da moda, tendo na boa aparência um intento fundamental de vida, quanto por deixá-los de lado.

Outro ponto recorrente nas imagens construídas acerca das mulheres na imprensa caricata lisbonense e carioca esteve vinculado às inter-relações entre homens e mulheres, notadamente no que tange ao casamento. A questão das relações de gênero envolvia papéis e definições para os homens assim como para as mulheres, voltando-se tal enfoque exatamente a essa interação entre os sexos⁸⁰. Um dos pontos fundamentais presente nas páginas daquelas publicações estava ligado à perspectiva de que as vivências femininas deveriam ter um vínculo ao casamento. Nesse quadro, para a mulher, o matrimônio representava praticamente a única carreira aberta, pois ela era socializada para o casamento com um homem escolhido por seu pai, devendo estar preparada para enfrentar a vida que a esperava, remunerando, assim, positivamente, as expectativas sociais com referência a si própria. Era assim o matrimônio o destino social considerado o mais válido para a mulher, uma vez que os valores grupais e razões de ordem econômica impeliam tanto os homens quanto as mulheres a esse tipo de relação. No caso feminino tais fatores representavam verdadeiras forças propulsoras, impelindo-a a aquisição do estado de casada⁸¹.

⁷⁹ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 49-50.

⁸⁰ STEARNS, Peter N. *História das relações de gênero*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 24.

⁸¹ SAFFIOTTI, Heleith Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes, 1969. p. 179, 182 e 194.

Ficava assim demarcado que o casamento era a única forma universalmente aceita de coabitação entre o homem e a mulher⁸². Em tal enlace se estabelecia a efetiva subalternidade e subalternização da mulher na relação conjugal⁸³. Mas as dificuldades da vida a dois logo se cristalizavam e o casamento, visto como caminho natural para os dois sexos, poderia revelar-se também um caminho sem volta para a infelicidade. Ainda que algumas mudanças começassem a se verificar, os casamentos arranjados, nos quais prevaleciam os interesses econômico-financeiros sobre os sentimentais, permaneciam, de modo que, normalmente, dois desconhecidos adquiriam núpcias e estariam juntos até que a morte os separasse. A partir de tais arranjos originavam-se muitos dos fatores que levavam ao desgaste dos matrimônios. Assim, através do casamento havia a intenção de ascender social e economicamente, de forma que ele não significava, na maior parte dos casos, o culminar lógico de uma relação de amor, mas uma confluência de interesses familiares, no seio da qual homens e mulheres se desconheciam total ou parcialmente no que respeita ao corpo, aos hábitos, nos modos, no temperamento⁸⁴.

Dessa maneira, um importante aspecto das relações conjugais era que o início e a continuação da união dependiam não só da escolha do par, como também daquela oriunda dos pais e mesmo do sistema social⁸⁵. Assim, o

⁸² LOPES, Maria Antónia. As grandes datas da existência: momentos privados e rituais públicos. In: VAQUINHAS, Irene (coord.). *História da vida privada em Portugal – a Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011. p. 163.

⁸³ SERRÃO, Joel. Notas sobre a situação da mulher portuguesa oitocentista. In: *Atas do Colóquio A mulher na sociedade portuguesa – visão histórica e perspectivas atuais*. Coimbra: Instituto de História Econômica e Social da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1986. v. 2. p. 335.

⁸⁴ BARREIRA, Cecília. *História das nossas avós (retrato da burguesia em Lisboa, 1890-1930)*. 2.ed. Lisboa: Colibri, 1994. p. 77-78.

⁸⁵ GOODY, Jack. *Família e casamento na Europa*. Oeiras: Celta Editora, 1995. p. 21.

casamento, arranjado pelas famílias e atendendo a seus interesses, pretendia constituir uma aliança antes de ser um caso de amor, o qual poderia ser desejável, mas não indispensável. O amor conjugal até poderia existir, mas era um golpe de sorte ou o triunfo da virtude⁸⁶. Nesse quadro, ocorriam sutis mudanças e o modelo do amor romântico começava a se espalhar, mas os novos valores seguiam convivendo com os tradicionais, já que sentimentos e negócios tinham de dar bom resultado⁸⁷. Como uma verdadeira instituição, o casamento era objeto de estratégias patrimoniais complexas, pois as convenções econômicas condicionavam as decisões matrimoniais, tentando conciliá-las, na medida do possível, com os aspectos afetivos, ou seja, na terminologia oitocentista, "as inclinações"⁸⁸. As contradições seriam inevitáveis, gerando instabilidades na vida conjugal, as quais os semanários caricatos muito refletiram em seus textos e desenhos.

Mesmo que em pequena escala, as figuras femininas não necessariamente vinculadas à instituição do casamento também encontraram espaço nas páginas das publicações caricatas. Foi o caso da prostituição, cujas praticantes foram vistas normalmente sob o prisma moralizador inerente a tais folhas, as quais em geral condenavam tal prática. Tornava-se impensável que um modelo único de mulher fosse respeitado e que nenhuma transgressão viesse a forçar os ferrolhos que encerravam o espaço doméstico, como foi o caso da prostituição⁸⁹. Nesse contexto, a prostituta constituía para as próprias mulheres uma figura ambígua,

⁸⁶ PERROT, 2015, p. 46-47.

⁸⁷ PRIORE, 2014, p. 60.

⁸⁸ VAQUINHAS, Irene. A família, essa "pátria em miniatura". In: VAQUINHAS, Irene (coord.). *História da vida privada em Portugal – a Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011. p. 136.

⁸⁹ FRAISSE, Geneviève & PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdades. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dir.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1994. p. 13.

podendo ser um objeto de receio, de desprezo, mas também de compaixão e de solidariedade, imagem de uma liberdade fantasmada ou, pelo contrário, o próprio símbolo da maior opressão⁹⁰.

As condições socioeconômicas levaram muitas mulheres a recorrer ao comércio do próprio corpo, notadamente de parte dos elementos femininos de contingentes populacionais economicamente instáveis, vivendo da economia de subsistência ou de expedientes⁹¹. Havia uma extensão, uma visibilidade e uma natureza proteica na prostituição. O código de vestir das prostitutas servia-lhes de publicidade ao mesmo tempo em que atraía os clientes. As prostitutas chegavam ainda a ir mais longe para evidenciar a sua “mercadoria”: descobriam os tornozelos, as pernas e o peito, ou chupavam ostensivamente o polegar, indicando o tipo de serviço sexual que ofereciam. Um sistema de “polícia de costumes” contribuiria também para a decência pública, controlando o espetáculo público do vício, o qual se tornou um objetivo policial particularmente importante na segunda metade do século XIX, quando a polícia se viu cada vez mais pressionada a limpar de prostitutas ruas e teatros, a fim de libertar o espaço para mulheres respeitáveis. Os caricatos também encamparam esse papel fiscalizador e censório, tal qual arautos de uma missão combativa à prostituição.

Finalmente, o século XIX marcava uma etapa de transição no papel social da mulher e o olhar dos caricatos também se voltou, ainda que timidamente, nessa direção. Os Oitocentos constituíram o momento em que a perspectiva de vida das mulheres se alterava, ou seja, era um tempo da modernidade em que se tornava possível uma posição de sujeito, indivíduo de corpo inteiro e atriz política, futura cidadã. Dessa maneira, apesar da extrema codificação da vida quotidiana

⁹⁰ FRAISSE, Geneviève & PERROT, Michelle. A mulher civil, pública e privada – Introdução. HIGONNET, Anne. Mulheres e imagens. Aparências, lazer, subsistência. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dir.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1994. p. 348.

⁹¹ SAFFIOTI, 1969, p. 179.

feminina, o campo das possibilidades alargava-se e a aventura não estava longe. As identidades femininas pareciam multiplicar-se, surgindo qualidades próprias de uma ou outra mulher, vividas frequentemente de maneira contraditória, submetidas a tensões que anunciam a vida das mulheres da próxima centúria. Era um momento em que as mulheres já não se revelavam apenas como figurantes, mas como protagonistas da história⁹².

Nessa conjuntura, a “destinação” que era proposta às mulheres no início do século era mais sombria, mas menos ambígua que o “destino” que se lhes oferecia na virada para os Novecentos. O século XIX trazia consigo também o conflito entre os sexos como problema a regular, de modo que os discursos sobre a complementude dos sexos esbatiam-se, uma vez que ignoravam o movimento entre os desejos e os poderes, a dinâmica da relação entre homens e mulheres⁹³. Nessa época dava-se um conflito entre a tradição e a modernidade, revelando-se o novo papel das mulheres⁹⁴, como reflexo das transformações do próprio contexto econômico e social, com as consequentes modificações na vida das mulheres e notáveis repercussões na organização da família⁹⁵. Era o momento em que algumas conseguiram romper com as barreiras que usos e costumes plurisseculares constantemente lhes antepunham⁹⁶, de forma que se intensificava uma grande distância entre o mundo do homem e o da mulher, revelando-se certas mudanças em relação ao seu papel inteiramente

⁹² FRAISSE & PERROT, 1994. p. 9, 12-13.

⁹³ FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dir.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1994. p. 85-87.

⁹⁴ VAQUINHAS, 2000, p. 19.

⁹⁵ SAFFIOTI, 1969, p. 185 e 189.

⁹⁶ ALVIM, Maria Helena Vilas-Boas e. *Em busca da história das mulheres*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006. p. 74.

subordinado e passivo⁹⁷. As folhas caricatas apresentaram tais modificações, mas, ao lado de uma aparente aquiescência para com os novos tempos, prevalecia a visão tradicional quanto ao lugar social da mulher.

O *Antônio Maria*, juntamente com o *Pontos nos ii* e a *Revista Ilustrada* constituíram expoentes máximos no rol da caricatura portuguesa e brasileira, estando à altura da imprensa ilustrada e satírica internacional. Suas páginas traziam uma realidade caricaturada, metamorfoseando a vida em sociedade pelo prisma do humor. De certo modo, tais folhas aproximavam ainda mais Brasil e Portugal, mostrando o quanto de similaridades existia entre os dois países. As piadas, pilhérias, historietas, caricaturas e desenhos em continuidade revelavam detalhes da vida em sociedade e do cotidiano luso-brasileiro. Em tal quadro, as imagens das mulheres, que eram naturalmente múltiplas em tal contexto social, foram construídas e reconstruídas pelos traços caricaturais. Era um caminho de mão dupla, à medida que os hebdomadários ilustrados influenciavam as sociedades nas quais circulavam e eram por elas influenciados, de modo que as figuras femininas presentes em suas páginas eram resultado dessa amalgamada interinfluência. Assim as folhas impressas sob a batuta dos geniais Rafael Bordalo Pinheiro e Ângelo Agostini contribuíram decisivamente na edificação de tais representações iconográficas, articulando-se uma perspectiva que em muito aproximava a imagem da mulher caricaturada com aquela criada pelo viés popular no dia a dia de portugueses e brasileiros das décadas finais do século XIX.

⁹⁷ BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – século XIX*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989. p. 10.

**O ANTÔNIO MARIA
&
PONTOS NOS ii**

O REINADO DA MODA

Periódico de ampla preferência pela crítica política, o *Antônio Maria* chegou a propor-se de tratar da moda, partindo da suposição de ser este um tema por excelência de atração do público feminino. Ainda assim, a folha caricata não deixava de fazer algumas incursões à política, notadamente em relação a alguns de seus personagens. A moda era considerada como uma “palavra adorada” pelas mulheres e a página era ilustrada com vários modelos de vestimenta. Na matéria não deixava de ficar presente a perspectiva esperada quanto ao papel social da mulher, de modo que o semanário concluía que, muito além das modas, a mulher deveria atentar para a formosura e a simplicidade como segredos para a sua elegância. Já no encerramento do texto, reclamava do pecado original que teria impingindo às roupas às mulheres.

MODAS

A leitora provavelmente dotada de um sistema nervoso muito mais delicado que o sistema constitucional que ao presente nos rege, estremeceu toda ao ler esta palavra adorada, *Modas!*...

Minhas senhoras, o *Antônio Maria* não se inventou só para celebridade do sr. Fontes, a imortalidade do ser. Justino Soares, ou a notoriedade do sr. Braamcamp, inventou-se também um pouco para ser agradável a V.Exa. à noite, no passeio, quando V.Exa. o *tomar* conjuntamente com um gelado ou uma valsa de Strauss.

É por isso que ele enceta hoje este capítulo novo.

O chapéu diretório ressuscita.

As modistas começam também a fazer propaganda revolucionária, substituindo o chapéu do antigo regime pelo chapéu da jovem república. A cara

no fundo de uma *telha*, epígrama terrível ao modo de ser de tantas cabecinhas airoosas e elegantes!

*

No último sarau de Gambeta, o mais ilustre solteirão da França, o corpo de baile da ópera, atravessou as salas dançando a *gavota* a caráter.

E desapareceu como uma visão, deixando todos os convivas afogando em chá e gelados a comoção profunda que tão estranho espetáculo lhe deixara na alma, submersa em sanduíches.

Gambeta, servindo um bailado à diretório aos seus convidados, fazia propaganda republicana, querendo também ser ditador da *moda*.

Desde então, os trajes à *merveilleuse* procuram impor-se ao mundo, não obstante os esforços em contrário dos que ressuscitam para o combater, o gênero *Pompadour*.

Diga-se entretanto o seguinte, e seja com este pensamento filosófico que nós encerremos esta breve crônica.

Uns pés quando são pequeninos ficam sempre bem dentro de uns estreitos sapatinhos de fita traçada, e todas as modas são bonitas desde que as senhoras que as usam se deem ao trabalho de ser formosas.

Em conclusão, usa o que te agradar. Azul se a cor do céu vai bem com o teu rosto, e não transtornes a tua beleza simplesmente porque a moda decretou o amarelo a que por qualquer motivo a tua fisionomia pode ser rebelde. Muita simplicidade, muitíssima. A simplicidade é a metade do segredo da elegância.

Oh, a toalete no fim de contas foi uma ideia bem triste! Maldito apetite da maçã! Quem diria que numa dentada fora de tempo estaria o martírio da humanidade inteira!

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 7 ago. 1879. A. 1. N. 9. p. 8.

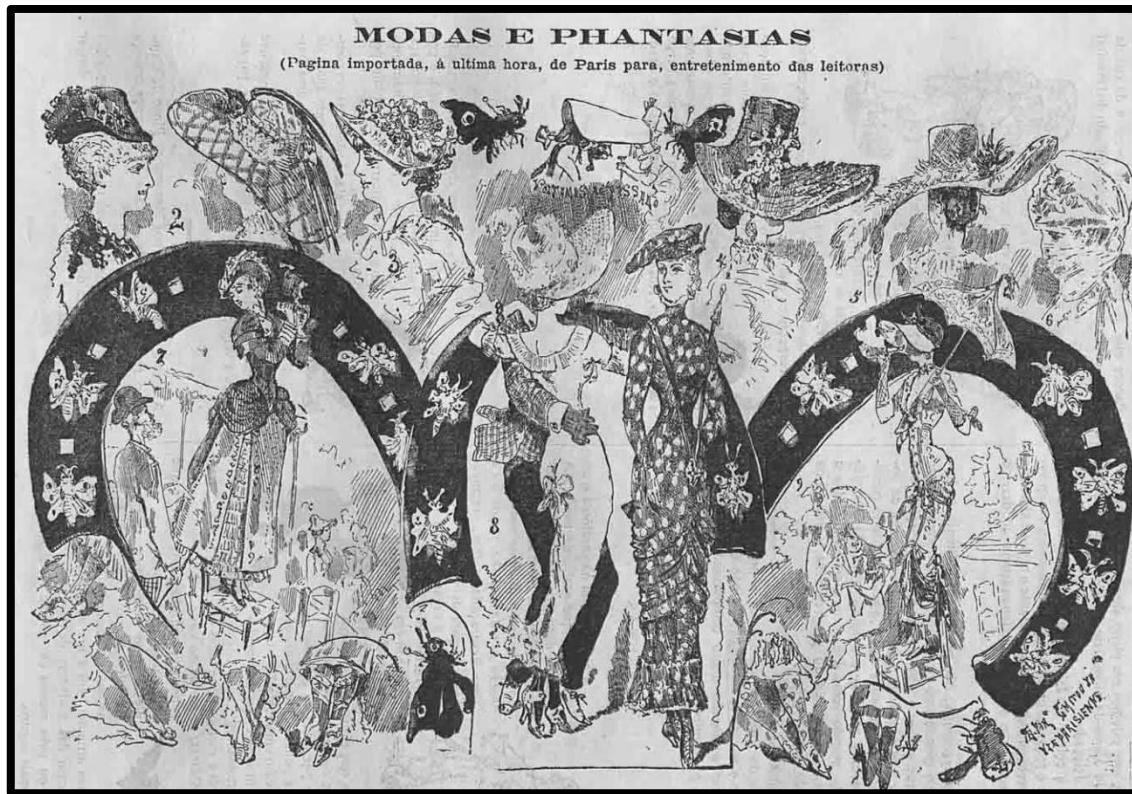


O grande apego feminino aos ditames da moda não deixaria de ser observado sob o prisma do humor pelo *Antônio Maria*, ao apontar várias sugestões de modas e fantasias de origem parisiense. Por meio de uma série de jogos de palavras, o jornal brincava com a descrição das peças indicadas, associadas a elementos não necessariamente vinculados à vestimenta.

MODAS E FANTASIAS (página importada, à última hora, de Paris para entretenimento das leitoras)

1. Chapéu Carlos IX. 2. Chapéu de palha escocês ornado de um papagaio, macho ou fêmea. 3. Chapéu *salada*. *Telha* que tanto pode ser de barro como de tule. 4. Chapéu de palha escura ornado apenas com um ramo de cardo: chapéu digno de *comer-se*. 5. Chapéu de junco contra o sol e contra o bom gosto. 6. Chapéu *Bolívar* com viseira de palha de Itália. 7. A mais bonita toalete para corridas. Vestido de casimira cor de ameixa sobre saia indiana, semeada de flores: ligeiros bordados a ouro e guarnições de renda *bretonne*. 8. Toaletes ingleses, duas *ladies* excêntricas. Costume branco *tricô* e costuma de folard. Tudo extremamente *ligeiro* a subir muito... 9. Toalete feita de lenços, como meio fácil de os enxugar. Meias de seda cor de rosa, sapatos de pele branca com uma rosa, ou meias de seda verde em volta das quais se enrosca uma serpente bordada a ouro.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 4 set. 1879. A. 1. N. 13. p. 5.



A busca desenfreada da mulher por demonstrar um corpo belo também foi abordada pelo hebdomadário lisbonense ao apresentar em um ambiente balneário, a indicação do uso de um corpete, para representar formas melhor definidas. Para a folha era o “cúmulo do método” feminino, a intenção de utilizar uma “couraça” para demonstrar que em seu corpo “tudo estava em seu lugar”.

Nas praias, dizem as crônicas da última hora, a moda dos *cumulus* está preocupando também muito as banhistas.

Assim, o cúmulo do método é, antes do banho, vestir um colete *cuirasse* para *ter tudo no seu lugar*.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 11 set. 1879. A. 1. N. 14. p. 2.



Em outra cena na praia, o semanário fazia graça mais uma vez com as indumentárias femininas, ao mostrar uma mulher que fora salva de um afogamento, para em seguida, constrangida, receber de volta a sua “boia”, referindo-se à peça de seu vestuário que servia para modelar-lhe o corpo.

EPISÓDIO DAS PRAIAS

- O mar está tão picado! Sinto-me toda trêmula!...
- Descanse, minha senhora: está nas mãos de um homem!
- Que frio, meu Deus!
- Minha senhora, olhe a *boia* que lhe caiu na água!

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 2 out. 1879. A. 1. N. 17. p. 7.



A extrema preocupação com a moda ficou expressa também na caricatura em que o periódico mostrava uma mulher conversando com seu marido em uma exposição de arte. Ela se encontrava tristonha, pelo desperdício que tivera em relação às suas vestimentas, as quais não estariam chamando a atenção dos

frequentadores. Nesse sentido, ela se mostrava indignada por todos estarem interessados nas pinturas expostas e ninguém reparava em seu novo vestido.

NA EXPOSIÇÃO – episódios, detalhes e apreciações

- Ora vejam; trouxe um vestido novo, está toda a gente a ver os quadros e ninguém repara em mim. Tulos!...

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 29 abr. 1880. A. 2. N. 48. p. 1.



As festividades eram uma das maiores oportunidades das mulheres mostrarem suas toaletes, todas a contento com os padrões da moda do momento. O *Antônio Maria* não deixou de registrar tais eventos, como foi o caso do centenário da morte de Camões, nos quais o jornal mostrou as “indústrias elegantes”, com ênfase aos adereços utilizados nas orelhas e no peito das mulheres.

AS INDÚSTRIAS ELEGANTES DO CENTENÁRIO

As argolas de prata, tendo escrito *Lusíadas*, ficam bem nas bonitas orelhas lusas, da mesma forma que fica bem no peito o ramo de carvalho artificial dedicado à festa do dia.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 3 jun. 1880. A. 2. N. 53. p. 2.

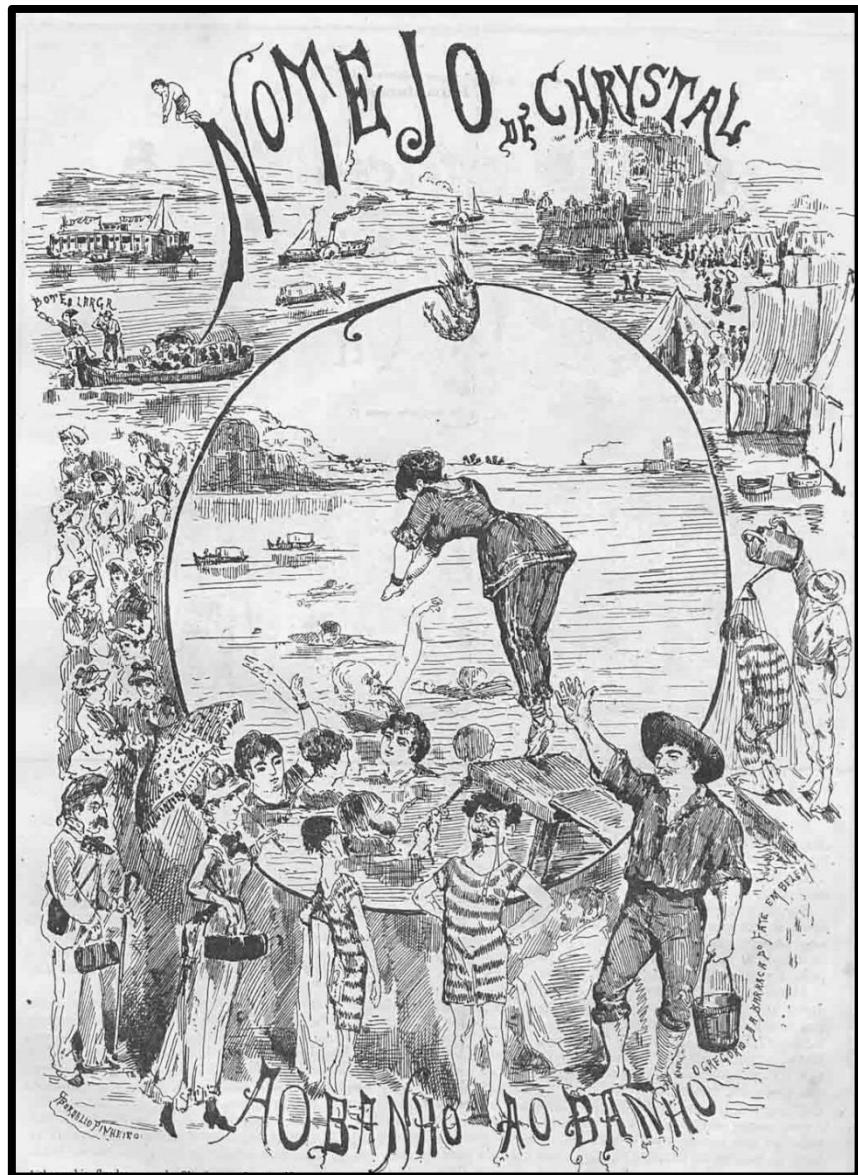


Um outro desenho editado pelo semanário lisboeta mostrava várias facetas das vestimentas utilizadas na capital portuguesa naquele momento, fazendo um grande destaque para os trajes de banho de uma figura feminina que mergulhava em direção às águas do Tejo.

NO TEJO DE CRISTAL

Ao banho, ao banho.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 16 set. 1880. A. 2. N. 68. p. 2.



A respeito do público que frequentava o teatro, a folha ilustrada comentava as vestimentas utilizadas, associando, mais uma vez, as mulheres à moda, chegando a apontar para um certo exagero na tentativa de seguir as regras do modismo, comparando uma das damas a um receptáculo de amêndoas.

O aspecto geral da sala é o mesmo do ano passado, com a diferença única de mais algum cetim novo na toalete das jovens damas que frequentam com assiduidade a plateia superior. Não temos a vantagem de conhecer estas senhoras, mas devemos supor que elas pertencem a mais distinta sociedade de Lisboa, vistas as relações de intimidade que existem entre elas e os cavalheiros que as rodeiam. Sendo assim, como é que dizem então as senhoras de Lisboa não fazem bastante toalete para ir a S. Carlos?... Mas é demais já a *toalete* que elas fazem! Uma tal pompa chega a entrar nos domínios da cartonagem e obriga pela confecção aparatoso de cetim a ter amêndoas dentro.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 7 out. 1880. A. 2. N. 71. p. 3.



A moda, notadamente entre as frequentadoras do sexo feminino, falava por si só, no retrato que o *Antônio Maria* divulgava das festas palacianas portuenses, definidas de maneira curta e incisiva pelo seu “deslumbramento”.

AS FESTAS DO PORTO – PALÁCIO DE CRISTAL

Baile no Grêmio Portuense – um deslumbramento!

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 10 dez. 1881. A. 3. N. 132. p. 4-5.



A folha caricata tratava a moda mais uma vez com humor, ao indicar vários vestuários “chiques”. O olhar zombeteiro ficava no jogo de palavras e na associação de cores, notadamente nas referências a vegetais, tudo expresso na forma de versos. Após a indicação das modas para diferentes ambientes, o periódico concluía que a melhor imagem que poderia ter-se de uma mulher seria exatamente quando ela se livrasse de suas vestes.

MODAS – TOALETES A FRONTÃO (para senhoras)

Vestido para passeio, campo ou praia

Corpo e saia *pompadour*,
Enfeitada aqui e ali
Com laços de *faille gris*
Ou de veludo escarlate;
Para visitas, fundo escuro,
Para passeio e para *pic-nic*,
É mais *distingue*, mais *chic*,
Vermelho, cor de tomate...

Por trás, um fecho metálico,
Que a *polonaise* suspenda,
Na frente *fichu* de renda
Recamado de lilases.
(Isto é próprio para solteiras;
Para casadas e viúvas
Na frente, dois cachos de uvas,
E pro trás *tournur' de gazes...*)

Fino tecido de parras
Por entre a palha se entraça
E em volta rendas de França,
Cingindo a aba à maruja.
- É bom conservar a copa
Por fora sempre escorreita...
Lá dentro ninguém espreita,
Não faz diferença andar suja...

Toalete para baile

Segundo vi, dos astrólogos
Num vaticínio moderno,
É de supor que este inverno
A temperatura se eleve;
Assim para os bailes do *high-life*,
Onde o calor tanto aperta,
Fiz a bela descoberta
De um traje elegante e leve...

Ergue-se a saia ao lugar
Onde a liga se assinala,
- Como nos trajes de gala
Dos tempos do Diretório -
E no sítio descoberto
Põe-se uma parra ao acaso,
Porque a parra neste caso
É pingente obrigatório...

Nem corpo de manga curta,
Nem luva até ao sovaco,
Nem *visite*, nem casaco,
Nem sapatinho, nem saia;
Nem ligas, nem meias altas,
Nem camisola ou corpete,
Nem calcinhas, nem colete,
Nem camisa de cambraia.

Chapéu correspondente
Para campo, passeio ou praia,
Chapéu de palha de Itália,
Com uma rosa ou uma dália
E algumas folhas miúdas,
Todo enfeitado de fetos
E raminhos de carqueja...
- A copa cor de cereja
E as bordas muito felpudas...

Nem nada que faça peso...
Nem lenço, nem leque – em suma,
Nem tanga... coisa nenhuma,
Desde o pé à sobrancelha...
E para guardar a decência
Fechada à chave de trinco,
Ponha-se, à laia de brinco,
Uma parra em cada orelha...

Nota

Para que a leitora inocente
A toalete não destrinche,
Pusemos-lhe isto que a tapa...
- A leitora inteligente,
Essa tem vista de lince,
Vê tudo através da capa...



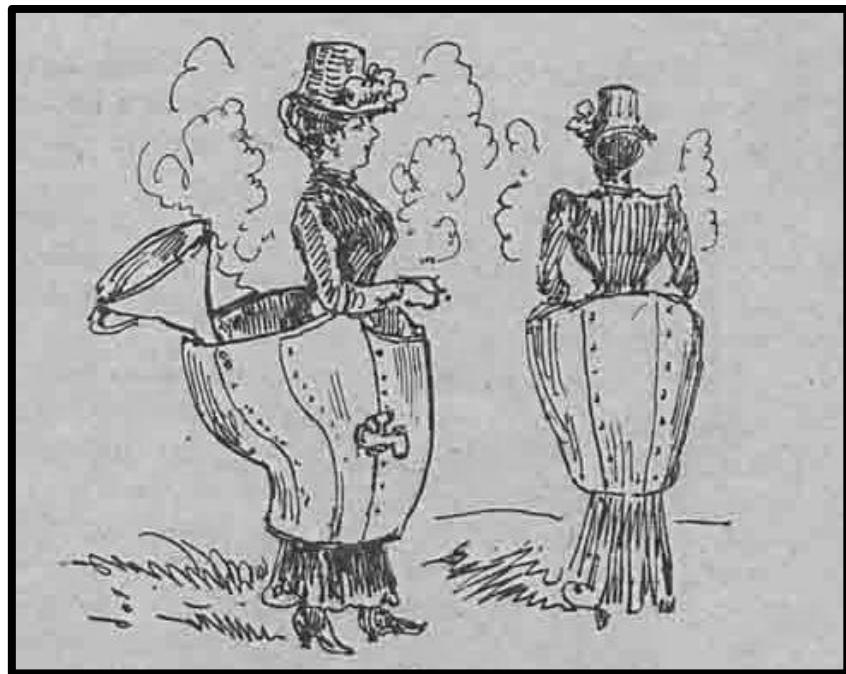
Crítica social e de costumes mais uma vez apareciam associadas no *Antônio Maria* ao mostrar uma invenção no formato de indumentária. As preocupações sempre latentes em ambientes portuários com os riscos à saúde pública, com as potenciais epidemias, eram apresentadas na forma de um vestido com o qual a mulher poderia abastecer-se de desinfetante. Assim, ela estaria resguardada de doenças e de acordo com os padrões da moda.

Um dos hábeis clínicos acaba de descobrir um aparelho mediante o qual a população de Lisboa vai ficar inteiramente preservada do terrível contágio do cólera-morbo.

O aparelho consiste numas elegantes toaletes de zinco, uma espécie de couraça (...) cheias de desinfetante e dentro das quais uma pessoa poderá impunemente passear pelas ruas de Lisboa, a despeito de sarjetas e barris de lixo. (...)

A toalete para senhoras denomina-se *à marquês de V...* e tem na frente uma torneirinha para despejar o desinfetante já usado e atrás um funil para receber o desinfetante em primeira mão...

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 17 jul. 1884. A. 5. N. 268. p. 3.



Também o humor se mesclava a uma peça publicitária nas páginas do semanário ilustrado lisboeta. Moda, elegância e praticidade eram as dicas dadas pela folha, associando a marca anunciada com o próprio periódico, utilizando-se da imagem de uma dama bem vestida e o apelo das palavras em verso.

AU CAPRICE – MODAS E CONFECÇÕES

Gentil leitora adorada:
Siga os meus sábios conselhos,

Se quer, de uma cajadada,
Matar logo dois coelhos...

Pretende andaina catita
Da mais fina garridice?
Vá à casa sobredita
Ao magazine AU CAPRICE!

Na doce paz mais fiel
Vivem nessa moradia,
De um lado, o Antônio Manoel,
E do outro o *Antônio Maria*.

De lá ir em tendo *léo*,
Acha tudo à sua escolha:
De um lado, a flor para o chapéu
Do outro lado a nossa *folha*...

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 23 out. 1884. A. 5. N. 282. p. 3.



Uma cena envolvendo um galanteador e uma dama foi criada pelo *Pontos nos ii*, tendo por pano de fundo a moda, representada pela longa cauda do vestido da mulher. Ela não estava feliz com a investida do indivíduo e a cauda lhe serve como arma de defesa, fazendo o pretenso galar tropeça e cair. Ele, em vingança, acabaria por mutilar a sua vestimenta.

CASOS, TIPOS E COSTUMES

Provérbio

Ele viu-a. Ela aprumou-se
Fazendo um trejeito de asco.
Ele botou fala doce
E a dama: moita carrasco...

Ele *atira para a travessa*
E a dama sem chus nem bus.
Ele quer passar, tropeça,
Vai ao chão de catrapus!

Ela ria-se ao ver caído
O petulante marmanjo;
Ele afasta-se dorido,
Murmurando: – Eu já te arranjo...

Vem depois e toma assento
Sobre a cauda – que regalo!
Põe-se a dama em movimento
A puxar como um cavalo.

Lá vai indo, lá vai indo...
Rasga acuada – hora aziaga! –
E ele diz-lhe – agora rindo –
“Amor com amor se paga”.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 17 jun. 1886. A. 2. N. 59. p. 6-7.



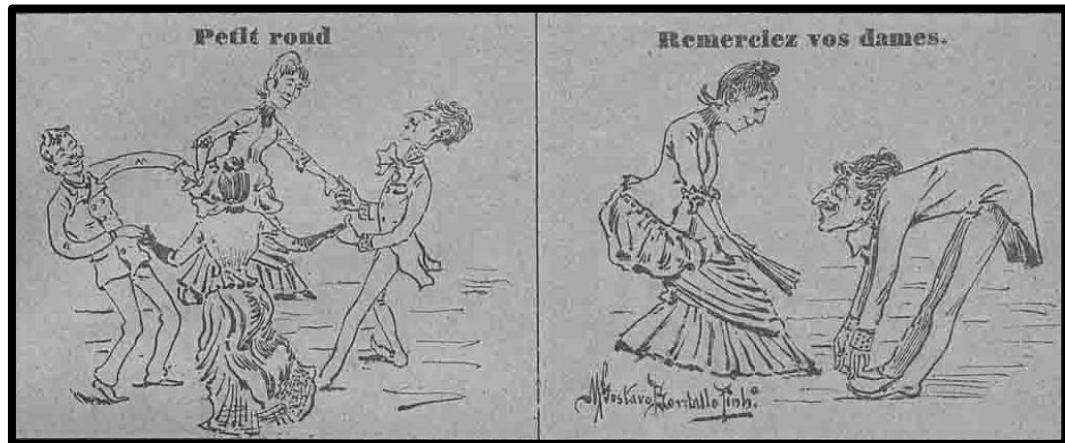
As modas comportamentais também vinham à baila no semanário caricato, como aos apresentar, através de certa pilhérica, vários passos de dança, com destaque à sempre presente influência francesa.

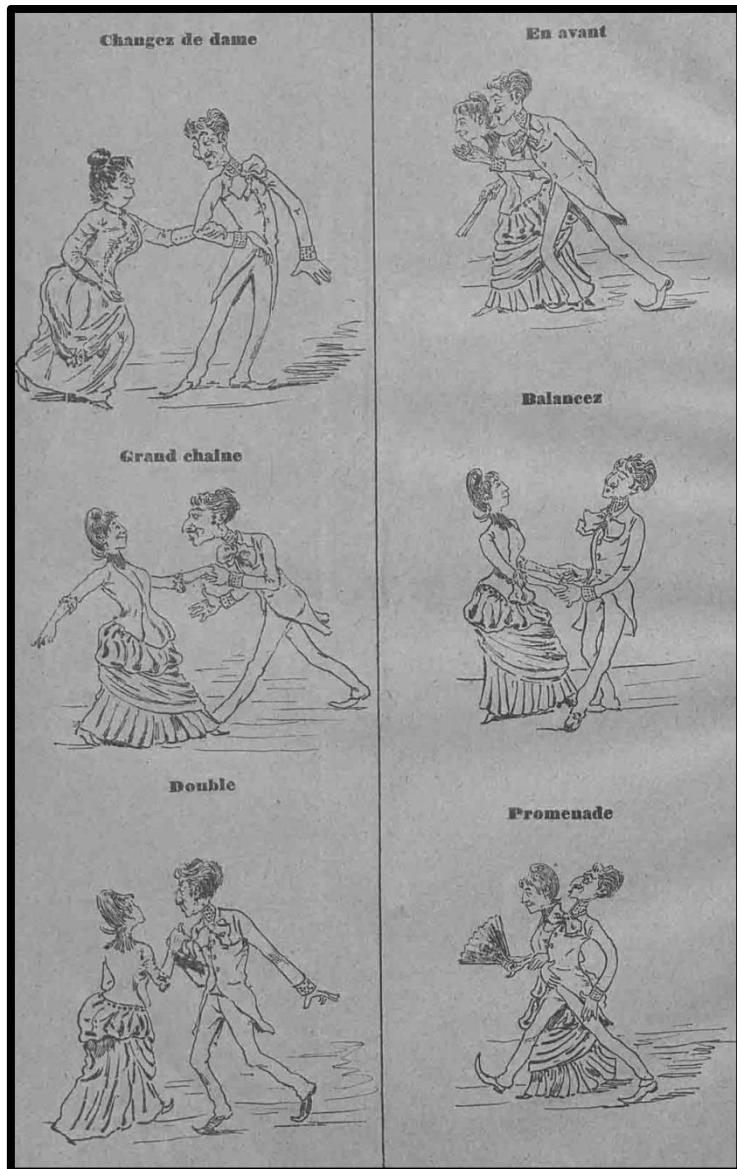
CASOS, TIPOS E COSTUMES

Várias marcas de dança
(Apontamentos à pressa)

Um par
Changes de dame
Grande chaine
Double
Em avant
Balancês
Promenade
Petit rond
Remercies vos dames.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 29 jul. 1886. A. 2. N. 65. p. 3 e 6-7.





Os exageros advindos dos modismos eram uma preferência da folha caricata, notadamente no que tange aos adereços de cabeça utilizados pelas damas. Foi o caso de uma senhora que portava um chapéu que, simbolicamente alcançava os céus, vindo a causar problemas em uma apresentação de teatro e chegando até mesmo a servir para comportar o marido ali dentro.

CASOS, TIPOS E COSTUMES	
O CHAPÉU	- Mas como queres, se te digo, (Volve-lhe o triste em tom fraco)
A mulher de Arnaldo Osório, D. Efigênia da Cruz, Usa na tola o zimbório Do Coração de Jesus.	Que eu tenho apenas comigo Onze tostões e um pataco?!
S. Pedro, às vezes, cansado Da faina à porta do céu, Dorme o seu sono, assentado Na copa desse chapéu!	- O Valdez nunca vendeu Dois lugares pelo que eu possuo... ... Se tu vais, não posso ir eu... ... Se eu vou, não podes ir tu...
Há dias, D. Efigênia, Raivosa o marido exproba, Em ânsias – como uma tênia Que tem pevide de abóbora!	- Achei! (diz ela ao marido) Compra-se um lugar – o meu E vais também... escondido No interior do meu chapéu!
- Pa... ti... fe... diz, às lufadas Que a raiva interna lhe assopra; Como-te a penca às dentadas, Se me não levas à ópera!	- No teu chapéu irei, pois, Que nele à larga me acoito... E assim veremos os dois O Mefistófeles do Boito!

Em S. Carlos ei-la enfim,
Numa geral mesmo ao centro,
Com o seu casquete sem fim,
Tendo o marido lá dentro...

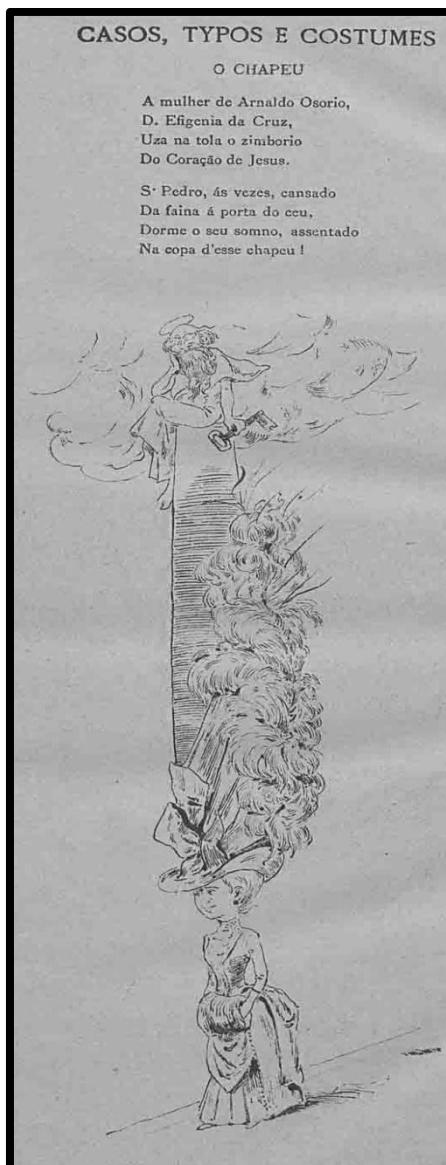
O espectador da traseira,
Um palerma, um papa assorda
É debalde que se esforça
Por ver a corista gorda.

O chapéu desequilibra-se,
Cai para o lado – catrapus!
E empurrado pelo vizinho,
Vai cair sobre o de trás!

Este dana-se; e à navalha,
Dá-lhe um golpe, pondo-o roto.
Lá dentro o marido dorme
O seu soninho maroto...

PONTOS NOS ii. Lisboa, 25 nov. 1886. A. 2. N. 81. p. 6-7.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 2 dez. 1886. A. 2. N. 82. p. 6-7.



Ha dias, D. Efígenia,
Raivosa o marido exprobra,
Em ancas—como uma tenia
Que tem pevide de abob'ra !

— Pa...ti...fe... diz, ás lufadas
Que a raiva interna lhe assopra ;
Como-te a penca ás dentadas,
Se me não levas á op'ra !



— Mas como quer's, se te digo,
(Volve-lhe o triste em tom fraco)
Que eu tenho apenas commigo
Onze tostões e um pataco ? !



— O Valdez nunca vendeu
Dois logar's p'lo que eu possu'.
... Se tu vales, não posso ir eu...
... Se eu vou, não podes ir tu...
...

— Achei ! (diz ella ao marido)
Compra-se um logar—o meu
E vales também... escondido
No int'rior do meu chapéu !

— No teu chapéu irei, pois,
Qua n'elle á larga me acoito...
E assim veremos os dois
O Mefistof'les do Boito !



Em S. Carlos cil-a enfim,
N'uma geral mesmo ao centro,
Cô' seu casquete sem fin,
Tendo o marido lá dentro...

(Conclue no proximo numero.)

PAN-TARANTULA.





O chapéu desequilibra-se,
Cac pra o lado — catrapaz !



E empurrado p'lo vizinho,
Vae sair sobre o de traz !



Este damna-se; e á navalha,
Dá-lhe um golpe, pondo-o rôto.



Lá dentro o marido dorme
O seu soninho maroto.

P. A. TARANTULA



Ainda fazendo graça com a questão do tamanho dos chapéus femininos e os embaraços ocasionados nos espetáculos teatrais, o *Pontos nos ii*, como chiste, mostrava uma suposta engenhoca, apresentada como revolucionário aparelho, que resolveria aquele problema ao elevar o chapéu, permitindo que o espectador assistisse a apresentação artística com maior tranquilidade.

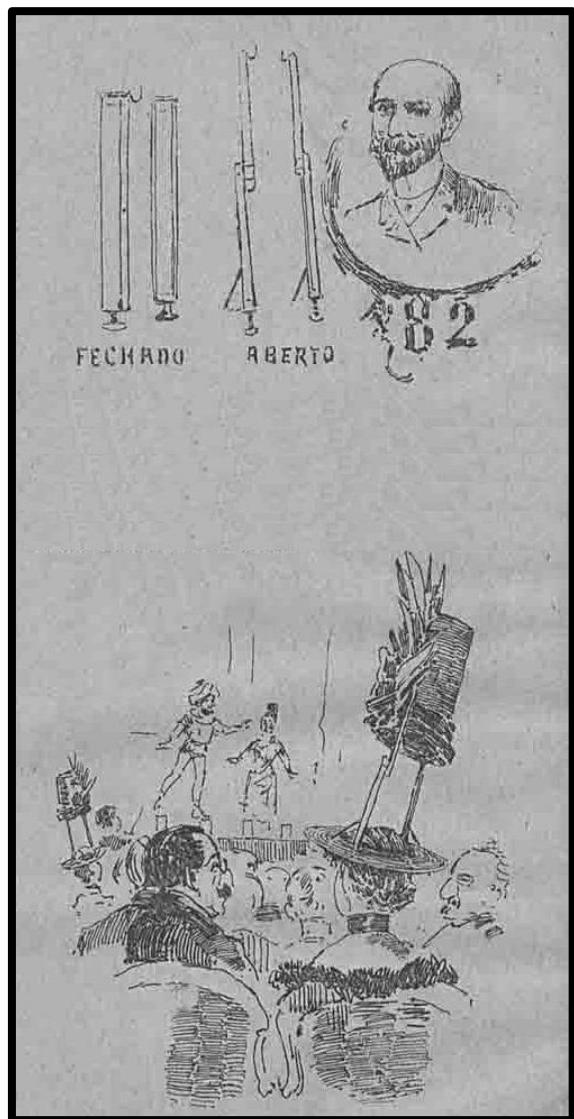
Está enfim remediado o inconveniente que resultava da enormidade dos chapéus femininos.

O público poderá de futuro e a despeito desses chapéus presenciar o que se passa em cena, mediante o novo aparelho americano de que acaba de fazer aquisição o Samuel da Rua do Ouro.

Aplicado este simplíssimo aparelho aos seus chapéus, as damas levantá-los-ão ao subir do pano, como quem sobe a vidraça de uma janela de peitos, abaixando-os apenas quando as figuras da orquestra meterem as violas no saco.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 6 jan. 1887. A. 3. N. 87. p. 2.





Também no âmbito dos inventos extraordinários para resolverem questões advindas da moda, sem título ou legenda, limitando-se a apresentar uma outra “invenção”, o hebdomadário lisbonense mostrava uma cadeira com o encosto côncavo, visando adaptar-se melhor à vestimenta feminina, notadamente à parte de seus vestidos que visava aumentar o volume de uma das partes do corpo da mulher.

(sem legenda) PONTOS NOS ii. Lisboa, 21 jul. 1887. A. 3. N. 115. p. 6.



A moda chapeleira ocupava mais uma vez a atenção do *Pontos nos ii*, ao estampar vários tipos de chapéus. A cada variedade de modelos era atribuído a utilização de uma flor que, por sua vez, corresponderia também a um determinado tipo de mulher. As damas apareciam no desenho cada qual portando o seu modelo nada convencional e versos descreviam os detalhes de cada um deles.

MODAS

Nos grupos de fina roda
Nos *high-lifes* superiores,
Este inverno vai ser moda
O chapéu de várias flores.

Menina que espera noivo,
Que aos seus desejos resiste,
Usará chapéu de *goivo*,
- Querendo dizer que anda triste.

Nova e gentil viscondessa,
Queinda não tem namorado,
Usará sobre a cabeça
Botão de rosa – fechado...

Quarentona que ao derriço
Há que tempo afeita está,
Usará sobre o toutiço

Uma rosa – aberta já...

Cocote sem cerimônia,
Que no curso mostrar jeito,
Usará na cachimônia
Um chapéu de *amor-perfeito*.

Brasileira – a mais chinfrim
Das brasileiras catervas –
Trará chapéu de *alecrim*
- O chamado rei das ervas.

Quem me dera rima em *arlos*,
Para botar alegre trova
Na plateia de S. Carlos,
Em vingando a moda nova.

Pois, embora inda elevada
Seja a moda do *casquete*,
Pode a gente não ver nada
- Mas apanha o seu cheirete...

PONTOS NOS ii. Lisboa, 22 set. 1887. A. 3. N. 124. p. 6.



Em “Modas novíssimas”, instrumentos musicais, partes do corpo, animais e utensílios de cozinha foram outros elementos utilizados pelo hebdomadário caricato para tratar com humor, intentando ridicularizar os cúmulos que os modismos impunham ao vestuário feminino.

MODAS NOVÍSSIMAS

Chapéu harmonium.

Vestido de papo.

Capota à pato.

Toalete de almoço.

Toalete elefantíaca.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 6 set. 1888. A. 4. N. 173. p. 7.

MODAS NOVISSIMAS



Chapeu harmonium



Vestido de papo.



Capota à pato.



Toilete de almoço.



Toilete elephantiaca.

Através de um jogo de imagens, o periódico lisbonense mais uma vez brincava com as questões em torno da moda e as imposições a quais as mulheres estariam submetidas. Sob o olhar de dois vestidos serem idênticos – tópico que normalmente não era bem visto pelo público feminino – o jornal mostrava mais uma vez o exagero na parte traseira na indumentária feminina. Ainda que a “explicação” viesse a mostrar o ângulo que revelava o sentido da figura, o olhar crítico permanecia.

CROQUIS DA AVENIDA
A inconveniência de dois vestidos iguais.
(Explicação)
PONTOS NOS ii. Lisboa, 14 fev. 1889. A. 5. N. 196. p. 7.



Uma vestimenta completamente impermeável foi utilizada pelo periódico caricato para associar a crítica política com a de costumes. À medida que se referia às precariedades urbanas da capital portuguesa, o jornal lançava mais uma grande “invenção” a serviço da moda. Era um “toalete automático”, suposta engenhoca formada de chapéu, corpete e saia, que, acionado por meio de molas acionadas a partir de lugares delicados da anatomia feminina, colocariam a mulher em condições de enfrentar as intempéries pluviosas.

MODAS

O nosso jornal rende hoje preito à caprichosa deusa da moda – assim diria a costureira que firma as crônicas de toalete para o *Ilustrado*.

Como a primavera deste ano, admiradora fervente das sessões do conselho de higiene, desencadeia do céu, a propósito de nada, cataratas de chuva, para lavagem da nossa imunda capital, e é necessário preparar a leitora a resistir a essas bruscas inundações, aqui lhe deixamos um modelo de toalete primaveral, todo em varetas, e destinado a desviar a freguesia da Emilia de Abreu, para os sombreireiros da Rua Nova do Almada.

Toalete automático, que abre e fecha com auxílio de três molas – uma que reside na língua e serve para abrir e fechar o chapéu – outra que reside no umbigo e serve para abrir e fechar o corpete – a terceira, finalmente, que enfuna as saias, e tem quarte general no... *honi soit qui mal y pense*.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 2 maio 1889. A. 5. N. 207. p. 3.



Uma seção destinada à moda voltaria às páginas do *Pontos nos ii*, mostrando três damas luxuosamente trajadas, bem de acordo com os padrões do momento. Havia apenas um ponto fora do lugar na caricatura, pois as três estavam a utilizar-se da mesma echarpe. A legenda era curta e sútil, mas carregada de sentido cômico, indicando que era possível atingir a elegância com economia. Os tempos bicudos da crise econômico-financeira e as próprias exigências da alta moda demarcavam que seguir os modismos não era para qualquer um, e a folha caricata destacava isso com bom humor e fina ironia.

MODAS

Economia e elegância.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 16 maio 1889. A. 5. N. 209. p. 6.



Em “Uma valsa vertiginosa”, o periódico trazia uma jocosa anedota gráfica sem legenda, na qual uma dama, dançando com seu parceiro, colocava o garçom em apuros, pois o mesmo enrolava-se na longa cauda do vestido da senhora, sendo arrastado pelo salão. Repetia-se outra vez a visão crítica da folha em relação aquilo que era considerado como uma extravagância da moda.

UMA VALSA VERTIGINOSA

O ANTONIO MARIA. Lisboa, 27 jun. 1891. A. 7. N. 310. p. 7.



Ainda a respeito da moda, o *Antônio Maria*, utilizando-se de desenhos, organizou uma tábua cronológica a respeito da evolução da moda. A ideia chave era centrar o foco da temática na figura feminina, estabelecendo um devir histórico do vestuário das mulheres desde a origem bíblica, com a folha de parreira de Eva, passando pelos tempos primitivos, e avançando até a contemporaneidade.

HISTÓRIA DO VESTUÁRIO FEMININO

O primeiro figurino. Idade do urso das cavernas. Idade de pedra. Época romana. Século XV. Século XVII. Século XVIII. 1800. 1830. 1870. 1892. O último figurino.

O ANTONIO MARIA. Lisboa, 8 jun. 1893. A. 9. N. 380. p. 7.



A moda ia além do vestuário, aplicando-se também aos utensílios, aos quais as mulheres também pretendiam manter atualizados de acordo com as tendências. Foi o caso de uma senhora que, após observar uma exposição, passara a exigir de seu marido apenas produtos importados, desacreditando da indústria nacional, demonstrando uma prática amplamente consumista e não se preocupando com as condições financeiras do cônjuge, desde que satisfizesse os seus desejos.

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL (Considerações de uma elegante)

Não se pode comprar nada em Lisboa... é tudo *nacional*... Que nojo!

- Você Cardoso, vai me mandar vir tudo de Paris: até os alfinetes. Usar coisas feitas cá... que *possidonice*!
- Mas menina, e o câmbio?
- Não quero saber de câmbios. Arruine-se mas fique chique: é o seu dever.

- Chegadinho de Paris...
- Não acredito. Ainda outro dia vi uns assim na Exposição.
- Mas destes é que V.Exa. tem comprado.
- Isso foi antes de saber que eram feitos cá. Agora... nem meio.
- Pois até o Leitão, um rapaz tão *comme il faut*, concorre com pratas portuguesas! Que catureira...
- Nem que os portugueses soubessem fazer alguma coisa com jeito!
- Daqui por diante não usarei uma única coisa sem o carimbo da alfândega.

O ANTONIO MARIA. Lisboa, 8 ago. 1893. A. 9. N. 384. p. 6-7.





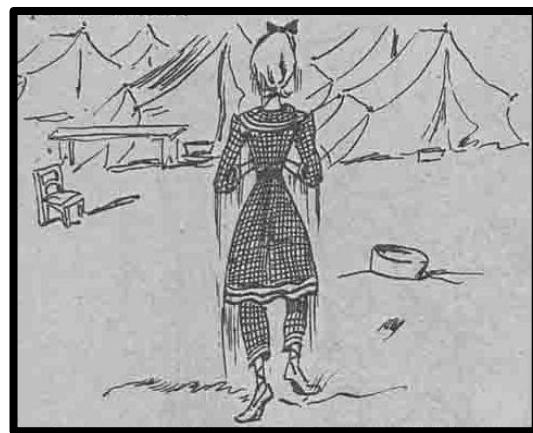
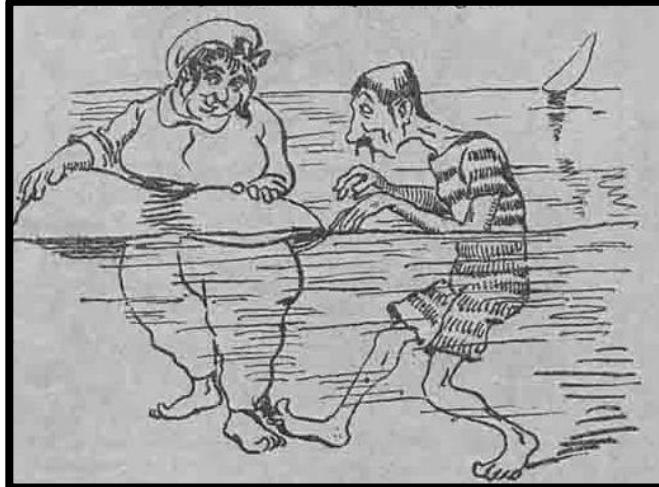
A silhueta feminina como sinônimo de beleza era retratada também pelo periódico lisboeta, ao mostrar uma cena em um balneário. O jornal queria destacar que a moda poderia ser enganosa até mesmo na praia, uma vez que as formas femininas poderiam variar de acordo com a roupa que usassem ou se a mulher estivesse dentro ou fora da água, o que poderia provocar decepções diante do olhar masculino.

Com água pelo pescoço, no seio das ondas, banhistas escanzelados suspiram de encontro às rotundas formas de Dona Briolanjas, e os polvos

pacatos, chefes de repartições submarinas, afastam-se corados pelo que veem, fazendo cruzes na testa – se é que eles têm testa, o que não vale a pena indagar.

Escorripichadas como galhetas de igreja em mão de sacristão novo, desbastadas donzelitas saem do mar, escondendo nas barracas peregrinas formas... de paus de vassoura.

O ANTONIO MARIA. Lisboa, 5 ago. 1895. A. 11. N. 427. p. 3 e 6.



O uso dos chapéus os mais espalhafatosos foi tema mais uma vez da imprensa caricata, dessa vez com destaque para o uso das plumas. O âmago da crítica estava mais ligado às dificuldades que tal indumentária causava nas pessoas que, nas plateias dos teatros, ficavam atrás da mulher que a estivesse utilizando. Na perspectiva do jornal, seriam necessárias várias estratégias, com resultados nem sempre benéficos para buscar transpor tal empecilho.

OS CHAPÉUS DOS TEATROS

As plateias dos teatros tomam o aspecto de florestas de plumas com pássaros empalhados.

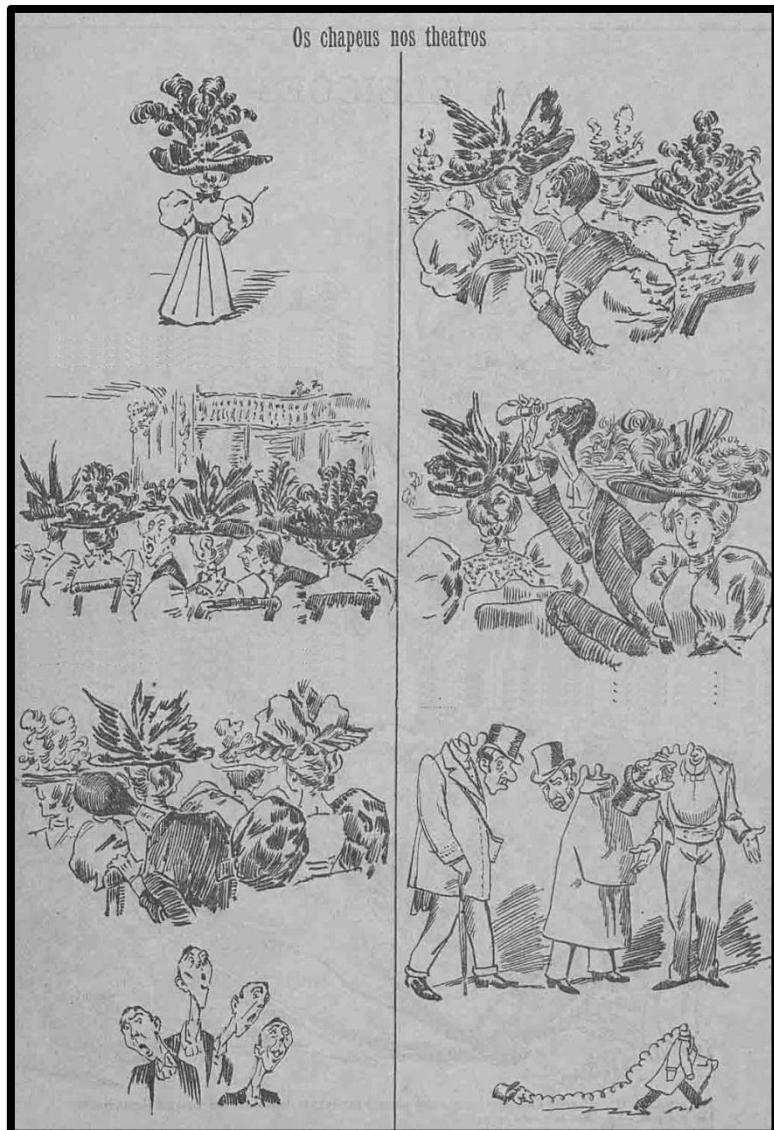
Um desgraçado que vai ver a peça, espreita pela esquerda: plumas.

Espreita pela direita: mais plumas.

Espreita por cima: sempre plumas.

Resultado: gasta dinheiro, não vê a peça e sai assim.

O ANTONIO MARIA. Lisboa, 23 nov. 1895. A. 11. N. 430. p. 7.



O tema era recorrente para o *Antônio Maria*, que voltou a debater o uso dos chapéus femininos nos espetáculos teatrais. A folha chegou a sugerir que a moda feminina se adaptasse a um uso normal no que tange às práticas masculinas, ou seja, as como os homens deixavam seus casacos, as mulheres poderiam deixar seus chapéus na recepção. Era mais uma vez o uso do humor irônico, uma vez que a utilização do chapéu dentro dos salões seria exatamente a premissa desejada pelas mulheres para demonstrar o quanto acompanhavam a moda.

Do teatro:

Quem fica atrás vê na frente. E se as senhoras fizessem aos chapéus o mesmo que nós fazemos aos paletós?

O ANTONIO MARIA. Lisboa, 1º dez. 1896. A. 12. N. 443. p. 8.



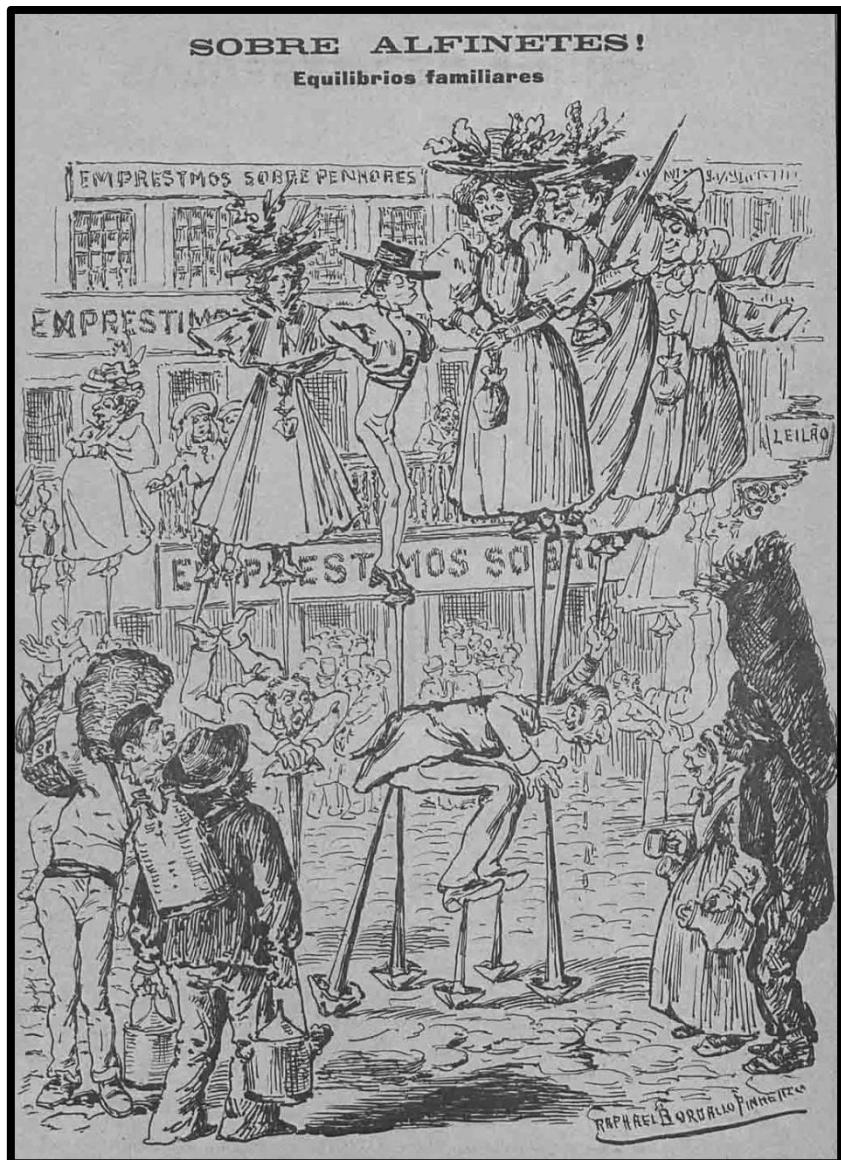
Os sacrifícios gerados pela busca desenfreada de acompanhar a moda foi outro elemento destacado pelo hebdomadário lisbonense. Tal esforço sacrificante era simbolizado predominantemente por figuras femininas, que passariam não se preocupar em ter de equilibrar-se sobre imensos alfinetes, e masculinas, que pareciam massacrados, sob o efeito das alfinetadas, em alusão às despesas geradas pelos modismos, cujo custeio ficaria ao encargo dos maridos.

SOBRE ALFINETES! – Equilíbrios familiares

A grande maravilha! O mais extraordinário e assombroso trabalho da atualidade!

- Mas porque não o apresentou ainda no Coliseu o sr. Santos Júnior?
- Porque, como todos o fazem, ninguém o admira!

O ANTONIO MARIA. Lisboa, 18 nov. 1897. A. 13. N. 452. p. 8.



A folha caricata chegava a mostrar uma ligação mais íntima com a própria moda, ou ao menos com um padrão de indumentária. O periódico considerava a mulher trajando capote e lenço a sua própria “musa inspiradora”. Em outras palavras, ficava demarcada a construção de uma figura típica, calcada na vestimenta e que sintetizava a “Maria”, autêntica representante da mulher portuguesa e que, inclusive, aparecia também como a mantenedora da própria publicação, como ficara declarado na transição do *Antônio Maria* para o *Pontos nos ii*.

MULHER DE CAPOTE E LENÇO
(Musa inspiradora)

É ela que leva, é ela quem traz, quem se entremete, quem intriga,
quem dá cabo de tudo. Padroeira de todas as *igrejinhas*, com as suas onze
letras e convertidas em pauzinhos, faz um sarilho nacional!

O ANTONIO MARIA. Lisboa, 2 dez. 1897. A. 13. N. 454. p. 8.



A APARÊNCIA COMO PAUTA

A busca pelo embelezamento no âmbito feminino foi outra circunstância bastante presente nas páginas da publicação ilustrada lisbonense. Foi o caso da disputa por um papel em peça teatral, cujas atrizes envolvidas tinham um determinado padrão estético, ao passo que o jornal brincava com a possibilidade de uma mulher com formas mais arredondadas pudesse também cobiçar o papel.

TRIBULAÇÕES DE UM EMPRESÁRIO

Francisco Palha, vendo fugir-lhe a única Vênus italiana e loira que tinha sonhado para o *Orfeu nos infernos*, dirige-se a um *cavallieri* italiano e loiro, a fim de que ele o socorra, aceitando o papel.

O digno prior manifesta certo despeito por não se lembarem de quem, pela redondeza das formas, podia perfeitamente desempenhar o papel de Vênus de Milo – colada.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 11 mar. 1880. A. 2. N. 41. p. 2.



A questão da aparência foi mais uma vez abordada, dessa vez levando em conta a perspectiva da idade da mulher. O periódico tratava jocosamente o fato de uma senhora, já não muito jovem, bem como não tão bela, tivesse se apresentado para responder o anúncio feito por um viúvo em busca de uma nova esposa.

Resposta ao anúncio do viúvo inconsolável que no último domingo
pediu dama pelos jornais
Oferece-se esta senhora respeitável *que não faz questão*,

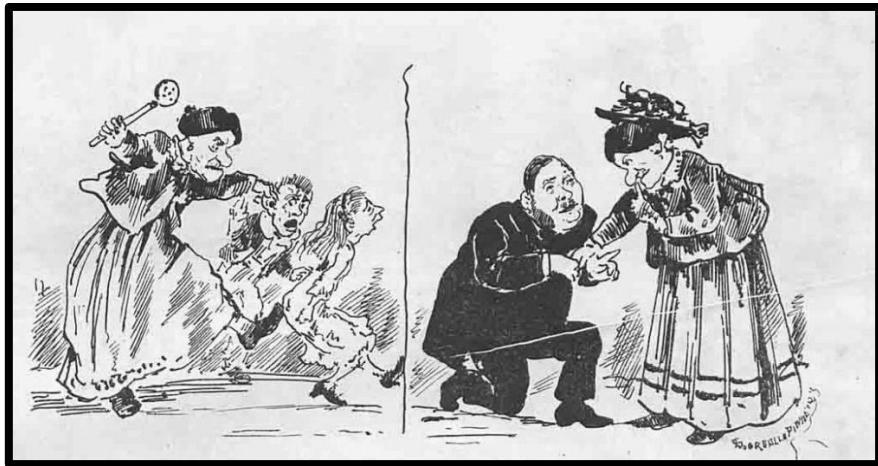
E está convencida de que as suas virtudes a farão desejar para o resto da vida.

Possui o mais sublime dote da mulher, como o viúvo atribulado deseja, e está pronta a educar-lhe os seus dois meninos.

Silêncio e descrição, visto o supracitado inconsolável querer dar aos seus meninos o exemplo de um *respeitador escrupuloso do seu próprio caráter*.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 5 ago. 1880. A. 2. N. 62. p. 2-3.



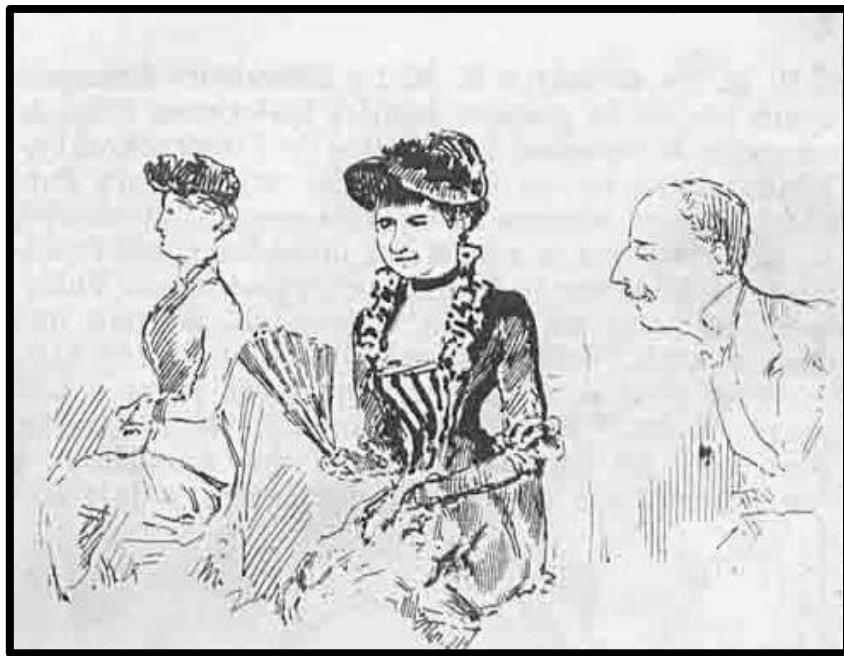


A preponderância da aparência ficava denotada em uma outra caricatura publicada pelo Antônio Maria, na qual era descrita a capacidade intelectual de uma palestrante, entretanto, o desenho mostrava que os homens não estariam admirando-a pelos seus dotes de inteligência e sim pela sua "graça" e "elegância".

MADAME LA B... DE...

O mais gracioso e o mais elegante tipo da fauna sábia. Nos congressos antropológicos, em que as origens do homem o confundem um pouco com o macaco pelo primeiro elo da cadeia, colocar na extremidade oposta da série esta importante congressista é fazer uma obra de misericórdia, consolando anatomicamente a espécie do desgosto de vir de acolá pela honra de chegar aqui.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 30 set. 1880. A. 2. N. 70. p. 5.



As observações da folha caricata acerca das feições femininas chegavam por vezes a ser grosseiras como foi a representação da conversa entre um homem e uma mulher. Usando breves traços sobre o papel, o jornal apresentava um diálogo pelo qual, embasado na aparência da interlocutora, ele insistia em perguntar-lhe a respeito de qual seria o seu sexo. Convencido de que se tratava de uma mulher, ele só conseguiu atribuir a ela a função de sapateira.

NA TRINDADE

- És mulher ou homem?
- Sou mulher.

- Palavra de honra, meu amor?
- Sim, meu anjo!
- Vai então à minha casa amanhã pela manhã, para me tomares medida de umas botas.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 5 mar. 1881. A. 3. N. 92. p. 6.



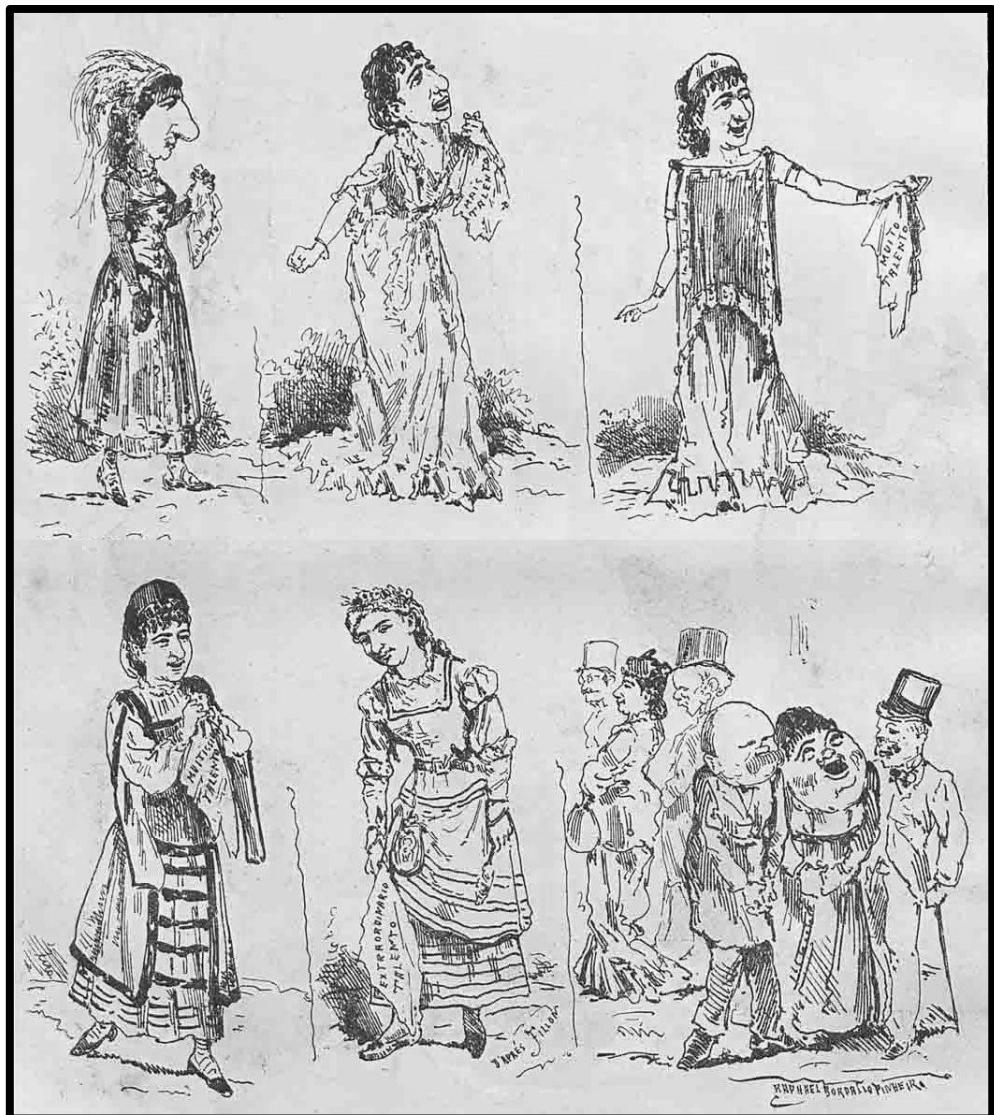
Supostamente se referindo a uma atriz, o periódico mais uma vez calcava boa parte da capacidade feminina na articulação direta com a beleza. Nesse caso, o alvo da pilhária era o nariz da artista, colocado como contraponto em relação ao talento da mesma.

O NARIZ DE MADEMOISELLE BORGHI-MAMO

História da impressão produzida pelo aspecto do apenso nasal dessa cantora no espírito público.

No primeiro mês da estação. No segundo mês. No terceiro mês. No quarto mês. Ao acabar a temporada. *Moralidade*: Não há bem que sempre dure, nem nariz que não acabe.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 7 abr. 1881. A. 3. N. 97. p. 6.



Magreza e gordura como atributos identificáveis do belo ficavam expressos nas páginas do *Antônio Maria*, ao apresentar os esforços feitos pelas mulheres, supostamente em nome da saúde e por razões religiosas, ficando implícita a questão da busca por manter a aparência mais impecável possível.

O JEJUM E O FERRO BRAVAIS

A maioria das senhoras de Lisboa passam o ano a curar as suas anemias tomando ferro Bravais, e passam a semana santa desfazendo essa cura a jejuar o trespassse.

Eis aí a razão porque a segunda-feira santa nos apresenta este aspecto.

E o sábado de aleluia nos apresenta este outro.

Pobres senhoras!

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 21 abr. 1881. A. 3. N. 99. p. 5.

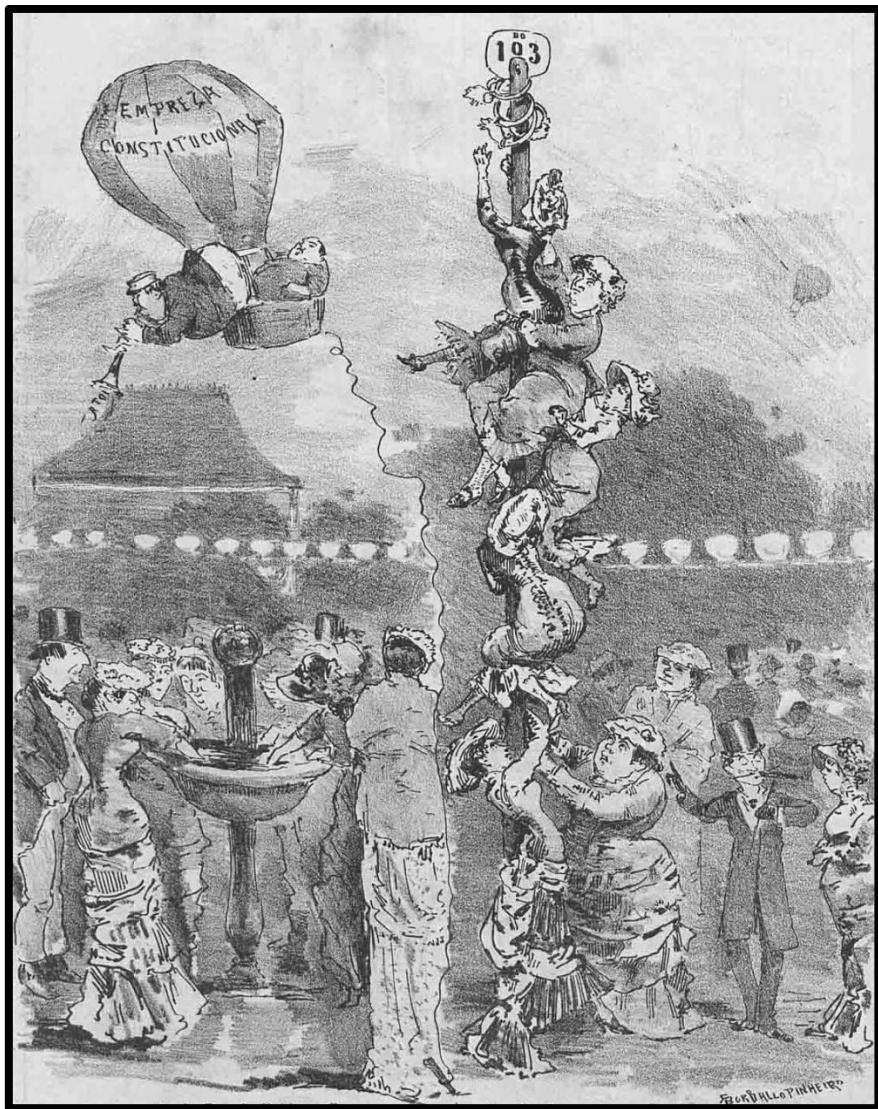


O jornal lisboeta fazia troça com a fixação feminina por adereços, narrando a estória de que mulheres da capital portuguesa tinham entrado em concurso para conseguir um bracelete. Levando em conta tal cobiça, o periódico sugerir uma nova modalidade de disputa, fazendo com que as mulheres para obterem a mesma joia, tivessem de subir em uma espécie de pau-de-sebo. No desenho, as mulheres acotovelavam-se para conseguir executar a empreitada sugerida.

A ATITUDE DA SOCIEDADE

O empresário do Passeio Público ofereceu um bracelete àquela das senhoras de Lisboa que conseguisse tirá-lo do fundo de uma taça cheia de água. Muitas senhoras meteram o braço na água e uma delas ganhou o prêmio. Visto que as senhoras de Lisboa se acham resolvidas a entrar nesta espécie de certames, aconselhamos que para recreio da sociedade se arvorem os braceletes no mastro de cocagne.

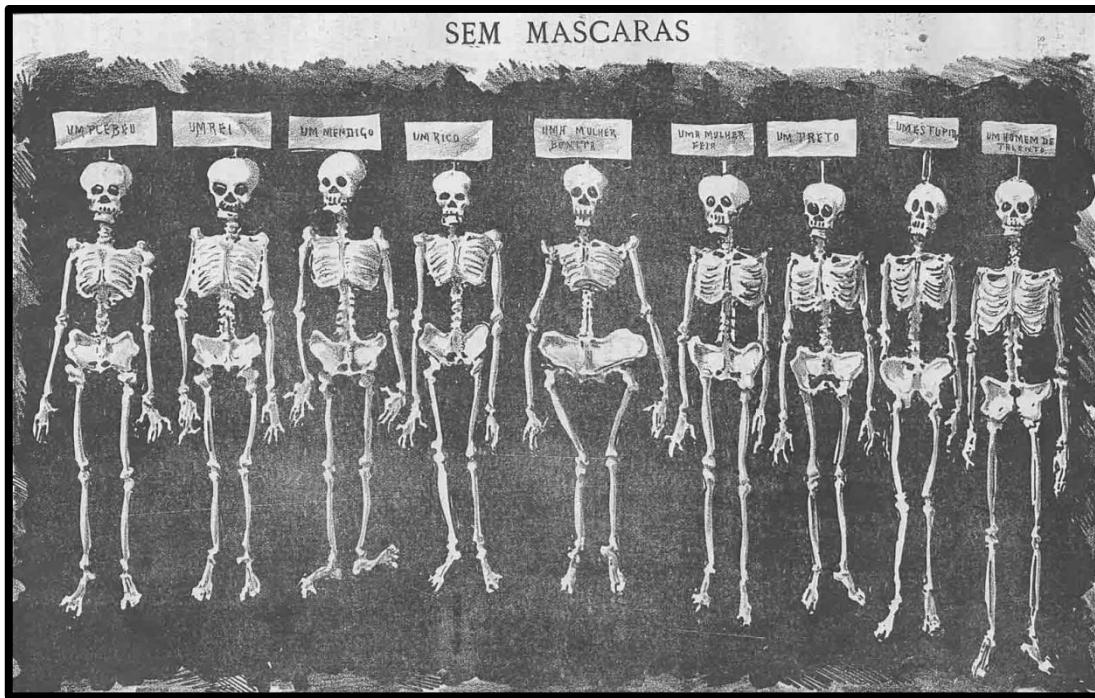
O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 8 set. 1881. A. 3. N. 119. p. 8.



Em uma caricatura até certo ponto escatológica, a folha buscava dar um sentido moral à sua crítica. O título era uma referência à época de carnaval e se constituía em uma alegoria que mostrava vários esqueletos, representando que, na morte, todos eram semelhantes, fosse plebeu, rei, mendigo, rico, preto, estúpido ou homem de talento. Havia, entretanto, uma diferença, entre “uma mulher bonita” e “uma mulher feia”, àquela referindo-se aos restos mortais de uma mulher de quadris largos e a desta, uma magra, de quadris estreitos. Assim, segundo o jornal, para a aparência feminina, valiam certos pressupostos detectáveis até mesmo no post-mortem.

SEM MÁSCARAS

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 23 fev. 1882. A. 4. N. 143. p. 8.



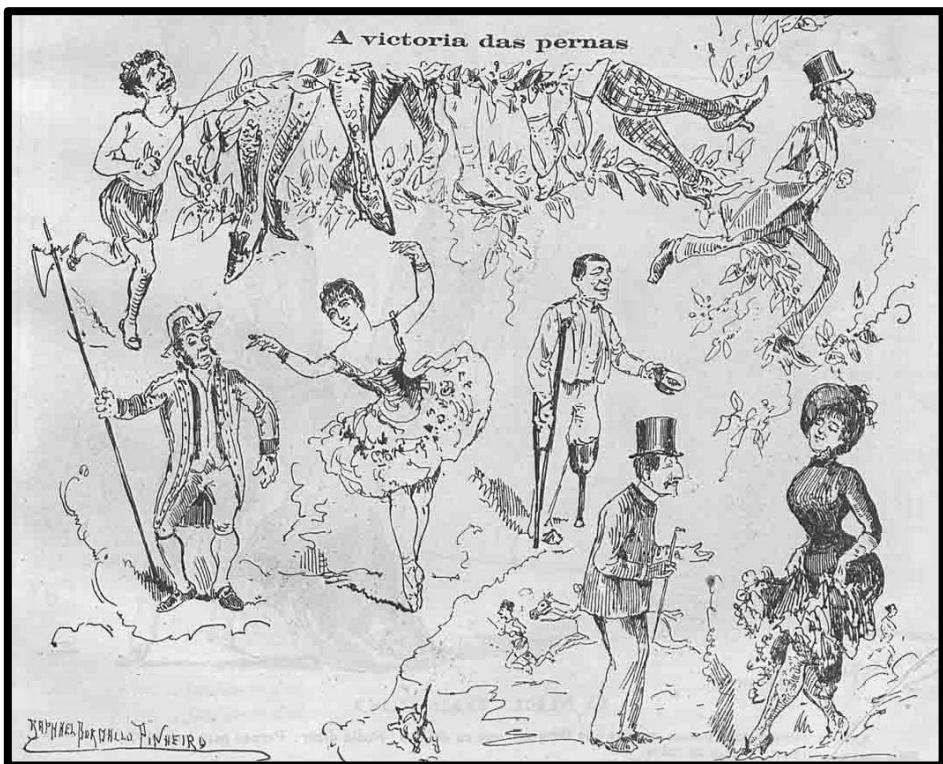
Utilizando-se de um jogo de palavras e de imagens, o hebdomadário caricato lisboeta apresentava uma série de referências a pernas, ou mesmo à falta delas. A culminância do desenho se dava na confiança da dama na beleza de suas pernas.

A VITÓRIA DAS PERNAS

Os que vivem delas.

- Eu também aposto... pelas minhas.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 7 set. 1882. A. 4. N. 171. p. 7.



Revelando significativa má vontade para com as mulheres portuguesas, ou simplesmente brincando com isso, a folha caricata fazia referência a um concurso de beleza, estampando candidatas húngaras, enquadradas como protótipos de beleza. Por outro lado, a folha sugeria o mesmo tipo de competição na capital lusitana, mas considerando que as concorrentes não teriam aqueles mesmos padrões.

O CONCURSO DE BELEZA EM BUDAPESTE

Retrato da premiada

A exemplo de Budapeste, Lisboa vai também promover um concurso de beleza, ao qual, com mais razão de que aquele, se poderá chamar um verdadeiro concurso de *peste*...

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 26 out. 1882. A. 4. N. 178. p. 1.



Mas o *Antônio Maria* viria a se remendar daquela qualificação tão desabonadora das mulheres lusas, chamando atenção para a formosura de banhistas nos balneários portugueses. Ainda assim, o diferencial qualificador das mulheres permanecia sendo a sua aparência.

Depois de tanta nota triste, concluamos pelo contraste formosíssimo das frequentadoras destas praias...

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 2 out. 1884. A. 5. N. 279. p. 3.



A incansável batalha em busca da beleza foi retratada pelo periódico caricato mostrando mais uma vez uma cena em ambiente balneário. Dessa vez, através de desenhos e versos, a estória retratava uma mulher que, para alterar suas formas, lançava mão de tal quantidade de utensílios, que chegava a correr risco de vida nas águas em que se banhava.

NA PRAIA DE PEDROIÇOS

Eustáquia mostra-se à vista
Tão gorda, que o seu corpete,
De estracana azul ferrete,
Nas pregas, quase lhe estoura!
E aovê-la assim rechonchuda
Alguém maldoso improvisa
Que Eustáquia, vista em camisa,
É como um pau de vassoura!...

De fato, enquanto a gordura,
Tem só as formas externas...
- Peito, barrigas de pernas,
Tudo é falso e de borracha!
Com tanta coisa boiante
Em que Eustáquia se atafulha,
Já se vê que não mergulha
Quando no banho se encaixa...

De mergulhá-la no esforço
Vêm todos em seu auxílio:
A Tia, o primo Basílio,
A mãe, as manas e o pai.
Acode pronta e solicita
Toda a vasta parentela,
Põe-se tudo em cima dela,
- Mas para baixo é que não vai!...

Sai enfim Eustáquia da água,
Com a cabeça sempre enxuta;
Mas que destroços na luta,
Quanto desastres na briga!
O casaveque em bocados,
As calças feitas em postas,
Ambos os peitos nas costas
E a *tournure* sobre a barriga!...

Chegado o dia seguinte,
 Da praia nos belos lodos,
 Mostra-se aos olhos de todos
 A mesma roliça dama;
 Mas desta vez – dentro da água,
 A ver se em suma se agacha –
 Deixou em casa a borracha
 E é toda... algodão em rama!

Mas, mal ao banho se atira,
 Para o fundo rápida desce,
 Que o algodão incha e cresce
 Dentro da farta borjaca,
 E chucha na água do Tejo,
 Que lentamente consome,
 Como um vitelo com fome
 Chucha nas tetas da vaca!

Por mais que Eustáquia se *esforce*,
 Vir ao de cima não pode!
 Grita afinal: – Quem me acode!
 Que a negra morte me aterra!...
 Lançam-lhe um cabo e fatecha
 E tudo então se encarniça,
 Puxando a vós – *Vá lá içá!*
 Até que a trazem para a terra!

Pôs-se o Tejo em baixa-mar,
 Como quando a maré vaza!
 - Levar Eustáquia para casa
 Foi o bonito, depois...
 Para puxar o peso enorme,
 Sobre a praia de saborra,
 Teve de vir uma zorra
 Com vinte juntas de bois!

De mergulhá-la no esforço
 Vêm todos em seu auxílio:
 A Tia, o primo Basílio,
 A mãe, as manas e o pai.
 Acode pronta e solicita
 Toda a vasta parentela,
 Põe-se tudo em cima dela,
 - Mas para baixo é que não vai!...

Mas no regresso para o quarto
 Espera-a nova desgraça:
 A zorra, por onde passa,
 Forma um profundo caneiro,
 E a água, escorrendo em torno,
 Faz da barraca tal ilha,
 Que o pais, para buscar a filha,
 Tem de alugar um saveiro!

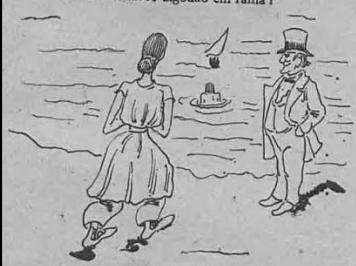
O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 9 out. 1884. A. 5. N. 280. p. 6-7.



Sae emfim Eustaquia d'água,
Co'a cabeça sempre enxuta;
Mas que destroços na lucta,
Quantos desastres na briga!
O caseveque em bocados,
As calças feitas em postas,
Ambos os peitos nas costas
E a *tournure* sobre a barriga!...



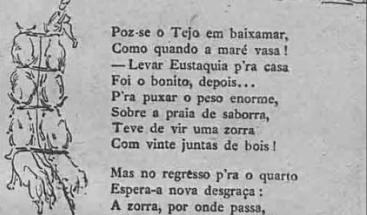
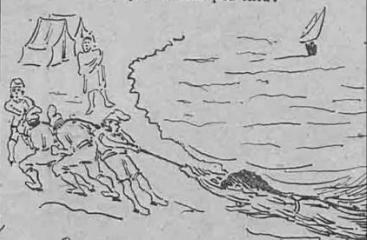
Chegado o dia seguinte,
Da praia nos bellos lodos,
Mostra-se aos olhos de todos
A mesma róliça dama;
Mas d'esta vez — dentro d'água,
A ver se em summa se agacha —
Deixou em casa a borrhacha
E é toda... algodão em rama!



Mas, mal ao banho se atira,
P'ra o fundo rapida desce,
Que o algodão incha e cresce
Dentro da farta borjacá,
E chucha n'água do Tejo,
Que lentamente consome,
Como um vitello com fome
Chucha nas tetas da vacca!



Por mais que Eustaquia se esforce,
Vir ao de cima não pode!
Grita afinal: — Quem me acode!
Que a negra morte me aterra!...
Lançam-lhe um cabo e fatecha
E tudo enfaço se encarniça,
Puxando á voz — *Vá lá iça!*
Até que a trazem p'ra terra!



Poz-se o Tejo em baixamar,
Como quando a maré vasa!
— Levar Eustaquia p'ra casa
Foi o bonito, depois...
P'ra puxar o peso enorme,
Sobre a praia de saborra,
Teve de vir uma zorra
Com vinte juntas de bois!

Mas no regresso p'ra o quarto
Espera-a nova desgraça:
A zorra, por onde passa,
Forma um profundo caneiro,
E a água, escorrendo em torno,
Faz da barraca tal ilha,
Que o pae, p'ra buscar a filha,
Tem de alugar um saveiro!



PAN.

Musilay Fornello Pintura

Duas cenas rápidas ainda centradas em âmbito balneário voltavam a enfatizar a preeminência da beleza. Uma delas fazia uma comparação entre a aparência da mãe quando jovem com as suas filhas. A outra mostrava a formosura de uma banhista toda enfeitada quando ia em direção ao banho e, ao voltar, toda desfeita, de modo que, na primeira situação despertava a cobiça e, na segunda, o deboche de parte dos rapazes.

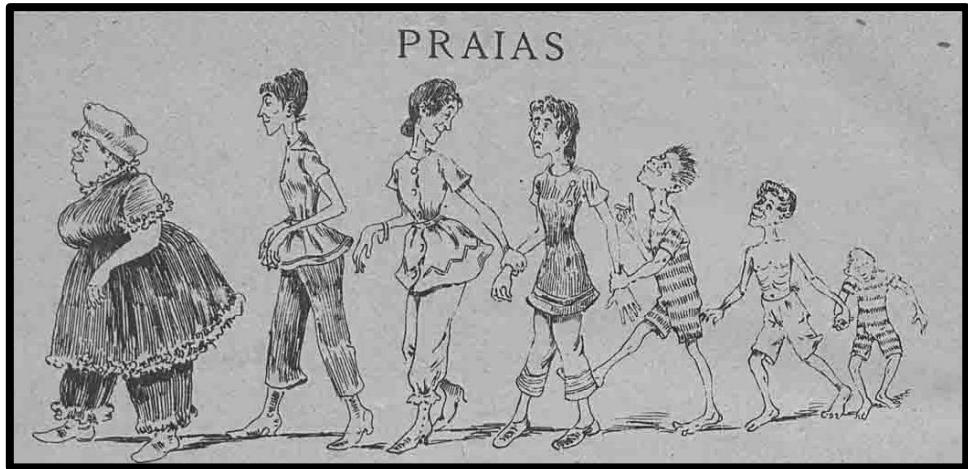
PRAIAS

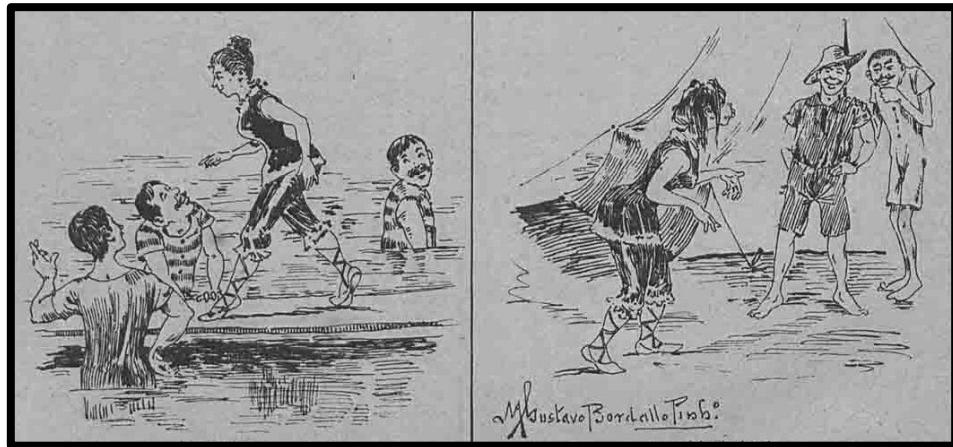
Dizem que a mãe, nos seus tempos, ainda era mais magra e mais esbelta, de que as filhas hoje em dia! Oh! témportas!

(...)

Ao entrar para o banho. Ao sair do banho.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 29 set. 1887. A. 3. N. 125. p. 8.





No jogo de caricaturas intitulado “Conquista imaginária”, o periódico zombava com uma situação envolvendo marido e mulher. Na cena, ao perceber um homem que estaria a observar sua esposa, o cônjuge se arma em indignação, mas acabaria voltando atrás, pois o transeunte manifestou uma opinião favorável ao marido e nada abonadora em relação à aparência de sua consorte.

CONQUISTA IMAGINÁRIA

Ela: - Quem homem tão bonito!
 Ele: - Que mulher tão feia!
 O marido, ciumento: - Quem será este indivíduo?...
 Ela, ruborizando-se: - Eu cá não sei... Cada um segue o seu caminho...
 O marido, quase Otelo: - Arrasta-te a asa, com uma certeza!...
 (assanhado:) O sr. o que pretende?...

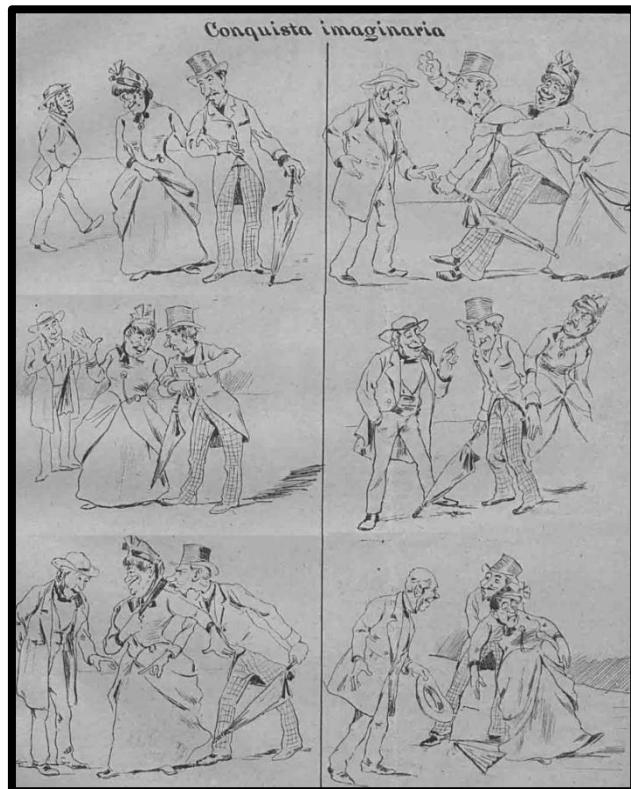
Ele, pachorrento: - Ver de perto a sua mulher. Parece impossível que um homem tão perfeito casasse com uma cascata tão medonha!

O marido, baboso: - E eu que imaginava... peço um milhão de desculpas...

Ela, como uma barata: - Monstro!

Moralidade: - Ninguém bate em quem lhe chama de bonito e ninguém se imagina feio.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 31 maio 1888. A. 4. N. 159. p. 7.



Até mesmo a distribuição capilar nos corpos femininos foi alvo do tom jocoso da folha. Por meio de vários desenhos, o periódico mostrava com graça o que sugeria como um novo padrão de embelezamento das mulheres, envolvendo o crescimento de cabelos embaixo dos braços.

INDISCRIÇÕES DOS CAMARINS

(Caiu de moda o cabelinho na venta e aí temos em voga o cabelinho no
sovaco)

Antes da rolha:

- Fazei, meu Deus com que eu tenha mais cabelo debaixo dos braços
do que adiposidades debaixo do espartilho!

Rica barba para um sovaquinho.

Durante a rolha:

- No meu tempo, senhorita, nenhuma de nós gostava dela queimada.

Depois da rolha:

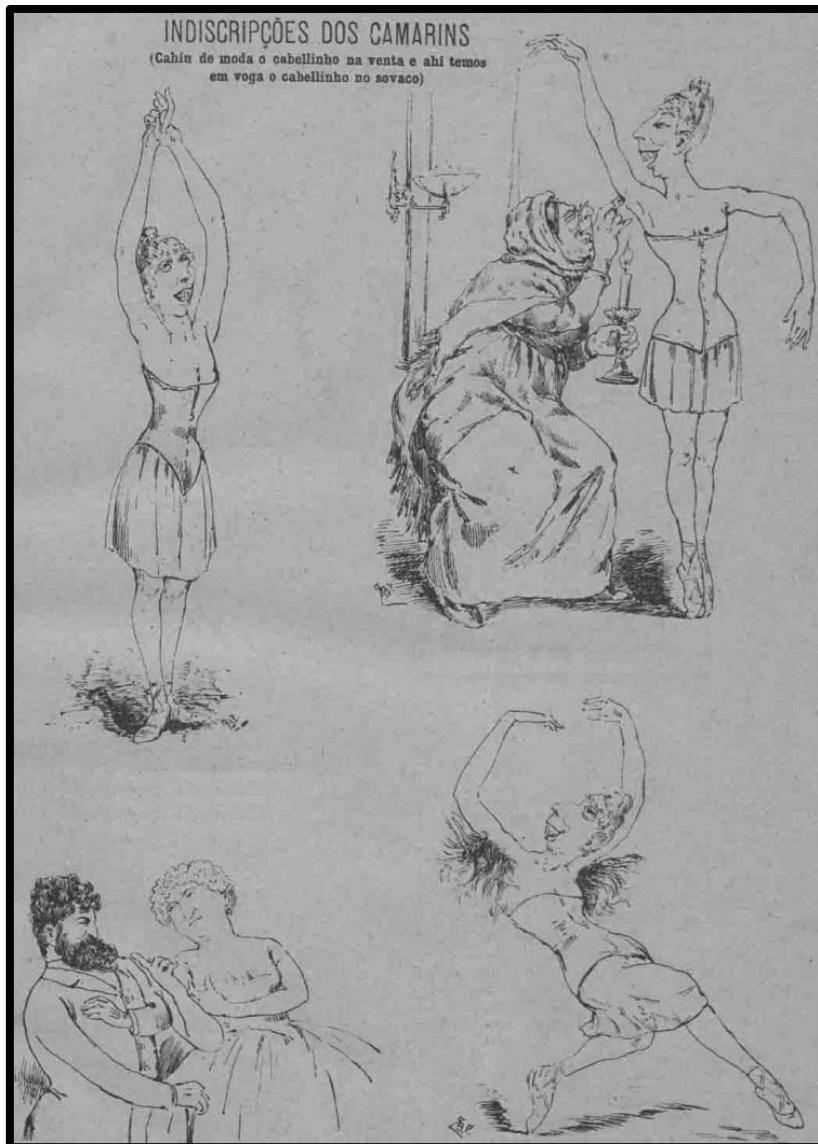
Eu sou a Guida

Que vou à boda

Toda despida

De barba toda.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 14 jan. 1889. A. 5. N. 193. p. 7.



Envolvendo perspectivas que associavam aparência com questões étnicas, o *Pontos nos ii* dava a sua versão para o impacto que a presença de negros vindos da África estaria despertando em meio à sociedade lusa. Nesse sentido, tanto as mulheres negras quanto as brancas estariam a tentar maquilar-se de modo a mudar a cor da tez, para tornarem-se mais atrativas.

OS PRETOS DE CATUMBELA

(Páginas de modas)

- Que salero de dona, ó Gouveia! Olha como se meche!
- *Deliciosa*, sim senhor. Na primeira viagem de Arroio ao Porto, hei de lhe arranjar um passe, e iremos os três, a ver se salva outra vez a Serra do Pilar.

Com os pretos, um delírio. Em eles passando, as cocotes extasiam.
Deixá-las penar!

Inversão de cosméticos, na toalete. As pretas cobrem-se de pós de arroz.

Justo será que as brancas comecem agora a cobrir-se de pós de sapatos. – E assim vai o mundo!

PONTOS NOS ii. Lisboa, 29 maio 1890. A. 6. N. 257. p. 6.



ENCONTROS E DESENCONTROS

Referindo-se a trocas de balões de pape praticadas no momento, o *Antônio Maria* aproveitava a oportunidade para mostrar um casal enamorado. Na despedida, em jogo de palavras, os namorados trocam galanteios e, junto desses, prometem também trocar sentimentos e balões.

À DESPEDIDA, ENTRE DOIS NAMORADOS

Ele:

Anjo do céu: a uma hora
Da rua dou-te sinal.

Ela:

Muito bem vou ver agora
Se esqueces o *teu ideal*!
Trocaremos enleados
Os nossos corações.

Ele:

– E depois deles trocados,
Trocaremos os balões.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 24 jul. 1879. A. 1. N. 7. p. 7.



O periódico trouxe ao público uma estória publicada na forma de desenhos e versos sobre dois enamorados que desfrutavam das águas de um balneário. Tudo ia bem, na troca de carinhos subaquáticos e juras de amor, e eles pareciam inseparáveis, até que uma espécie marinha, transparente e de corpo mole, ou seja, uma simples água-viva, põe tudo a perder, pois o namorado, acovardado, foge apavorado, deixando à amada largada à própria sorte.

NA PRAIA DE PEDROIÇOS

Sopram zéfiros amenos
Na bela praia em Pedroïços;
Ao longe, vários pequenos,
Fazem girar os baloiços.

Andam boias de cortiça
Das águas nadando à tona;
Velhas de cuia postiça
Pedem barraca de lona...

E Elvira espera na praia,
Deitando o olhar de revés,
Que o noivo se arranje e saia
Da barraca número dez...

Ao cabo de um quarto de hora,
Que Elvira aguardando anseia
Sai Benjamin cá para fora
Trajando fato de meia.

Fitam-se os dois namorados
Nas olhadelas mais ternas;
E o noivo sente eriçados
Os fartos pelos das pernas...

Ligeiro como a gazela
Salta para dentro de um barco,
Deita mais uma olhadela,
E – zás! – atira-se ao charco!

Elvira, morta de susto,
Torna-se cor de gengibre,
E faz calar, mas a custo,
Um – ai! – de grosso calibre...

O noivo, apenas mergulha;
Mais leve do que o sabugo,
Lá vem nadando de agulha,
Ligeiro como um besugo.

Para que ela não se amedronte
É Benjamin que a conduz;
Chega a ninfa ao fim da ponte
- Um! - dois! - três!... e cataprus!...

Mergulham ambos; depois,
Num bem estar que eu lhes invejo,
Ei-los sozinhos os dois
Nas frescas águas do Tejo...

Elvira, trêmula, a medo,
Ao noivo abandona a destra,
E os dois, falando em segredo,
Entram na bela palestra...

- Nem tu calculas, diz ele,
Como abrandam minhas mágoas
Ao sentir banhada a pele,
Com a tua, nas mesmas águas!...

- Amas-me?... Sinto-me louco!
Louco e amor e de orgulho!
- Mas disfarçemos um pouco...
Vá lá mais outro mergulho...

- Como minha alma delira
Ao dar-te, amor, este beijo...
- Ai!...
- O que sentes, Elvira?!

- Creio que foi caranguejo...

- Vês este Tejo tamanho,
Com tanta nau e corveta?...
- Como hei de eu ver se para o banho
Não trouxe a minha luneta...

- Pois bem maior de que o rio
É este amor que eu senti!
Os céus e o mar desafio
A separar-me de ti!...

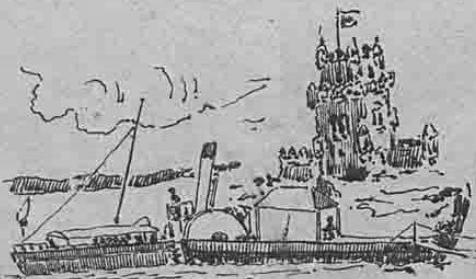
Uma alforreca medonha
Surge boiando à gandaia,
E Benjamin – ó vergonha! –
Foge a correr pela praia!

Sabei, gentes do futuro,
Como jurando se peca!
Às vezes, para ser perjuro,
Basta uma vil alforreca!...

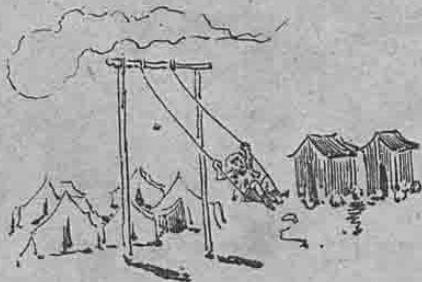
O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 11 set. 1884. A. 5. N. 276. p. 6-7.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 18 set. 1884. A. 5. N. 277. p. 6-7.

NA PRAIA DE PEDROIÇOS



Sopram zephiros amenos
Na bella praia em Pedroiços;
Ao longe, varios pequenos,
Fazem girar os baloiços.



Andam boias de cortiça
Das aguas nadando á tona;
Velhas de cuia postiça
Pédem barraca de lona...



E Elvira espera na praia,
Deitando o olhar de revez,
Que o noivo se arranje e saia
Da barraca num'ro dez...



Ao cabo d'um quarto d' hora,
Que Elvira aguardando ancia
Sai Benjamin cá p'ra fóra
Trajando fato de meia.



Fictam-se os dois namorados
Nas olhadellas mais ternas;
E o noivo sente eriçados
Os fartos pellos das pernas...



Ligeiro como a gasella
Salta p'ra dentro d'um barco,
Deita mais uma olhadella,
E — zas! — atira-se ao charco!



Elvira, morta de susto,
Torna-se cór de gengibre,
E faz callar, mas a custo,
Um — ai! — de grosso calibre...



O noivo, apenas mergulha;
Mais leve de que o sabugo,
Lá vem nadando de agulha,
Ligeiro como um bisugo.



Pra que *ella* não se amedronte
É Benjamin que a conduz;
Chega a nymphá ao fim da ponte
— Um! — dois! — trez!... e catrapuz!...





— Amas-me?... Sinto-me louco!
Louco de amor e de orgulho!
— Mas disfarçemos um pouco...
Vá lá mais outro mergulho...



— Como minh'alma delira
Ao dar-te, amor, este beijo...
— Ai!... — O que sentes, Elvira?!

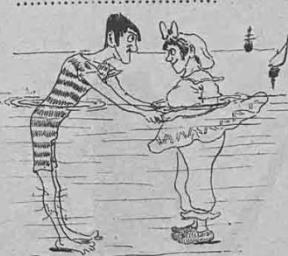
— Creio que foi caranguejo...



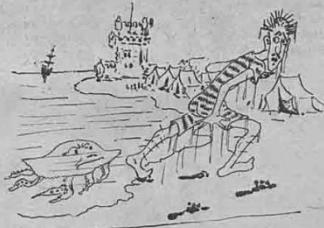
— Vês este Tejo tamanho,
Com tanta nau e corveta?...
— Como heide eu ver se p'ra o banho
Não trouxe a minha luneta...!



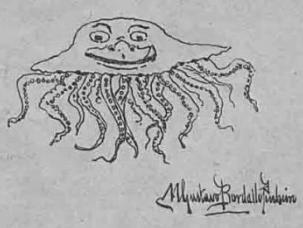
— Pois bem maior de que o rio!
É este amor que eu senti!
Os céus e o mar desafio
A separar-me de ti!...



Uma alforreca medonha
Surge boiando à gandaria,
E Benjamin — ó vergonha! —
Foge a correr pela praia!



Sabei, gentes do futuro,
Como jurado se pecca!
Ás vezes, p'ra ser prejuízo,
Basta uma vil alforreca!...



Outra cena descrita pelo semanário caricato também se passava no ambiente balneário, só que desta vez a estória não se passava à beira da praia. O cenário era um simples banco em um lugar público que servia de mola propulsora à narrativa. Um homem com tendências a dom-joão aproximava-se de uma moça que não se mostrava afeita a galanteios. Diante da insistência do indivíduo, ela buscava ao máximo esquivar-se, até a culminância da estória, com o dom-joão envergonhado do tombo que levara, tendo em vista a extrema inclinação do banco.

NA PRAIA DE PEDROIÇOS

Sem descanso, ao belo sexo
Felix Sousa se consagra;
Alta, baixa, gorda ou magra,
A todas acha divinas.
A todas lança a luneta,
A todas faz pé de alferes,
Baba-se, enfim, por mulheres...
- É danado para as meninas!

Ontem, viu ele na praia
D. Praxedes Pulcheria,
Uma dama grave e séria
Casta e pura, austera e sã;
E, no empenho de que a diva
Ao namoro dessa trela,
Foi-se assentar ao pé dela
Dando-se ares de D. Juan.

Pulcheria, vendo que o Felix
Estava botando namoro,
Indigna-se tal desaforo, Deixa-se
estar de olhos baixos...
E assim fica longo tempo,
Grave, solene, mazomba,
E casta como uma pomba
- Antes de ter os borrachos...

Como quem quer sobre o banco
Mais à vontade sentar-se,
Tomou então por disfarce
O petulante do Sousa;
E, pelo assento de pinho
Lentamente escorregando,
Foi-se chegando, chegando...
Como quem não quer a coisa...

Tremeu Pulcheria de susto
Ao perceber-lhe o desejo
E fez-se rubra de pejo
Com aquela inaudita afronta;
E ao corpo gordo e roliço
Dando também solavanco,
A deslizar pelo banco
Foi-se chegando para a ponta...

Assim percorrem os dois
O banco de lés-a-lés...
O Sousa investe outra vez,
De novo foge a Praxedes...
Ele segreda-lhe baixo
O seu afeto profundo,
Amor *sem fim*... – um segundo
Parafuso de Arquimedes...

Ao cabo de um quarto de hora
Dessa luta persistente,
Presencia toda a gente
Uma cena do diacho:
Ambos na ponta do banco
Carregam com força tanta,
Que uma ponta se levanta
E a outra ponta vai-se abaixo!

Praxedes cai sobre a areia,
Porém, levanta-se logo,
Dando às de Vila Diogo
Mais leve que uma andorinha...
E Felix Sousa, estendido,
De raiva torna-se branco,
Enquanto o pinho do banco
Lhe abre uma brecha na *pinhal*...

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 16 out. 1884. A. 5. N. 281. p. 6-7.





Um outro namorador contumaz foi mostrado nas páginas do *Antônio Maria*, a partir da associação entre imagens e palavras versadas. Dessa vez o rapaz tinha duas namoradas que visitava de forma alternada. Entretanto, dois contratempos no mesmo dia pareciam tirar-lhe do circuito dos romances. No primeiro encontro com a primeira moça, perde a cartola e acabava sendo por ela ridicularizado. No segundo, se viu surpreendido pelo pai da outra namorada, que, da janela, com uma seringa, deu um banho no dom-joão, deixando-lhe adoentado e de cama, a repensar suas tendências de conquistador.

CRÔNICA DE AMOR – DOIS FIASCOS

Barnabé tem dois ourelos
Mas não sabe qual mais ame,
Porque as duas em certame
Amor lhe inspiram aos molhos!
- Eufrásia mora no Aterro
E de Ambrósia pouco dista,
Que reside à Boa Vista
Perto da Bica dos Olhos...

Depois do almoço, às dez horas,
Deixando o caseiro encerro,
Barnabé vai para o Aterro
Do amor gozar as delícias...
Deve *ela* mostrar-lhe o lenço,
De afeto dando um prenúncio,
Como ele pede em anúncio
No *Diário de Notícias*...

Ela lá está na varanda
De olhar amante e suave,
Enquanto *ele* passa grave
Sobre o passeio de asfalto;
Mas misto o vento perverso,
Pondo-lhe à mostra o toutiço,
Fá-lo deixar o derriço
Para apanhar o chapéu alto!

A perseguir sem descanso
O chapéu que lhe fugiu,
Até às margens do rio
Vai a correr Barnabé...
E enquanto o *bumbo* cai na água,
Vê-se ele sobre as faluas
Como o fidalgo D. Fuas
No caso de Nazaré!...

Temendo então que o chinó
 Também fugir-lhe aconteça,
 Amarra um lenço à cabeça
 E volve os olhos para a bela...
 - Eufrásia, vendo o namoro
 De lenço posto na tola,
 A rir sem dó se rebola
 No peitoril da janela!...

De tarde, quase esquecido
 Do desgraçado *fracasso*,
 Veste-se, lança no braço
 O paletó cor de greda;
 E vai para o outro namoro
 - Levando sempre à cautela,
 O chapéu preso à carcela
 Por larga fita de seda...

A linda Ambrósia, cismando
 Num sonho bom, cor de rosa,
 Há muito espera ansiosa
 O seu formoso galã...
 E Barnabé, que das falas
 Do seu amor arde em sede,
 Chega-se junto à parede
 E faz para cima: – han! han! han!

Porém, nisto, o pai de Ambrósia,
 Chegando à janela, pilha
 A descarada da filha
 A conversar com o marmanjo;
 E retirando de manso
 Do peitoril da sacada
 Estende a mão espalmada
 Como quem diz: – Já te arranjo!

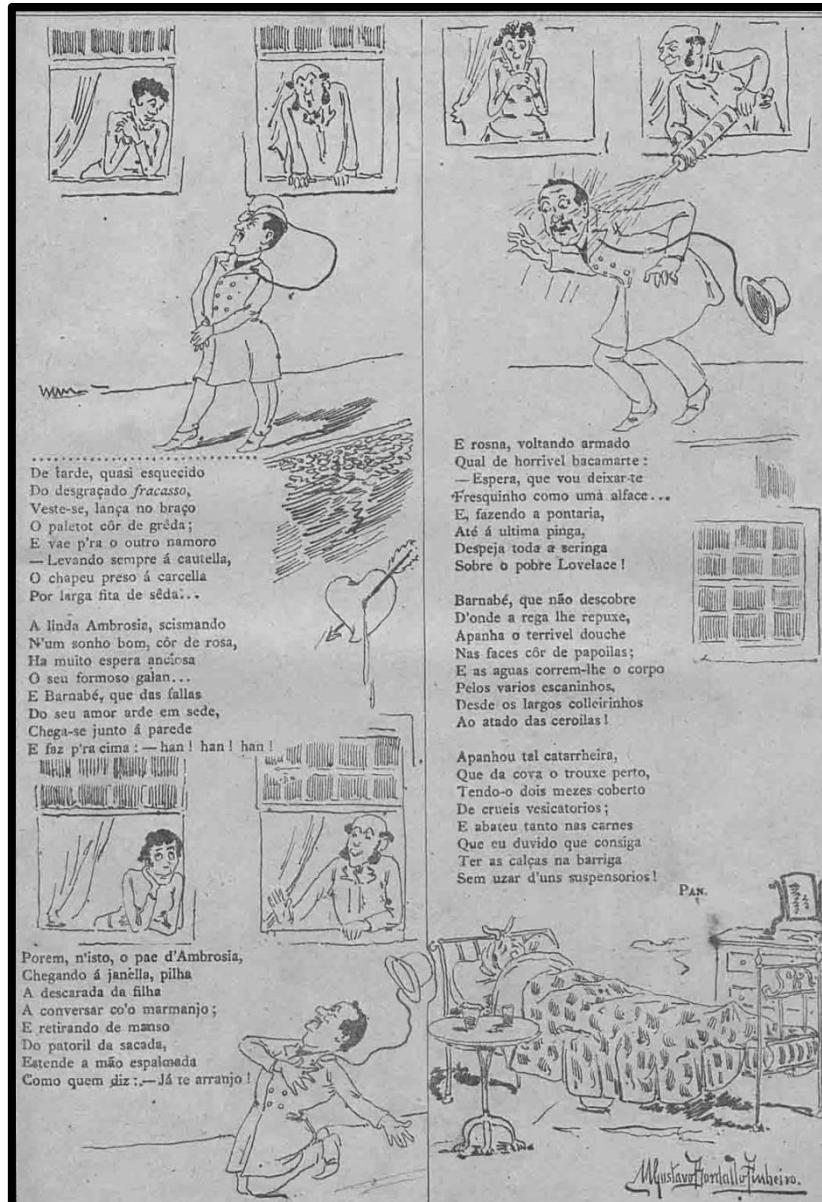
E rosna, voltando armado
 Qual de horrível bacamarte:
 - Espera, que vou deixar-te
 Fresquinho como uma alface...
 E fazendo a pontaria,
 Até a última pinga,
 Despeja toda a seringa
 Sobre o pobre Lovelace!

Barnabé, que não descobre
 De onde a rega lhe repuxe,
 Apanha o terrível duche
 Nas faces cor de papoulas;
 E as águas correm-lhe o corpo
 Pelos vários escaninhos,
 Desde os largos colarinhos
 Ao atado das ceroulas!

Apanhou tal catarreira,
Que da cova o trouxe perto,
Tendo-o dois meses coberto
De cruéis vesicatórios;
E abateu tanto nas carnes
Que eu duvido que consiga
Ter as calças na barriga
Sem usar de uns suspensórios!

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 23 out. 1884. A. 5. N. 282. p. 3 e 6.





Outra historieta romântica foi apresentada pelo semanário lisbonense, utilizando-se de um suposto anúncio publicado em um dos mais importantes diários portugueses da época. Em tal publicidade, um indivíduo declarava-se para sua amada e, sem deixar de reconhecer os fatores que os separava, inclinava-se por insistir na relação. Com graça, o jornal dizia que o namoro deveria dar certo, contradizendo com ironia que as diferenças sociais, não poderiam servir para separá-los.

CRÔNICA DO AMOR

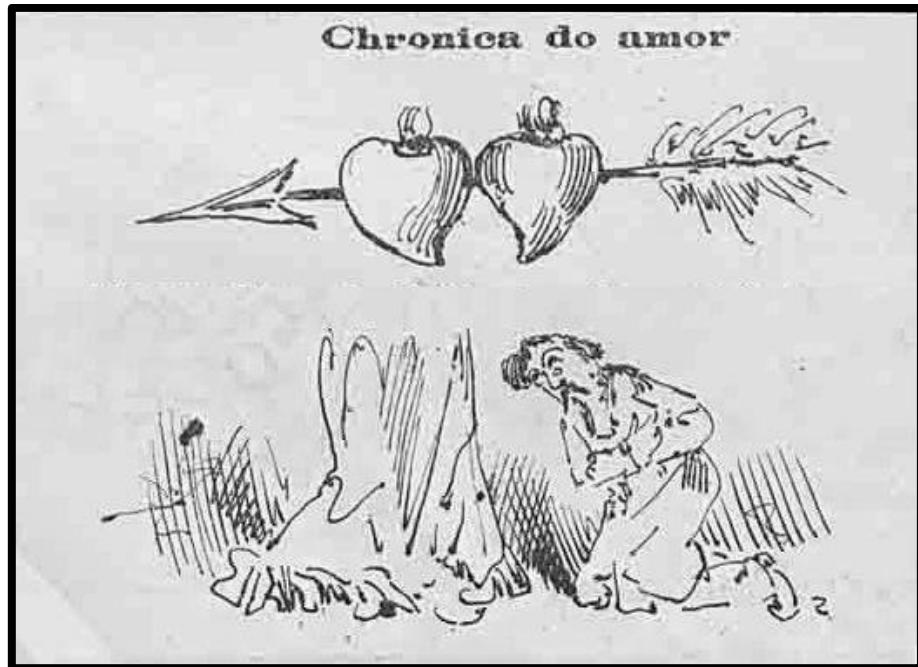
Lê-se no *Diário de Notícias*, seção nunciatória:

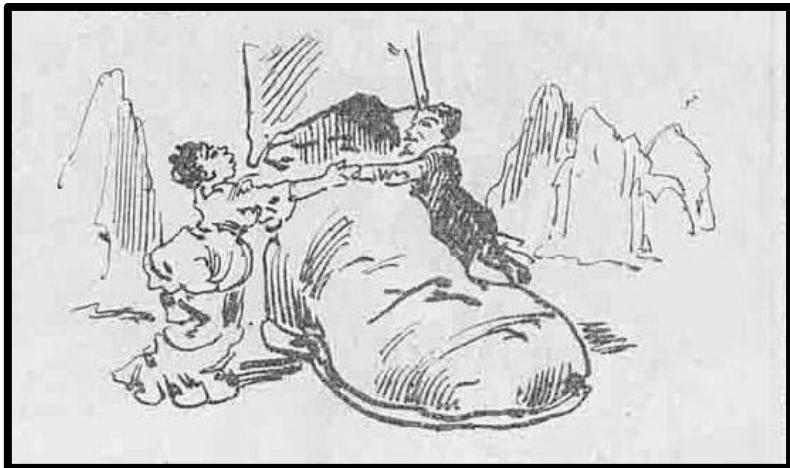
"Envio a V. Exa. estas expressões que são o sentimento que enleia minha alma. Sim!... tenho sido um batel sem leme, que decorridos longos anos, tenho bordejado nas vagas das suas juradas promessas, hoje não me resta dúvida, ouvi o que V. Exa. me disse, aspira a uma pessoa da sua jerarquia!... e porque não teve a franqueza de me dizer o mesmo quando a vi a vez primeira? Não lhe disse que a distância nos separava? Desejo-lhe a felicidade que ambiciona. C.

Qual é a distância que pode separar este moço sem leme daquela que ele pretende levar consigo às cantatas do himeneu? Diferença de jerarquias! – diz o batel... Não! não admitimos. Na sociedade democrática em que vivemos tais diferenças não se reconhecem.

Há um abismo de distância entre os dois jovens? As instituições modernas são aptas para preencher esse abismo... Que o sr. Arrobas empreste uma das suas botas!

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 27 out. 1881. A. 3. N. 126. p. 7.





Moças namoradeiras também compunham o leque de opções do *Pontos nos ii* para tratar das relações entre homens e mulheres. Em uma delas, duas moças eram extremamente cuidadas pelo pai severo, que buscava evitar namoricos para elas. Fosse nas ruas, fosse às janelas de casa, o pai perseguia ardorosamente possíveis pretendentes. Mas em uma dessas perseguições, ele acabou levando a pior, acidentando-se e deixando a guarda aberta para que as filhas "precocemente" namoradeiras dessem vazão a suas vontades.

PRECOCIDADE

O pai feroz.
As filhas namoradeiras.
Os petizes do colégio fronteiro atrevidores.
Um belo dia, em plena rua, as cartinhas do estilo, no estilo do costume, passavam de mão para mão.

O pai cocara.

- Dê cá a carta, exigiu à Mariquinhas. Mas a Mariquinhas já a passara para a Maricotás.

- Dê cá a carta! intimou, voltando-se para a Maricotás. Mas a Maricotás já dera a carta à Mariquinhas.

A casa era de esquina. Eles embaixo, cada um na sua rua, elas em cima, cada uma na sua janela...

- Agora apanhei-as! berrou o pai.

- Ia jurar tinha ouvido falar alguém.. Mas

“Falo, ninguém me responde,

Olho, não vejo ninguém!”

Precipita-se para a outra janela, escuta, espreita... nada!

“Fala, ninguém lhe responde,

Olha, não bispa ninguém!”

Desce a escada a quatro e quatro e apanho-os finalmente com a boca na botija – um deles, sobretudo, muito próximo da botija...

- Pás! faz um dos pés, atirando com o mocinho de catrapus.

Um dos *pãezinhos* cai em baixo, outro cai de cima e o pai tirano toma o lugar do fiambre dos sanduíches.

E o que vem de cima exclama:

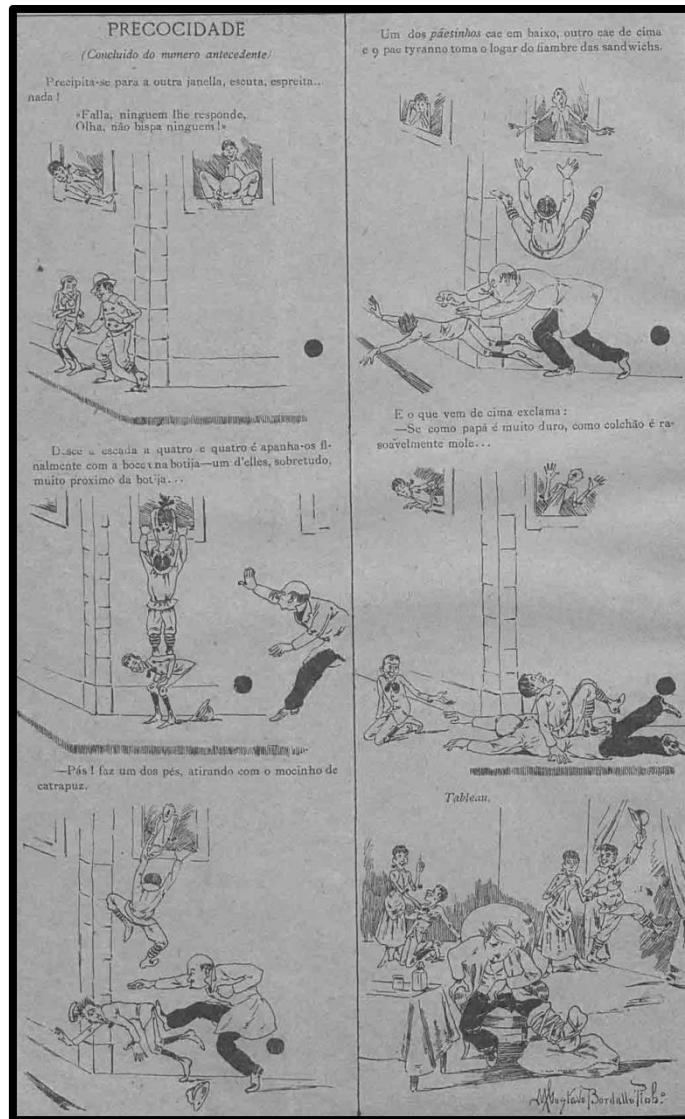
- Se como *papá* é muito duro, como colchão é razoavelmente mole...

Tableau.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 24 mar. 1887. A. 3. N. 98. p. 7.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 31 mar. 1887. A. 3. N. 99. p. 8.

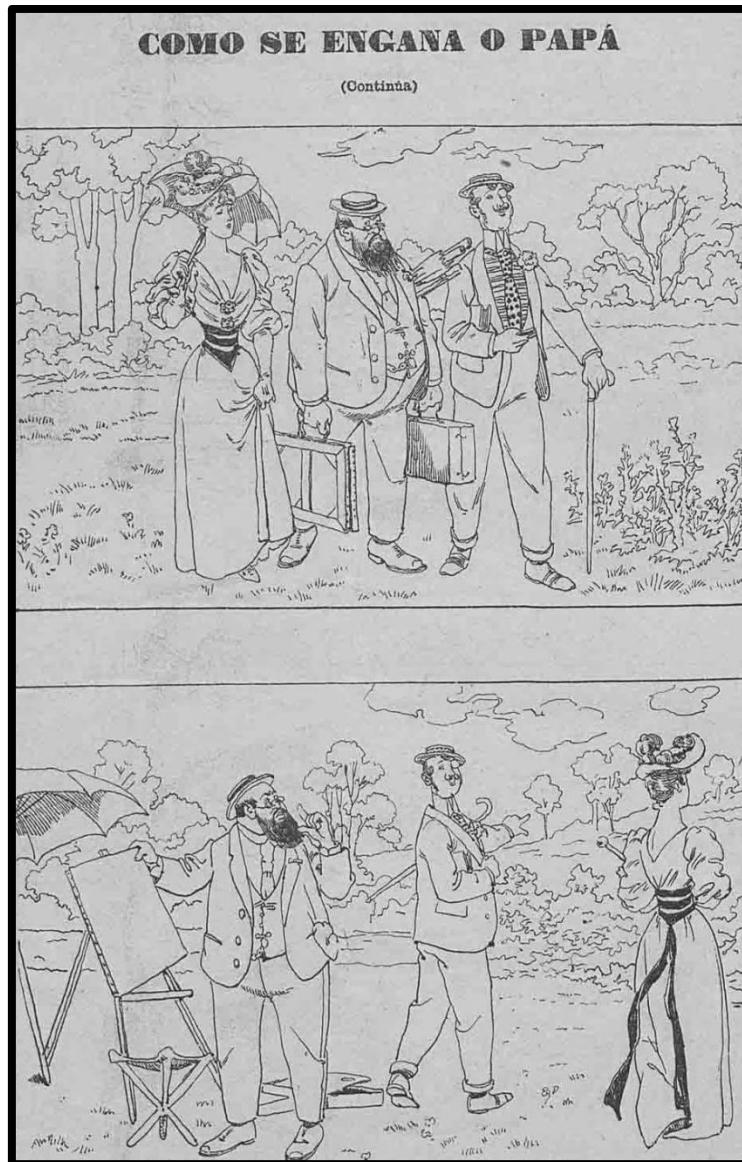




As moças namoradeiras voltavam à baila nas páginas do hebdomadário caricato lisbonense, ao mostrar em desenho e sem legenda uma cena bucólica na qual o pai, a filha e o namorado passeavam pelo campo. O pai se propunha a dedicar-se à pintura, deixando que os namorados avancem um pouco mais no terreno, sem deixar de manter os devidos cuidados, observando a posição de ambos, olhando para seus chapéus em meio ao mato. Ledo engano do pai, pois o casal utilizara-se de uma artimanha para escapar dos olhos atentos paternos e dedicarem-se a calorosos carinhos.

COMO SE ENGANA O *PAPÁ*

ANTONIO MARIA. Lisboa, 30 set. 1892. A. 8. N. 365. p. 6-7.



COMO SE ENGANA O PAPÁ

(Continuação e fim)



Criando um cenário no qual a vida em sociedade era comparada a uma tourada, o *Antônio Maria* passava a narrar a historieta cujo teor mais uma vez se direcionava à questão da moça namoradeira. A narrativa se prendia a um casal, ela uma mulher exuberante, ele, não exatamente um homem bonito. Utilizando-se de várias expressões concernentes às práticas nas praças de touro, o periódico acabava por chamar atenção para a possibilidade aberta que se anuncjava da traição da moça para com o rapaz, ao qual, ao final da estória, tinha a sua sombra metamorfoseada, assemelhando-se a um formato bovino.

TOUREANDO – O olhar dela

1º touro – Para cavalo corrido já, mas voluntário e de poder

Ela – Loura, sua boquinha honesta, olhar soberano, o queixo tenro, a pele macia, andar pausado e nobre, com o ventre adiantado e os ombros recuados numa oferta constante do seu turgido busto...

É assim... e tem o pé pequeno e chama-se Rufina.

Para compensar porém a desgraça de um semelhante nome, dele se derivou a alcunha de *Rufa* que ela tem.

Com vantagens tamanhas, o olhar desta mulher é tudo quanto há de mais indefinível, sem prévia explicação das sortes várias a que se presta o seu toureiro fino.

A seguinte afirmativa é talvez muitíssimo arriscada, mas elucida muito:

“O olhar dessa mulher é um ferro largo!”

Isto que parece uma genial faulha de Gervásio, é contudo de uma verdade grande.

Ele – Baixo, magro, macilento, uma barbicha suada e grumosa, com origens indecisas nas ventas e nos olhos, e um par de óculos por onde espreita a vida e... a Rufina.

Dizem dele:

“É bom rapaz... no fundo.”

E ele ri-se. Ri-se... e olha a *Rufa*.

Ele e Ela – Das suas relações consta o seguinte: que se ela é Rufa... quem rufa é ele...

Das sortes que provoca resulta que quem sofre o *castigo* é também ele, e as sortes são ofertadas aos amigos e ainda em honra dele!

Do olhar dela e inerentes sortes – Ora no seu olhar em que se referve todo o valor do seu trabalho e todo o imenso mistério do seu valor, além das sortes vistas, há sortes de ocasião, soberbas todas. No momento esse olhar cintila e como *ele* é baixo, humilha, e é superiormente que a sorte se executa com um desses segredos estranhos, da maestria. No entanto se ela recebe louros é bom acentuar que é *ele* quem os põe.

a) **Sorte de garupa** – Mais vulgarmente denominada de ourelo. De grande luzimento. é uma sorte honesta, usada pelas donzelas até aos 25 anos, mas que a Rufina se permitiu apropriar.

O redondel é suponhamos o Chiado.

Ele (porque ela tem que ser acompanhada) é nada, como um apêndice enfim.

E quem passa é touro, com a rude condição de vestir bem, de cheirar bem, de fumar bem, de aparentar que tem para gastar bem.

Ao chegar ao terreno do touro, ela cita-o e como ele não arranke de seguida ela sai-lhe do terreno, afrouxa o passo... o tal pausado e nobre... e esperando que ele lhe entre na jurisdição, fazendo uma dengosa rotação de cintura, sem se desmanchar, viara a cara e olha-o...

Pode repetir-se... e repetir-se.

Se o touro recarregar, ou sendo *revoltoso ou zeloso* seguir o vulto, há um certo perigo... para *ele*.

b) À meia volta – Também chamada de: *olhe para cá não seja tolo*.

É uma sorte vulgar e impudica. Muito usada nos redondeis da baixa antes da reforma da polícia.

E contudo Rufina usa-a apenas com conhecidos e é de efeito assim.

O touro está parado e não avê, bruscamente ela passa cita-o para que se volta, e crava-lhe... o olhar. O touro ri-se, ela ri-se, *ele* ri-se e tirando o seu chapéu, de novo o atarraxa na cabeça.

c) À tira – Mais conhecida por – *de tabacaria*.

Prestam-se especialmente a esta sorte os cornúpetos que se pegam às trincheiras, daí a sua denominação mais vulgar.

Ela atravessa a rua dando a direita ao touro.

É difícil de precisar como se efetuará o remate desta sorte, atendendo a que sempre *ele* a acompanha e como o boi é corrido e poder ser malessoso, qualquer coisa também o pode afugentar.

d) De estribeira ou de meio da rua.

Ela então apressa o seu passinho lento, aponta a montra em frente, faz-se preocupada com um trem que roda ao longe... e corta o caminho ao animal. Na ocasião do cite, diz qualquer coisa em voz mais alta.

É magistral a Rufa nesta sorte. Convém para isto um olhar frio e incisivo; é a sorte que se faz quando é preciso simular despeito.

Forçoso é não confundir as saídas, não se deixar atropelar, desviar a atenção *dele*, mostrar o fim da perna arregaçada.

Resumo – Em sorte de ocasião, Rufina é superior.

Como o boi é corrido, a miúdo vai na esteira do vulto sem reparar no quite *dele*, eterno, no mesmo passo curto e repetido a acompanhá-la. Pois

bem, ela consegue desviá-lo... de momento. Tem um estratagema a Rufa...
Com o olhar... promete...

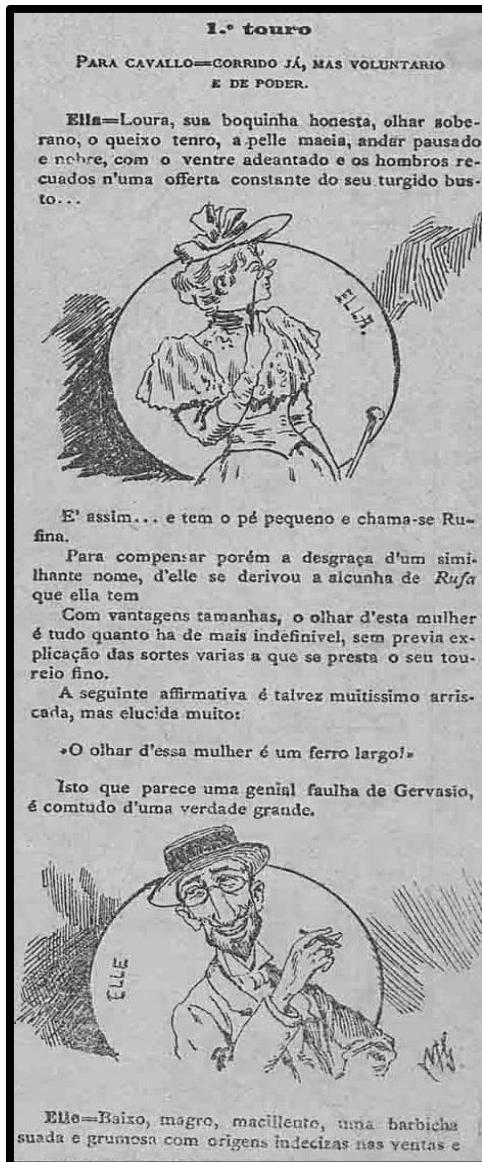
Que inda há pouco numa expansão de amante *ele* me elucidava:

- E os olhos dela... filho... caramba! São cheios de promessas!

E tirava o chapéu à aragem fresca... e uivava aos ares o seu amor ingênuo.

E qual de vós, Rufas de tanto amor, com beiços para trincar, morangos para sorver, aromas para aspirar, qual de vós não tem também destas sortes no olhar?

O ANTONIO MARIA. Lisboa, 12 set. 1893. A. 9. N. 386. p. 3 e 6-7.



nos olhos, e um par d'oculos por onde espreita a vida e... a Rufina.

Dizem d'elle:

«E' bom rapaz... no fundo.»
E elle ri-se. Ri-se... e olha a Rufina.

Elle e Ella—Das suas relações consta o seguinte: que se ella é Rufina... quem rufa é elle...

Das sortes que provoca resulta que quem sofre o castigo é também elle, e as sortes são offertadas aos amigos ainda em honra d'elle!

Do olhar d'ella e inherentes sortes—Ora no seu olhar em que reserva todo o valor do seu trabalho e todo o imenso mistério do seu valor, além das sortes vistas, ha sortes d'occasião, soberbas todas. No momento esse olhar scintilla e como elle é baixa, húmilia, e é superiormente que a sorte se executa com um d'esses segredos estranhos, da mestria. No entanto se ella recebe louros é bom accentuar que é elle quem os põe.

a) Sorte de garupa—Mais vulgarmente denominada: *d'ourela*. De grande luximento. E' uma sorte honesta, usada pelas donzelas até aos 25 anos mas que a Rufina se permitiu apropriar.

O redondel é supponhamos o Chiado.

Elle (porque ella tem que ser acompanhada) é nada, como um appendice emfin.

E quem passa é touro, com a rude condição de vestir bem, de cheirar bem, de fumar bem, d'apparantar que tem p'ra gastar bem.



Ao chegar ao terreno do touro, ella cita o e como elle não arranque de seguida ella sahe-lhe do terreno afrouxa o passo... o tal pausado e nobre... e esperando que elle lhe entre na jurisdição, fazendo uma dengosa rotação de cintura, sem se desmanchar, vira a cara e olha-o...



Pode repetir-se... e repetir-se.

Se o touro recarregar, ou sendo *revolto* ou *geloso* seguir o vulto, ha um certo perigo... para elle.

b) A' mela volta—tambem chamada de: *olhe p'ra cá não seja tolo*.

E' uma sorte vulgar e impudica. Muito usada nos redondéis da baixa antes da reforma da polícia.

E contudo Rufina usa-a apenas com conhecidos e é d'effeito assim.

O touro está parado e não a vê, bruscamente ella passa cita-o para que se volte, e crava-lhe... o olhar. O touro ri-se, ella ri-se, elle ri-se e tirando o seu chapéu, de novo a arrancha na cabeça.



c) A' tira—mais conhecida por—*de tabacaria*.

Prestam-se especialmente a esta sorte os cornudos que se pegan às trincheiras, d'ahi a sua denominação mais vulgar.

Ella atravessa a rua dando a direita ao touro.

E' difícil de precisar como se effectuará o remate d'esta sorte attendendo a que sempre elle a acompanha e como o boi é corrido e pode ser maloesso qualquer cousa tambem o pode afujentar.



d) De estribreira ou de meio da rua.

Ella então apressa o seu passinho lento, aponta a moatra em frente, faz-se preocupada com um trem que roda ao longe... e corta o caminho ao animal. Na occasião do cito diz qualquer cousa em voz mais alta.

E' magistral a Rufa n'esta sorte. Convém para isto um olhar frio e incisivo; é a sorte que se faz quando é preciso simular despeito.

Forioso é não confundir as saídas, não se deixar atropellar, desviar a atenção d'elle, mostrar o fim da perna arregaçada.



Resumo—Em sortes d'occasião Rufina é superior.

Como o boi é corrido, a miúdo vae na esteira do vulto sem reparar no quite d'elle, eterno, no mesmo passo curto e repetido a acompanhal-a a ella. Pois bem, ella consegue desvial-o... de momento. Tem um estratagema a Rufa... Com o olhar... promete...

Que inda ha pouco n'uma expansão d'amante
elle m'elucidava:

—E os olhos d'elle... filho... carawba! são
cheios de promessas!

—E tirava o chapéu á aragem fresca... e uivava
soa ares o seu amor ingenuo.



“Casos, tipos e costumes” foi uma das seções mais utilizadas pelo semanário caricato para levar ao público a crítica de costumes, tendo por assunto as relações entre homens e mulheres. Em uma delas, ficava evidenciada a visão da mulher como um objeto de atração, desejo e cobiça. Tal qual cães perdigueiros, dois conquistadores atiravam-se “à caça” e disputavam ferozmente uma dama. O confronto era tão acirrado que ambos anulavam suas forças no embate, de modo que a moça acabaria por ser conquistada por um terceiro pretendente.

CASOS, TIPOS E COSTUMES
Inter duo litigantes tercio gaudet

Muito perto de Diogo
Uma dama gentil passa.
Ele vê-a e pensa logo:
- Atenção! Que temos caça...

E ao pernil dando ligeiro
Segue-lhe os passos gentis
Como um fino perdigueiro
Sobre o rastro da perdiz.

Toma o ar distinto e nobre
Que os galãs têm por divisa
E o olhar com que ela o cobre
Todo o corpo lhe eletriza.

Já para a conquista se apronta
Botando falas de amor,
Quando ao longe agora aponta

Mais outro conquistador...

E este, sem pudor algum,
Pensa consigo: – Ora pois,
Mulher que chega para um
Pode chegar bem para dois...

Em bela camaradagem,
Qual se estivessem de acordo,
Dão-lhe ambos rija abordagem
De bombordo e de estibordo.

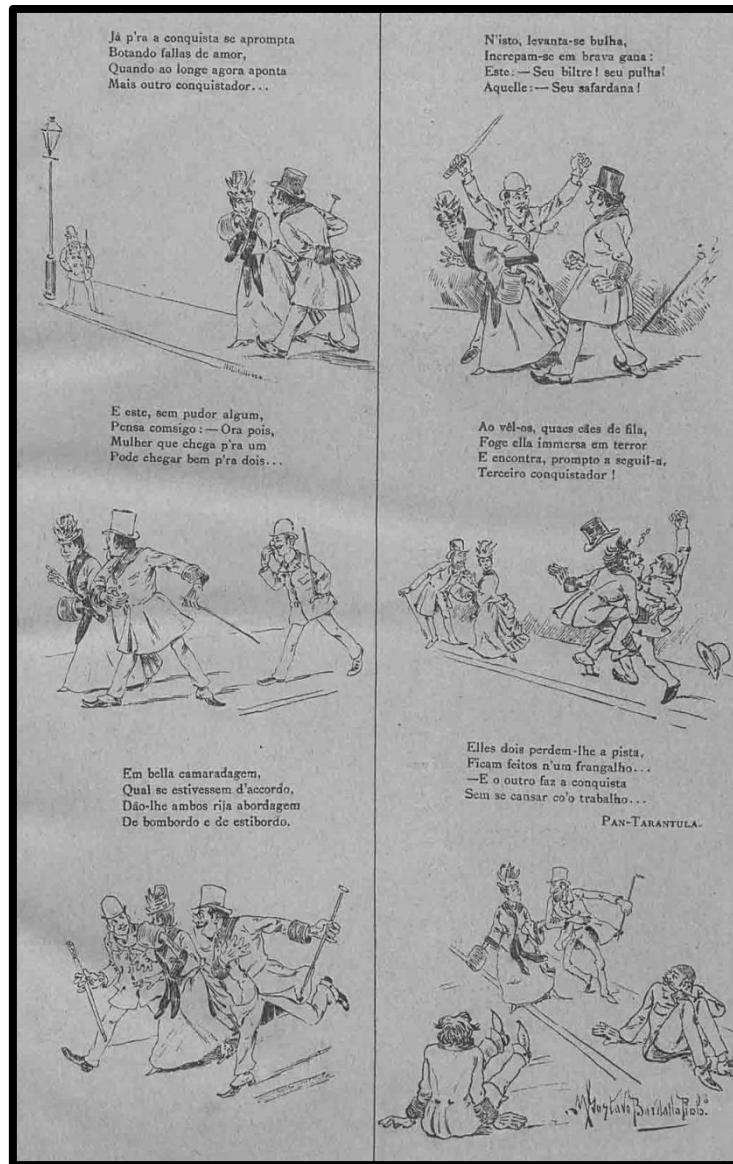
Nisto, levanta-se bulha,
Increpam-se em brava gana:
Este: – Seu biltre! Seu pulha!
Aquele: – Seu safardana!

Aovê-los, quais cães de fila,
Foge ela imersa em terror
E encontra, pronto a segui-la,
Terceiro conquistador!

Eles dois perdem-lhe a pista,
Ficam feitos num frangalho...
- E o outro faz a conquista
Sem se cansar com o trabalho...

PONTOS NOS ii. Lisboa, 6 jan. 1887. A. 3. N. 87. p. 6-7.





Outra estória de conquista frustrada se passava nas ruas de Lisboa, onde um conselheiro tentava abordar uma moça. Ela acabava por reconhecê-lo e apresentava-se como a viúva de um seu conhecido, ao passo que ele, basbaque, sem saber o que dizer, perguntava como ia o marido, que obviamente já estava falecido.

O CONSELHEIRO DISTRAÍDO

É galante esta rapariga. E ela fitou-me
- Vou segui-la. É *toda catita*.
Ele: - Mas como ela olha. Temos obra. Vou falar-lhe.
Ela: - O conselheiro ainda me não reconheceu.
Ela: - Senhor conselheiro! Já me não conhece?
Ele: - Adeus, menina, então onde vai?
Ela: - eu sou a viúva do seu amigo Sargedas.
Ele: - (*muito embaraçado*) - Ah! é verdade! Agora me lembro? (*E galhofeiro*) E como vai esse maganão?
Tableau!
Eu sou tão pouco previsto!!!

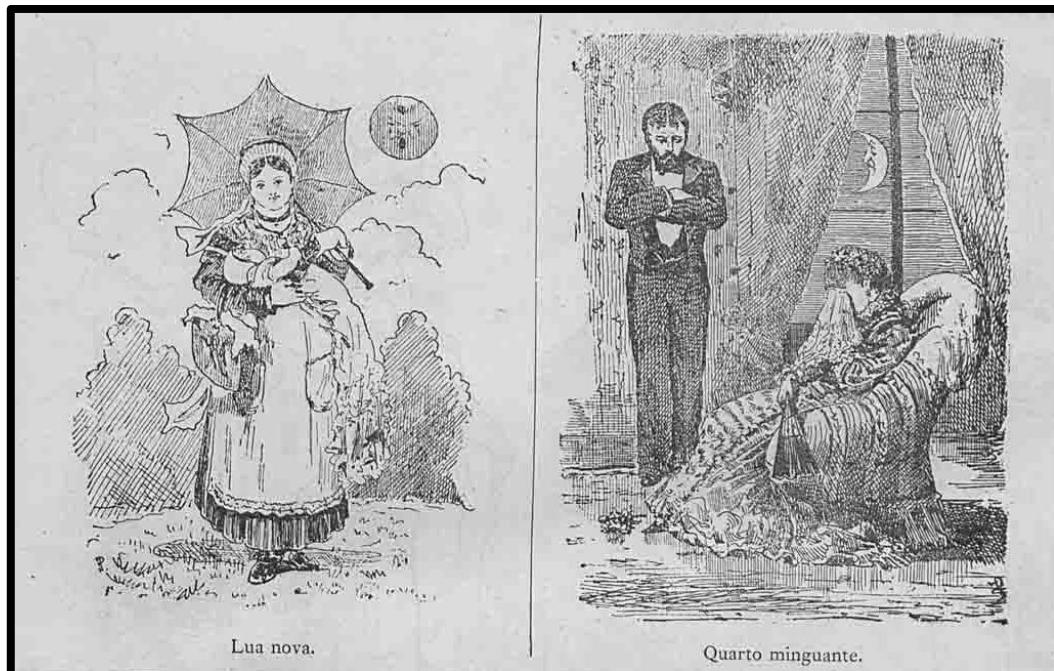
PONTOS NOS ii. Lisboa, 14 jan. 1889. A. 5. N. 193. p. 8.



As várias etapas que marcavam a vida a dois eram resumidas pelo *Antônio Maria* através das fases da lua, mostrando simbolicamente uma relação amorosa em suas várias etapas. O início caloroso e romântico é comparado ao quarto crescente, o enlace amoroso à lua cheia, o surgimento dos filhos à lua nova, e o desgaste do casamento e o desinteresse mútuo ao quarto minguante.

(sem legenda) O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 31 jul. 1879. A. 1. N. 8. p. 2-3.





Uma outra relação que não acabava bem foi representada pela folha caricata por meio de versos e desenhos. Um homem maldizia o momento em que conhecera sua amada. O local onde tudo começara, visto inicialmente de maneira romantizada, à medida que a relação aproximava-se do fim, tal visão se distorcia e tornava-se uma recordação sinistra.

A GRADE – Carta à minha amada

Ai! Paula destas estranhas!
 Com que infinita saudade
 Vejo abater das peanhas
 Aquela formosa grade!

Foi junto dela, no outono,
 Quando a cebola se exporta,
 Que amor te ergueu doce trono
 No extremo da minha aorta.

Lembras-te, Paula? Tu estavas
 Sentada no botequim,
 E eu reparei, vi que olhavas
 De quando em quando para mim...

Andava então muito em moda
 Brincos e broche de prata...
 Tu estavas tomando soda,
 Eu fui tomar uma orchata...

Saíste pouco depois,
 Foste para o pé do coreto,
 Ouvir a banda do 2
 Que tocava o Rigoletto...

Seguiu-se um hino macanjo
 Que a banda cantava em coro...
 Foi desta forma, meu anjo,
 Que nós botamos namoro...

Nesse passeio ao domingo,
 Este amor, ó anjo querido,
 Destilou-se a pingo e pingo...
 Amei-te como um perdido!...

Amei-te como a sanguínea
 Adora o sol que começa;
 Como Paulo amou Virgínia
 E Abeillard... – não, menos essa...

Mas tudo findou! Murchou-me
 Da afeição o doce esteio;
 Em breve só resta o nome
 Dessa grade do passeio!

Acabou tudo este mês,
 Ó minha adorada Paula!
 Nunca mais, nem uma vez
 Farei namoro de jaula!

Não terei onde te veja
Perto de mim um minuto!
Nunca mais bebo cerveja,
Nunca mais fumo charuto!

Chora, amor! É de razão
Quando eu sofro que tu sofras...
Nunca mais no S. João
Queimaremos alcachofras!

Não mais a graça realças,
Com o teu mano pequenino
Aprendendo a dançar valsas
Pela destra do Justino!

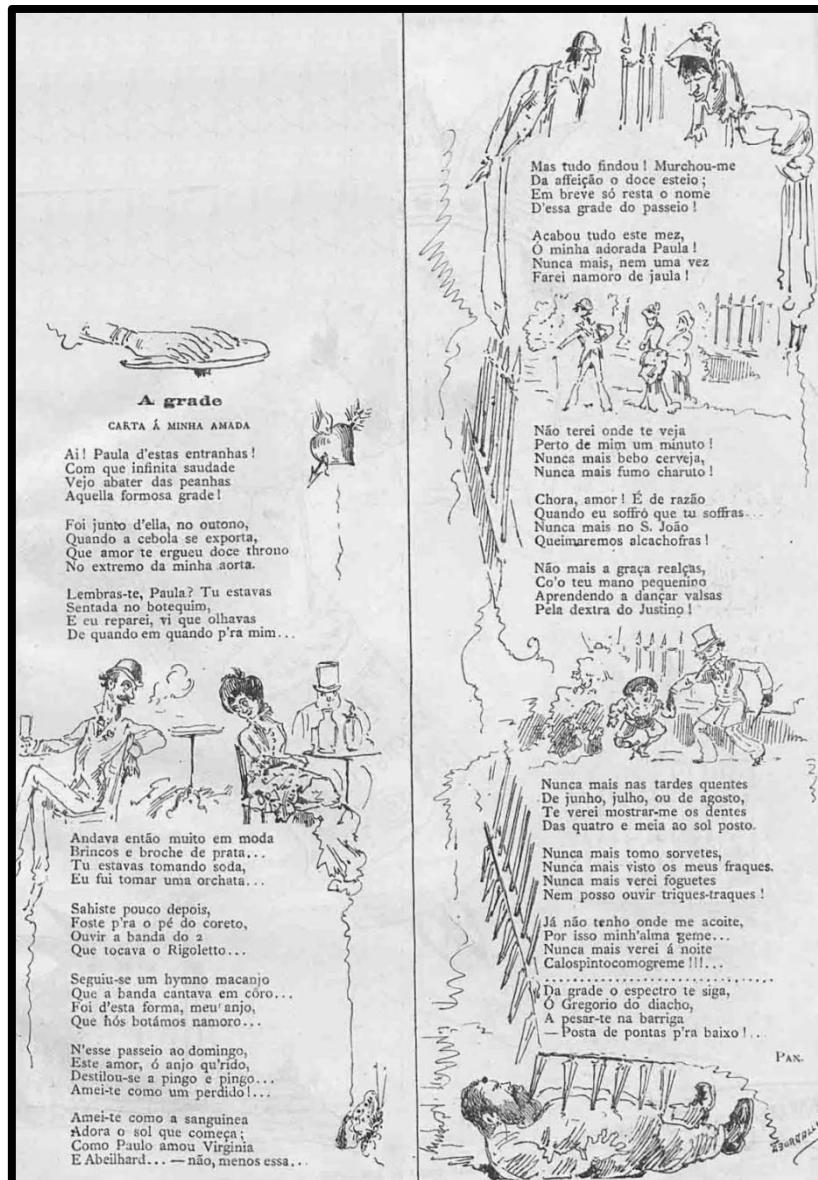
Nunca mais nas tardes quentes
De junho, julho, ou de agosto,
Te verei mostrar-me os dentes
Das quatro e meia ao sol posto.

Nunca mais tomo sorvetes,
Nunca mais visto os meus fraques.
Nunca mais verei foguetes
Nem posso ouvir triques-traques!

Já não tenho onde me acoite,
Por isso minha alma gême...
Nunca mais verei à noite
Calospintocomogreme!!!

Da grade o espectro te siga,
Ó Gregório do diacho,
A pesar-te na barriga
- Posta de pontas para baixo!...

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 14 dez. 1882. A. 4. N. 185. p. 7.



Na concepção do periódico, o desgaste do casamento não precisava ser um processo cronologicamente demorado. Segundo a folha, bastavam nove meses para que uma relação se deteriorasse, partindo do caloroso romance, passando pela perda do interesse e chegando aos conflitos generalizados, identificados ironicamente como uma “harmonia crescente”.

CASOS, TIPOS E COSTUMES – Nove meses

Janeiro

Topou-a, Onofre,
Com a mãe, na Baixa
Botou, de chofre,
Paixão de escacha!

Abril

Nas jantarocas
– Que gentileza! –
Davam beijocas
Por sobremesa...

Fevereiro

Um mês passado.
Atam, lirós,
O mais sagrado
Dos vários nós.

Maio

Passa-se o tempo
E um mês depois
Do passatempo
Cansavam-se os dois.

Março

Sempre em concílio
Qual mais se adora.
Era um idílio
A toda a hora.

Junho

Ela bisonha,
Ele de azia,
- Ai que medonha
Sensaboria!

Julho

De fleuma baldo.
Pondo-se a prumo.
Grita que o caldo
Lhe sabe a fumo!

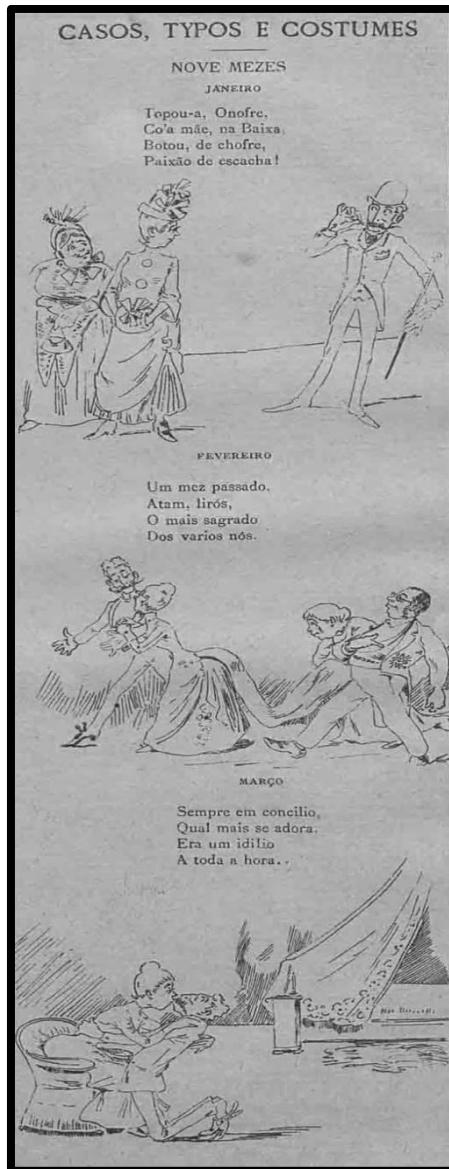
Agosto

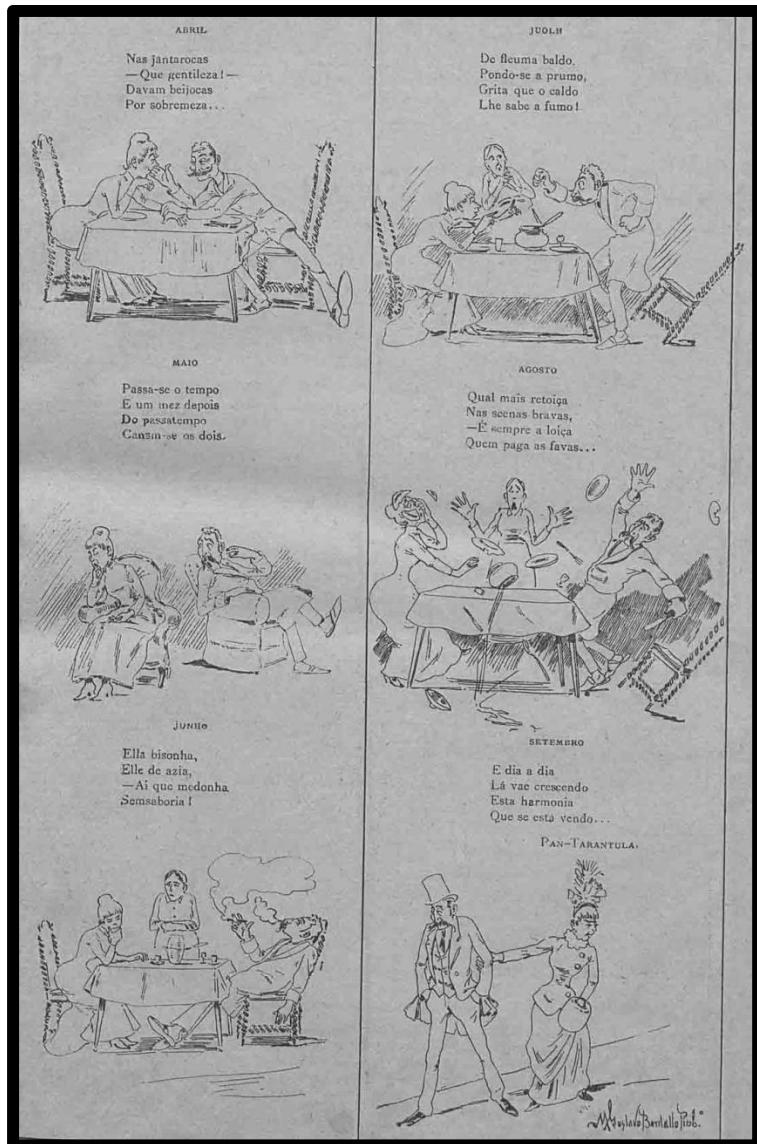
Qual mais retoiça
Nas cenas bravas,
- É sempre a loiça
Quem paga as favas...

Setembro

E dia a dia
Lá vai crescendo
Esta harmonia
Que se está vendo...

PONTOS NOS ii. Lisboa, 10 mar. 1887. A. 3. N. 96. p. 6-7.





Outra comparação entre as diversas fases de uma relação a dois, partindo do entusiasmo inicial e chegando à decepção, foi feita em relação aos "estados". Os encantos do flerte eram encarados como um estado de sítio. As demonstrações de romantismo eram comparadas a um estado agudo. Quando a mulher engordava e/ou engravidava, surgia o estado interessante. Já quando a paciência se esgotasse e o aborrecimento predominasse, viria o estado normal. Na visão da folha, o desgaste nas relações matrimoniais era percebido como uma condição de normalidade.

AS 4 ESTAÇÕES

Se alguém lhe faz pé de alferes
E a mulher, meiga, permite-o,
Este estado, para as mulheres,
Chama-se: – *Estado... de sítio...*

Quando *ele*, juntinho *dela*,
Lhe beija as mãos, rosto e tudo...
Este estado, para a donzela,
Quer dizer: – *Estado... agudo...*

Quando *ela*, havendo casado,
Logo engorda... e tal... adiante...
Nesse caso, um tal estado,
Chama-se: – *Estado... interessante...*

E, quando um do outro se farte,
Se aborreça, etc. e tal...
Este estado, em toda a parte,
Chama-se: – *Estado... normal...*

PONTOS NOS ii. Lisboa, 22 mar. 1888. A. 4. N. 150. p. 8.



Ainda em uma perspectiva jocosa, o *Antônio Maria*, reproduzindo um suposto anúncio publicado na imprensa diária, dava a entender que ainda existiriam casais cujas vidas davam certo. Nas palavras do jornal, a receita para tal resultado era que cada uma das partes do casório cumprisse com o papel que dela era esperado. Nas entrelinhas, o periódico deixava perceber que essa fórmula se aproximava significativamente da monotonia.

Anúncio do *Diário de Notícias*, por onde se prova que ainda há em Lisboa casais honestos – e maduros:

S. A.

Há pessoas que podem dispensar 3 ou 4 divisões incluindo cozinha por cima da sua habitação (água furtada), mas que não querem alugar por causa do barulho. Há mulher e marido de 30 a 40 anos, sossegados, e de bons sentimentos, ele vai às 9 horas para o seu emprego e recolhe às 5, e não tem noitadas, nem mesmo serões; ela trata de todo o arranjo da casa, e só dá a língua com alguma vizinha, quando não lhe pode fugir, e visto que sabe voltar, arranjar e pôr à moda os seus vestido, entende ser melhor este emprego de tempo do que dizer mal da vida alheia. Este casal, já com o juízo no seu lugar (maduro), deseja nas proximidades da Praça do Príncipe Real, ou Imprensa Nacional, 3 ou 4 divisões incluindo cozinha.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 9 nov. 1882. A. 4. N. 180. p. 6.



Outra perspectiva lançada pela publicação ilustrada lisbonense quanto ao casamento estava vinculada à ideia de que tal instituição era a meta de vida primordial das representantes do sexo feminino. Nesse sentido, mostrou a cena do diálogo entre um cavalheiro e uma dama sobre a procura dela por uma residência, ao que ela respondia, indiretamente, que estaria muito mais interessada em conseguir um marido.

Ele – Procuras então uma casa?

Ela – Não meu amigo. Francamente, francamente, o que eu procuro é um senhorio.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 20 nov. 1890. A. 6. N. 282. p. 3.



A aspiração máxima feminina encarnada no matrimônio foi alocada em outra estória criada pelo periódico e contada por meio de desenhos e versos. Tal interesse feminino era resumido pela expressão que a chegada do casamento constituía-se no “feliz dia” pelo qual “a noiva andava morta”. Para desilusão da moça, o enlace acabou por não dar certo por intervenção paterna.

CASAMENTO DESMANCHADO

O consórcio estava justo
Para o dia três de setembro;
Chamava-se o noivo Augusto
E a noiva – formoso arbusto –
Rosinha, se bem me lembro.

Ela, além de várias prendas,
De ilustrada e pura e bela,
Tinha as rendosas prebendas
De umas cinco ou seis fazendas
Lá para as bandas de Arrentela.

Ele, antigo marialva,
Tinha para o recomendar
– Além de uma bela calva –
Folha corrida e ressalva
Do serviço militar...

Um formoso par, enfim,
Talhado para o casamento;
Só faltava dar o “sim”
- E um pedaço de latim
Do prior do Sacramento.

Chega enfim o feliz dia
Porque a noiva andava morta;
Em casa reina a alegria
E os *coupés* da companhia
Vão-se enfileirando à porta!

Rosinha, a casta beldade,
Recebe alegre, contente,
De brindes a infinidade
Que as pessoas de amizade
Vêm trazendo de presente.

Chovem pudins de geleia,
Pasteis, morcelas de Arouca,
Mil rebuçados de alteia,
E uma formosa lampreia
De pera doce na boca!

O noivo, em lindo açafate
Oferece um bolo de truz,
Onde se lê – que dislate!
Em letras de chocolate:
Augusto Caetano Cruz.

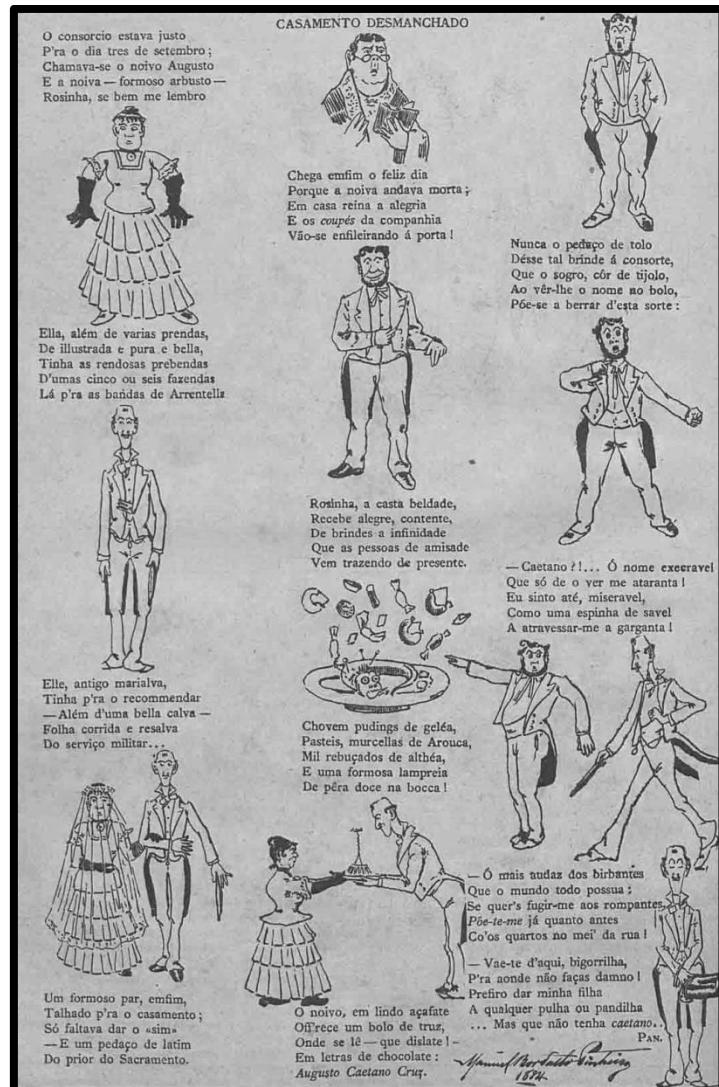
Nunca o pedaço de tolo
Desse tal brinde à consorte,
Que o sogro, cor de tijolo,
Ao ver-lhe o nome no bolo,
Põe-se a berrar desta sorte:

- Caetano?... Ó nome execrável
Que só de o ver me ataranta!
Eu sinto até, miserável,
Como uma espinha de sável
A atravessar-me a garganta!

- Ó mais audaz dos birbantes
Que o mundo todo possua:
Se queres fugir-me aos rompantes,
Põe-te-me já quanto antes
Com os quartos no meio da rua!

- Vai-te daqui, bigorrilha,
Para aonde não faças dano!
Prefiro dar minha filha
A qualquer pulha ou pandilha
... Mas que não tenha *caetano...*

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 5 jun. 1884. A. 5. N. 262. p. 8.



Os desgastes matrimoniais voltavam à baila nas páginas do *Antônio Maria* e, na sua concepção, tal processo se estendia até mesmo no *post-mortem*. Em matéria abordando a evocação de espíritos pelo prisma de humor, o periódico apresentava vários episódios desse tipo de invocação em meio à sociedade portuguesa. Entre essas evocações espirituais uma envolvia as relações matrimoniais e revelava que, em muitos casos, os limites da vida a dois poderiam ser até mesmo infinitos.

ESPIRITISMO E ESPIRITADOS
Maneira de evocar os espíritos

Exemplo de médium coscuvilheiro: D. Urraca evoca o espírito do seu defunto Pantaleão.

- Onde estás menino?

Pantaleão: – No inferno.

Urraca – Coitadinho, estás muito mal? Tens muitas saudades minhas?

Pantaleão: – Antes pelo contrário.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 1º out. 1882. A. 4. N. 177. p. 3.



O casamento como uma má escolha era também representado pela folha caricata ao criar um cenário da volta de uma temporada passada fora da habitação normal. As duas pessoas que voltavam no caso eram a esposa e a sogra que teriam viajado para “mudar de ar”. Perguntando quanto ao resultado, o marido limitava-se a responder que elas mantinham o idêntico e “desagradável” ar.

EM VILEGIATURA

- O dr. Mandou minha mulher e minha sogra para o campo, a fim de mudarem de ares...
- E então?
- Então, elas voltaram – com o mesmo ar... desagradável!...

PONTOS NOS ii. Lisboa, 25 ago. 1887. A. 3. N. 120. p. 3.



Em sentido amplamente figurado e simbólico, o semanário lisboeta mostrou um casamento entre um rabanete e uma nabiça. O matrimônio entre os dois vegetais se desfez rapidamente, pois o casal em seguida começou a conviver com os defeitos mútuos. Avançado para os padrões de então, o jornal recomendava que uma solução para evitar tais casos de desunião prematura, seria que ninguém casasse, "sem primeiro fazer prova".

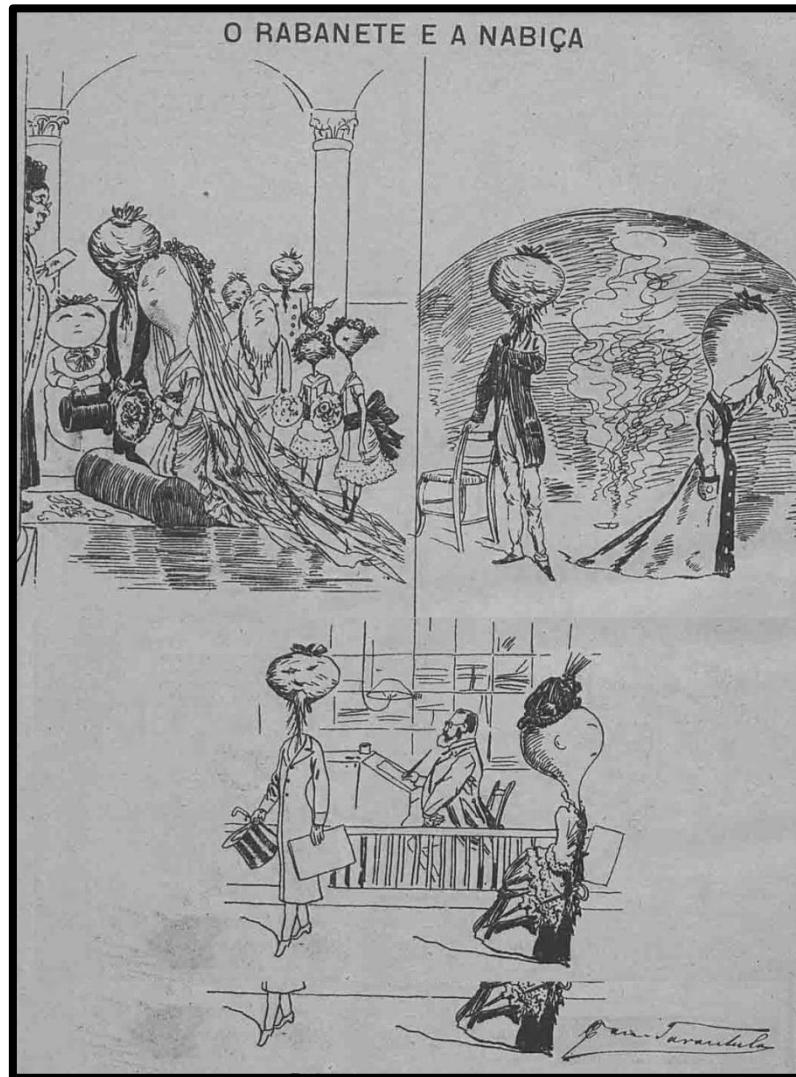
O RABANETE E A NABIÇA

O rabanete e a nabiça,
De paixão ardendo em brasa,
Casaram-se, ouviram missa,
Foram direitos para casa.

Pedem juiz que os descase;
- A solução não é nova
Mas tem moral: – ninguém case
Sem primeiro fazer prova...

Questão de gênio, ou que fosse,
Os dois começaram cedo:
Ele a achá-la muito *doce*,
Ela a achá-lo muito *azedo*...

PONTOS NOS ii. Lisboa, 1º dez. 1887. A. 3. N. 134. p. 8.



De maneira sutil, o *Pontos nos ii* também demonstrava o quanto difícil era manter o interesse na vida a dois. Revelando o grau de desgaste do casamento, o periódico apresentava o antes e o depois de um matrimônio. No primeiro caso, marido e mulher encontram-se frente a frente, encarando-se, conversando e compartilhando interesses. No segundo, bem mais tarde, prevalecia a apatia e, ainda que estivessem juntos, o quadro revelava um significativo distanciamento.

O TEMPORA...

O que eles eram antes...
O que eles hoje são!

PONTOS NOS ii. Lisboa, 9 ago. 1888. A. 4. N. 169. p. 6.



Por meio de um texto versado e desenhos, a folha caricata mostrava mais uma vez os limites da instituição matrimonial. Dessa vez a protagonista era a

esposa que procurava um objetivo para doar à realização de uma quermesse. Na falta de opções, por não querer desfazer-se de certos objetos, ela escolheria dar o seu próprio esposo, pois esse não lhe servia “para nada”.

UM BRINDE PARA A QUERMESSE

Sabina a pensar se exalta
Para dar um brinde à quermesse;
Porém, tudo lhe faz falta
E bom de mais lhe parece...

- Podia dar-lhe, (reflete)
A negra cuia postiça
Com que eu enfeito o topete
Em dias que vou à missa...

- Das compras o velho cesto,
Que não tem asa de um lado,
Aquela bilha sem texto,
O papagaio empalhado...

- O arrasado candeeiro
Que nem pode pôr-se em pé,
A fronha do travesseiro
Toda bordada a crochê.

- O meu roupão da manhã,
Aquele esbelto roupão
Com que eu fiz figura... *han!*... *han!*...
Em tempos que já lá vão...

- Mas prefiro dar-lhe o Sousa,
O meu marido, uma empada;
Por ser a única coisa
Que não me serve para nada...

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 24 abr. 1884. A. 5. N. 256. p. 8.

UM BRINDE PARA A KERMESSE



Dentre as potencialidades para a ocorrência de um casamento, o *Antônio Maria* considerava que a existência de melhores condições econômico-financeiras seria fundamental para tal sucesso. Nesse sentido, mostrava a cena da entrada de uma festa de caridade, na qual, à entrada, mulheres eram cobradas quanto à honestidade e à pureza, mas o quesito mais importante seria a posse do dinheiro.

O HAMLET DO ALBERGUE NOTURNO NA PORTARIA

- *Siete onesta? Siete pura?...*

Si no siete, andale al convento... e depois pode entrar e pagar com o seu dinheiro esta festa de caridade.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 6 mar. 1884. A. 5. N. 249. p. 8.

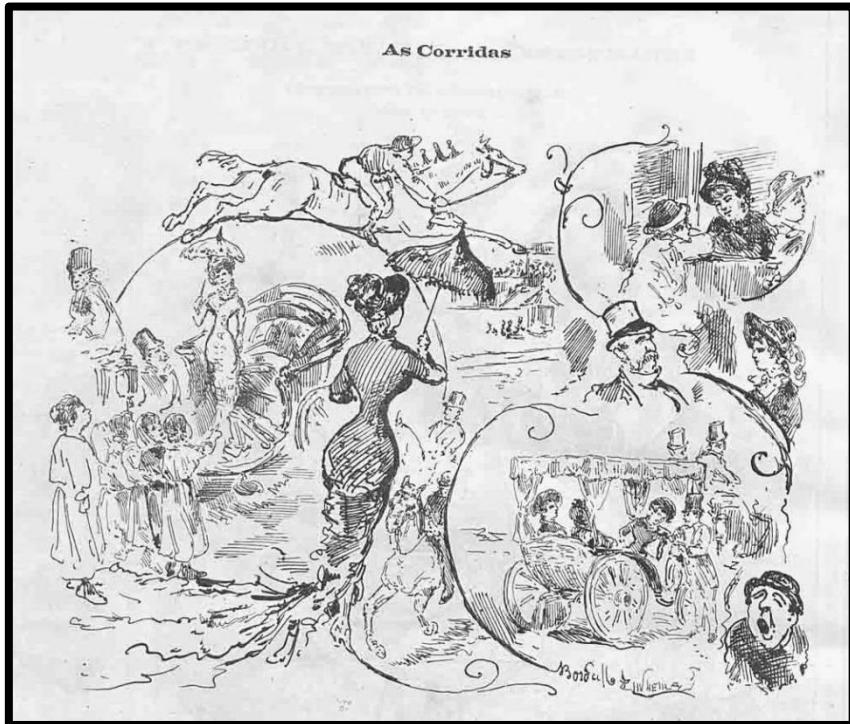


Os desmandos em certos casos eram também atribuídos às mulheres, normalmente aquelas mais namoradeiras. Foi o caso de uma cena construída nas corridas de cavalos, nas quais o jornal implicava com a presença excessiva das cocotes.

AS CORRIDAS

Delírio modesto; – menos *cocotes* do que cavalos, e maiores intervalos do que apostas. O prêmio de consolação devia ser dado aos espectadores.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 27 maio 1880. A. 2. N. 52. p. 2.



Ainda quanto a essas mulheres despregradas, a folha caricata lisboeta mostrava outra cena, na qual, diante do fechamento dos restaurantes, duas faceiras moças, na falta de alternativa, observavam suas alternativas e decidiam que a única opção era a de “tomar juízo”.

DEPOIS DOS RESTAURANTES FECHADOS

Agora que não temos onde tomar chá, o melhor é tomar juízo.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 22 abr. 1880. A. 2. N. 47. p. 7.



As potenciais possibilidades de algumas mulheres estarem propensas à traição também foi elencada pelo hebdomadário caricato como uma das razões para o fracasso do casamento. Nessa linha, em meio a várias historietas apresentadas pelo periódico aparecia uma cujo cenário era o teatro e ficava sugerida a traição da esposa junto do primo.

No teatro:

Sofia perde os sentidos afrontada pelo calor; o primo Alberto acode solícito a desapertar-lhe o cordão do colete.

O marido de Sofia, intervindo:

- Aqui ninguém passa! É um cordão sanitário...

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 24 jul. 1884. A. 5. N. 269. p. 6.



A traição feminina foi o núcleo de uma longa estória contada na seção “Casos, tipos e costumes” pelo *Pontos nos ii* através de versos e desenhos. A narrativa contava um romance que parecia ser bem sucedido, ato o surgimento de um terceiro que levou a mulher à traição. Como indicava o título da historieta, “O suicida”, a culminância parecia ligada à fatalidade, mas, como era o estilo da folha, uma humorística virada no destino, dava uma nova chance ao traído.

CASOS, TIPOS E COSTUMES – O suicida

Ela branca, muito loira,
Magra, sem ancas sequer;
- O próprio pau de vassoura
Que se vestiu de mulher.

Ele, olhos pretos, moreno,
Baixinho, muito nutrido;
- O mundo, o mundo em pequeno,
Com fato de homem crescido.

Ela – nem sombra de peito;
Ele – de enorme peitaça!
- Vejam que par tão perfeito
Para o cruzamento da raça.

Deste par – Branca e Silvestre –
Brotara essa mútua estima.
No ardor de um baile campestre.

Ao marquês Ponte de Lima.

Ele, a tremer, timorato,
Disse-lhe assim, comovido
- Gosto de si, como um gato
Gosta de bofe cozido!

- Para lhe ofertar, com efeito,
Não tenho um salão octógono...
... Dou-lhe um lugar no meu peito
E outro no leito de mogno.

De amor no doce declive,
Seguindo o eterno programa,
Viverem como Deus vive
Com os anjos – *si vera est fama...*

Sem um dito, sem um ralho,
Qual mais se estima e se adora,
Ela em caseiro trabalho,
Ele em trabalho por fora.

Era um gosto a gentevê-los,
Dos ócios nas raras fugas,
Ele a beijar-lhe os cabelos
Ela a coser-lhe as peúgas.

Porém cedo e muito cedo

Terminou, baixando à loisa,
"Esse engano da alma ledo
Que a fortuna..." e tal e coisa...

Nas cabeças – serei breve! –
Deu-se uma coisa inesperada.
A dela, fez-se mais leve;
A dele... pôs-se pesada.

Seguindo a constante regra,
Nesse horizonte de amores
Atra nuvem surgiu negra.
- Um alferes de caçadores!

Danadinho por mulheres,
De Branca ao seco torresmo,
Foi o galhardo do alferes
Fazendo pé de si mesmo.

Olhadelas, sinalefas,
Tudo quando amor recorda;
E ela, oculta entre as sanefas,
Da varanda a dar-lhe corda...

De Silvestre no tugúrio,
Com missiva para o *conchego*,
Finalmente entrou Mercúrio
- Sob a forma de um galego.

Branca, ao namoro dileto
Respondeu, segundo a prática,
Com mil palavras de afeto
Em mil erros de gramática.

Um dia – que dia aquele! –
Combinaram da janela
Ela à noite ir ter com ele,
E ele raspar-se com ela!

Em seguida ao sol se pôr,
Do prazer libando a taça,
Lá vão, nas asas do amor...
De uma tipoia de praça...

E após três horas aos tombos
Dentro do trem, em comum,
Em Cintra, o casal de pombos
Pedia quarto para um...

Silvestre, ao saber do rapto,
Correu Lisboa sem circuito
E não ficou mentecapto
Pela razão de o ser há muito.

E de amor ardendo em zelos,
O desditoso papalvo,

Ia arrancando os cabelos
Até ficar de todo calvo!

Vasculhou canto por canto,
Estafou-se a bater mato,
Com os olhos pingando em pranto
Como a Bica do sapato!

Perdido o alento – qual réu
Forçado a eterno presídio –
Disse, erguendo as mãos ao céu:
- apenas resta o suicídio!!!

E, num ardor dos diabos,
Foi a correr direitinho
À loja do Abreu dos cabos
Comprar um cabo de linho...

O calabre sobraçando,
Volta Silvestre para casa,
Lentamente, em passo brando,
- Pois que a pressa não o abrasa...

- A quem vai breve à presença
Do Demo, que em chamas arde,
Não deve causar diferença
Chegar um pouco mais tarde...

Mesmo assim, devagarinho,
Silvestre, enfim, abordou
A casa – amoroso ninho
Donde a pomba erguera o voo...

E em movimentos ativos
Deu, mexendo a pança nédia,
Começo aos preparativos
Daquela horrível tragédia!

No teto, um gancho execrando,
Todo à vista, sem disfarce,
Parecia estar convidando
A quem quisesse enforcar-se...

Silvestre agarra num *mocho*,
Nivela-o, pondo-lhe um calço,
Sobe a ele, em passo frouxo
De quem sobe ao cadasfalso...

Para a ganchorra estende o braço,
Com a palidez do tremoço;
Na calabre forma o laço
Mete no laço o pescoço...

Pedindo o eterno descanso
Faz cristão o sinal da cruz,
Cria vontade e balanço...

Um... dois... três... e catrapus!

Era, porém, mais pesado
De que uma junta de bois...
E o pobre gancho, coitado,
Não pode... partiu-se em dois!

Com aquele enorme trambolho,
Que lá de cima se arroja,
Treme a casa, abre-se o solho,
Cai o suicida na loja...

E, por alegre epígrama
Da sorte, em caprichos vária,
Foi mesmo em cima da cama
Da formosa locatária!

A aventura romanesca
Fá-lo considerar... decide-o!...
E ele diz, pondo-se à fresca:
- Fica adiado o suicídio!...

PONTOS NOS ii. Lisboa, 18 mar. 1886. A. 2. N. 46. p. 6-7.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 25 mar. 1886. A. 2. N. 47. p. 6-7.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 1º abr. 1886. A. 2. N. 48. p. 6-7.



D'este par—Branca e Silvestre—
Brotára essa mutua estima
No ardor d'um baile campestre
Ao marquez Ponte de Lima.



Elle, a tremer, timorato,
Disse-lhe assim, commovido
— Gosto de si, como um gato
Gosta de bofe cosido !



— P'ra lhe offertar, com effeito,
Não tenho um salão octog'no...
... Dou-lhe um lugar no meu peito
E outro no leito de mogno...



D'amor no doce declive,
Segundo o eterno programma,
Viverem como Deus vive
Co'os anjos — *si vera est fama..*

Sem um dito, sem um ralho,
Qual mais se estima e se adora,
Ella em caseiro trahalho,
Ella em trabalho por fora.

Era um gosto a gente vel-os,
Dos ocios nas raras fugas,
Elle a beijar-lhe os cabellos
Ella a cozer-lhe as peúgas.



Porem cedo e muito cedo
Terminou, baixando á loisa,
«Esse engano d'alma lêdo
Que a fortuna... e tal e coisa...»

Nas cabeças — serci breve ! —
Deu-se uma coisa inesp'ada:
A d'ella, fez-se mais leve;
A d'elle... pox-se pesada.

Segundo a constante regra,
N'esse horizonte d'amores
Atra nuvem surgiu negra—
— Um alfer's de caçadores !



Continua no proximo numero

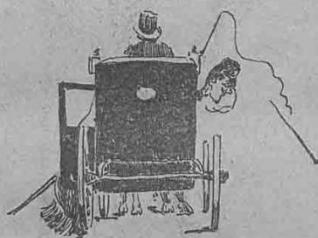


Branca, ao namoro directo
Respondeu, segundo a pratica,
Com mil palavras de afecto
Em mil erros de grammatica.

Um dia—que dia aquelle! —
Combinaram da jancilla
Ella à noite ir ter com elle,
E elle raspar-se com ella!



Em seguida, ao sol se pôr,
Do prazer libando a taça,
Lá vão, nas asas do amor...
D'uma tipola de praça...



E, após tres horas aos tombos
Dentro do trem, em commun,
Em Cintra, o casal de pombos
Pedia quarto p'ra um...



Silvestre, ao saber do rapto,
Correu Lisboa sem circuito
E não ficou mentecapto
P'la razão de o ser ha muito.

E d'amor ardendo em zelos.
O desditoso papalvo,
Ia arrancando os cabellos
Té ficar de todo calvo!



Vasculhou canto por canto,
Estafou-se a bater matto,
Co os olhos pingando em pranto
Como a Bica do sapato!



Perdido o alento—qual reu
Forçado a eterno presidio—
Disse, erguendo as mãos ao céu
—Apenas resta o suicidio!!!



E, n'um ardor dos diabos,
Foi a correr direitinho
Á loja do Abreu dos cabos
Comprar um cabo de linho...



(Conclue no proximo numero)

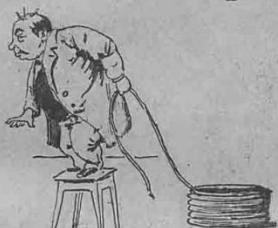


No tecto, um gancho excreando,
Todo á vista, sem disfarce,
Par'cia estar convidando
A quem quizesse enforcar-se...

Silvestre agarra n'um mocho,
Nivela-o, pondo-lhe um calço,
Sobe a elle, em passo frouxo
De quem sóbe ao cadafalso...

P'ra a ganchorra estende o braço,
Co'a pallidez do tremoço;
No calabre fórmia o laço
Mette no laço o pescoco...

Pedindo o eterno descanso
Faz christão o signal da cruz,
Cria vontade e balanço...
Um... dois... trez... e catrapuz!



Era, porém, mais pesado
De que uma junta de bois...
E o pobre gancho, coitado,
Não poude... partiu-se em dois!

Co' aquelle enorme trambolho,
Que lá de cima se arroja,
Treme a casa, abre-se o solho,
Cae o suicida na joia...

E, por alegre epigramma
Da sorte, em caprichos varia,
Foi mesmo em cima da cama
Da formosa locataria !

A aventura romanesca
Falo considerar... decide-o!...
E elle diz, pondo-se á fresca:
— Fica adiado o suicídio!...



Uma outra série “Casos, tipos e costumes” dedicava-se a trazer ao público “A conquista”, que contava a estória de um dom-joão, engalanado especialmente para atrair as mulheres. E ele consegue obter seu intento, conquistando uma mulher, com o detalhe que ela era casada. Prestes a concluir sua aventura, o conquistador se via em maus lençóis, pois, avisada da chegada do marido, a adúltera esconde-o no primeiro lugar encontrado. Depois de longo período submerso em água fria, o lovelace via-se desacorçoado para prosseguir a empreitada.

CASOS, TIPOS E COSTUMES – A conquista

Vai um chique, o gentil do Sarmento,
Desde o todo a mais leve minúcia;
Desde o quico de feltro cinzento,
Aos sapatos de couro da Rússia.

Na cabeça arranjara tal messe
De perfumes, tão grande montanha,
Que ao tirar o chapéu nos parece
Destapar-se um caixote de banha!

De boquilha na boca... sem erro
Deste mundo a maior das boquilhas...
- Quando à tarde passeia ao Aterro,
Presta lume a quem passa em Cacilhas!

Vai um lorde, um janota; em resumo,
É conquista... – pela pressa sevê...
De uma casa – olhem lá... – toma o rumo,
Entra lesto no *rez-de-chaussée*...

À gravata ele faz breve arranjo,
Da poeira os sapatos assopra...
Cai nos braços, enfim, do seu anjo
- Que é também a bailarina da ópera...

Ele falha-lhe em estilo pindárico:
- Sinto o peito que não se acomoda,
A ferver, a ferver, qual tartárico
Junto a bicarbonato de soda...

E ela, a Concha, de amor dando mostra,
Abre um riso, nos lábios, arisco,
- Como a concha da ameijoa e da ostra
Se entreabre, mostrando o marisco...

Os minutos deslizam ligeiros,
Sem se ouvir um ruído, uma fala...
Nisto, mexe um dos três reposteiros
E a criada entra à pressa na sala...

O Sarmento, forçado a acalmar-se,
Vai de um pulo, por pejo e decoro,
Para o piano a cantar em disfarce

“Não te esqueças de mim, que te adoro!”

Branca, branca de jaspe, a criada,
Diz assim, de pavor meio morta:
- O patrão está na porta da escada
Quer por força que a gente abra a porta...

- Oh! meu Deus! diz Sarmento mazombo;
Se me agarra, que tunda eu apanho!
E vai leve, qual pena de pombo,
Esconder-se no quarto de banho.

Mas, temendo do outro a visita,
E de cara não querendo que o colha,
Levantou a cortina de chita,
Encaixou-se na tina de folha...

Mas a tina – que horror! – estava cheia!
E Sarmento, em medonhas caretas,
Tiritando levou hora e meia,
Até que o outro passou as palhetas...

E ao sair desse banho, coitado,
– Um suplício cruel, um horror! –
Estava o triste tão frio, engelhado,
Que não teve mais calma de amor!...

PONTOS NOS ii. Lisboa, 8 abr. 1886. A. 2. N. 49. p. 6-7.



CONSTRUÇÃO DE IMAGENS ACERCA DA MULHER NA IMPRENSA CARICATA LISBONENSE E CARIOLA
NAS TRÊS DÉCADAS FINAIS DO SÉCULO XIX



A crítica de costumes do *Pontos nos ii* voltada a ressaltar a mulher como traidora veio mais uma vez às páginas do semanário na seção “Casos, tipos e costumes”. Dessa vez, sob o título “A aleluia” era apresentada uma situação na qual a traição feminina não teria limites, não respeitando nem mesmo as solenidades religiosas. Era outro caso – já quase clássico – da esposa que traía o marido, tendo um caso com o primo.

CASOS, TIPOS E COSTUMES – A aleluia

Os devotos, em cardume,
Na costumada falácia,
Vão correndo a ferir lume.
Para assistir, como é costume,
À aleluia em Santa Engrácia.

Entre o povo que esbraveja
Se espezinha e se atropela,
Lá consegue entrar na igreja
Um burguês cor de cereja,
A mulher e o primo – dela.

D. Eufrásia vai na frente;
Atrás, o esposo Tadeu;
Ao lado o primo Vicente.
A igreja, cheia de gente,
Está escura como breu.

Pouco a pouco, em passo lерdo,
D. Eufrásia lá se ajeita,
Com o marido, gordo cerdo,
Ocupando o lado esquerdo
E o priminho da direita.

Entra o cônego Aparício
- Um odre cor de carmim –
Cessa o rumor, o bulício,
Dá-se começo ao ofício
Que a aleluia tem por fim.

Reparou Tadeu, durante,
Todo o ofício da aleluia,
Que ao falar com a esposa amante
Não lhe achou nunca o semblante
E esbarrou sempre na cuia!...

Mas não fez maior reparo
E pensou com os seus botões:
- Está rezando o Santo Amaro...
Sendo mulher, não é raro
Ter daquelas devoções...

A esposa, efetivamente,
Em tais devoções se exalta,
A rezar ardente mente,
Que uma vez, inconsciente,
Até suspirou em voz alta!...

Passados três quartos de hora
A aleluia chega ao cabo;
Quem passa escuta lá fora
Dos sinos a voz sonora
Tocando como o diabo.

Lá dentro, os jorros de luz,
Da igreja entrando no cimo,
Iluminam tudo a flux,
E Tadeu vê – Ih! Jesus! –
A mulher beijando o primo!!!

Ambos com os olhos cerrados
Não deram pela mutação:
E, três minutos passados,
Inda estavam consagrando,
Corpo e alma, à devoção!

Tadeu, então, estrugiu,
Enquanto de ódios se abrasa:
- À igreja não volta! Ouviu?!

Devoções desse feitio,
Quem as tem... fá-las em casa!

PONTOS NOS ii. Lisboa, 24 abr. 1886. A. 2. N. 51. p. 6-7.



CONSTRUÇÃO DE IMAGENS ACERCA DA MULHER NA IMPRENSA CARICATA LISBONENSE E CARIOLA
NAS TRÊS DÉCADAS FINAIS DO SÉCULO XIX



A esposa com tendência à traição veio mais uma vez à baila em conjunto de caricaturas identificadas como “Contos elétricos”, trazendo por narrativa o que seria uma “Cena de todos os tempos”. Em rápidos versos e desenho, era contada a estória de um casal que se conhecera e casara, mas a tendência era de que a felicidade não seria duradoura, uma vez que ela, por ter “cabeça leve”, parecia estar propensa às aventuras extraconjugaís, fazendo com ele ficasse com a “cabeça pesada”, pelos efeitos da traição.

CONTOS ELÉTRICOS – Cena de todos os tempos

Viram-se os dois: Que desejos!
E tomaram gargarejos.
E deram furtados beijos.
E casaram de abalada.

Lua de mel passa breve,
Depois, já diz o almocreve
Que *ela* tem cabeça *leve*.
E ele, ao contrário, *pesada*...

PONTOS NOS ii. Lisboa, 28 jul. 1887. A. 3. N. 116. p. 7.



Em outra oportunidade, o periódico lisbonense mostrava que, enquanto os maridos, em vilegiatura, partiam para divertir-se caçando e pescando, suas esposas ficavam na cidade, encontrando toda as condições propícias para a prática da traição.

EM VILEGIATURA – Pesca e caça

Enquanto o tempo assim se mostra quente,
E a brisa não refresca,
Os maridos, na praia, alegremente,
Vão para a pesca...

E em Lisboa as esposas tão sozinhas...
- Coitadinhas!

Mas, quando o sol encobre o raio ardente
E a brisa enfim perpassa,
Em Lisboa, as esposas, castamente,
Vão para a *caça*...

E os maridos tão longe, e sem carinhos...
- *Coitadinhos*...

PONTOS NOS ii. Lisboa, 4 ago. 1887. A. 3. N. 117. p. 3.



Em mais uma situação de vilegiatura, o hebdomadário caricato demonstrava que as possibilidades de traição pairavam no ar. No caso, apresentava um diálogo entre dois indivíduos diante da passagem de um casal. Diante da pergunta do interlocutor, o outro respondia que estava deixando de lado a possível corte de uma dama, pela presença do marido.

EM VILEGIATURA

- Então, André, ainda este ano fazes a corte à viscondessinha?...
 - Não! Deixei-me disso... O marido não levava em gosto...
- PONTOS NOS ii. Lisboa, 13 jul. 1888. A. 4. N. 165. p. 7.



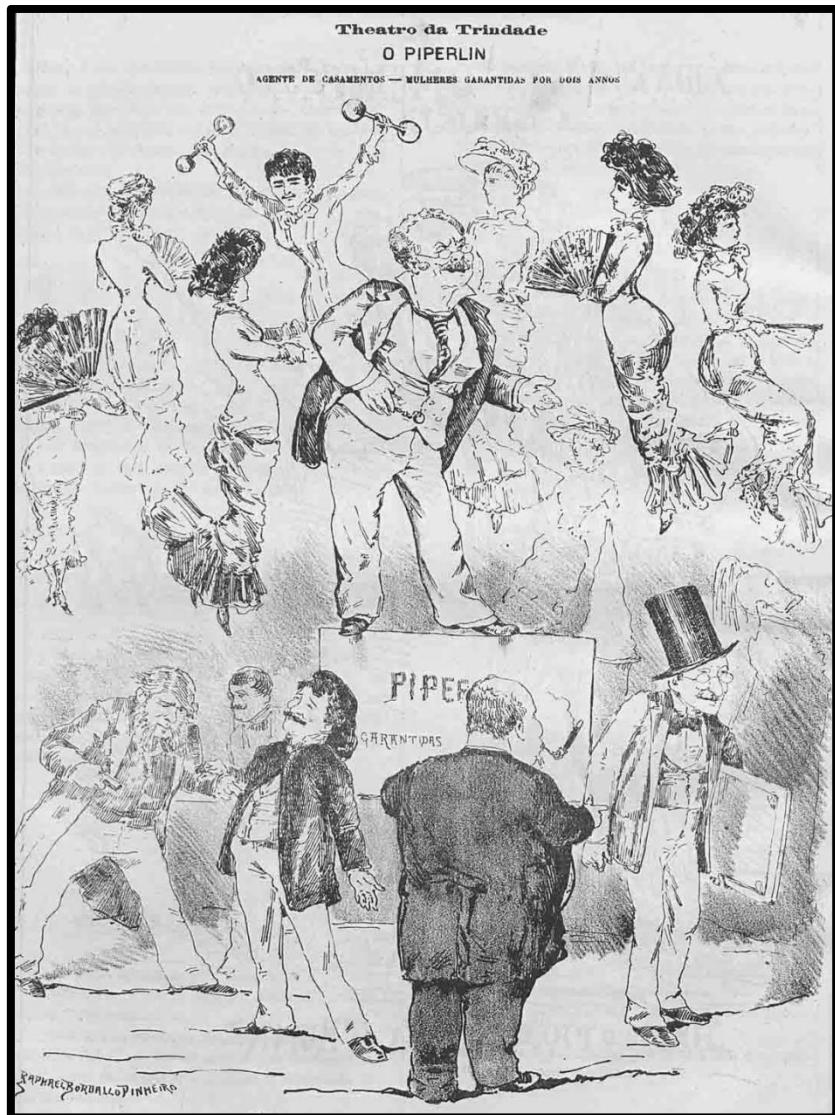
Simulando um ambiente teatral e fazendo incursões à vida política, o periódico anunciava um agente de casamentos que proporcionava "mulheres garantidas por dois anos". Diretamente, dava à impressão que se tratava das

condições de saúde, mas, implicitamente, ficava à alusão ao prazo de validade ser relacionado ao respeito dos votos matrimoniais.

AGENTE DE CASAMENTOS – Mulheres garantidas por dois anos

Esta peça, à força de ser alegre, é excessivamente fresca. Para que as famílias se não constipem vai-se-lhes mostrar no fim o sr. Hintze Ribeiro para aquecer.

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 16 jun. 1881. A. 3. N. 107. p. 8.



Outra situação demonstrada pelo jornal no que tange às relações a dois, estava vinculada à relevância das condições econômico-financeiras em relação ao sucesso conjugal. Foi o caso da publicação de vários quadrinhos, nos quais diferentes personagens pensavam em como usufruir dos possíveis ganhos advindos do sorteio de uma loteria. Nesse contexto, apareciam dois noivos sonhando com a “sorte grande”.

A ORDEM DO DIA

Noivos que se amam deveras
– Como os dois noivos Fernandes –
Nem falam; – sonham quimeras
Com o furor das sortes grandes.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 23 dez. 1886. A. 2. N. 85. p. 4.



Uma verdadeira comédia de situações foi elaborada pelo *Pontos nos ii* na seção “Casos, tipos e costumes”, tendo por cerne as relações conjugais. A narrativa

contava a estória de um casal desde o início e tendo como ponto alto o casamento. Mas tudo foi atrapalhado tendo em vista um acidente de alcova, não ocasionado por nenhum dos consortes e sim por um defeito no colchão que acabaria por levar à anulação do consórcio matrimonial.

CASOS, TIPOS E COSTUMES – O colchão de molas

As conversas do Charniço
Com o derriço
Junto às grades da cancela
Eram sabidas na escada
E a criada
Já dera em casa à tramela.

Diziam coisas diversas
As perversas
Vizinhas dos arredores,
E nas lojas, por seu turno,
O *noturno*
Contava alguns pormenores.

Ao saber que assim se alude
A virtude
Daquela que ama sedendo,
Chamiço toma um propósito
A propósito:
Ia pedi-la em casamento.

Desde esse dia em diante
Violante
Passa vida prazenteira.
Tendo em casa, sempre ali
Junto a si,
O noivo, de cavaqueira.

Não se passa uma só noite
Que abiscoite
Menos de um beijo, à surpresa.
- Como a leitora adorada
(Se é casada)
Abiscoitou com certeza...

Por longas horas combinam.
Determinam
- Qual mais de interesse se abrasa –
As loiças, os móveis vários
Necessários
Para quem vai por em casa.

A compras saem num dia,
Em porfia
De indispensável colchão;
Ele um de lã experimenta
E comenta
- Que é muito quente de verão.

- Talvez mais a pena valha
Um de palha...
Lembra o pai, como alvedrio.
Ela a provas o submete
Mas reflete
- Que de inverno é muito frio.

Não querendo palha nem lã,
A mamã
Interpõe o seu ditame:
- Vamos à rua da Prata
De frescata,
Comprar um colchão de arame...

Sendo à casa transportado,
É armado
No seu lugar o colchão
E os próprios noivos, presentes,
Previdentes,
Cuidam daquela operação...

Após semanas maçantes,
Que aos amantes
Não podem parecer pequenas,
O prior de S. Crispim,
Em latim,
Fundiu os dois num apenas.

Segue-se o lanche em vigor,
De primor
Para a parentela esfaimada;
E os dois, ardendo em desejos
Têm bocejos
Com os brindes de alta maçada.

Vendo que alguns convidados
Mal criados
Não têm tenção de safar-se,
De tédio os dois se inteiriçam
Espreguiçam,
Sem mais rebuço ou disfarce.

Até que à última visita
– Que maldita! –
Diz à noiva alegre adeus:
E o noivo, às tábuaas do teto,
Com afeto,
Grita: – obrigado, meu Deus!!!

Inda a noiva se detém
E ouve à mãe
Mais um conselho prudente;
E o noivo de esperar já farto,
Junto ao quarto,
Dá sinais de impaciente...

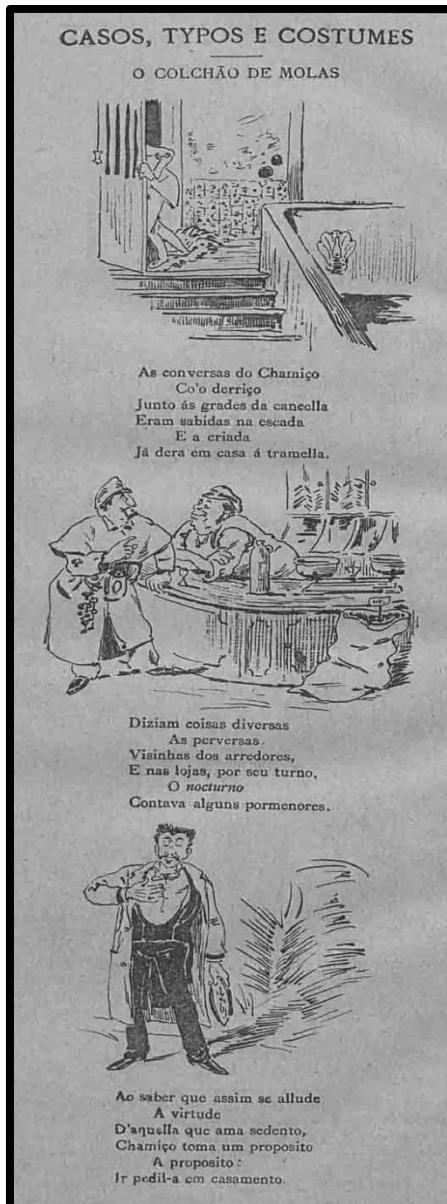
O colchão quando se armara
Rebentara,
Erguendo os bicos de arame,
E a noiva, picada a ferro,
Dava berro
Que era perfeito vexame!

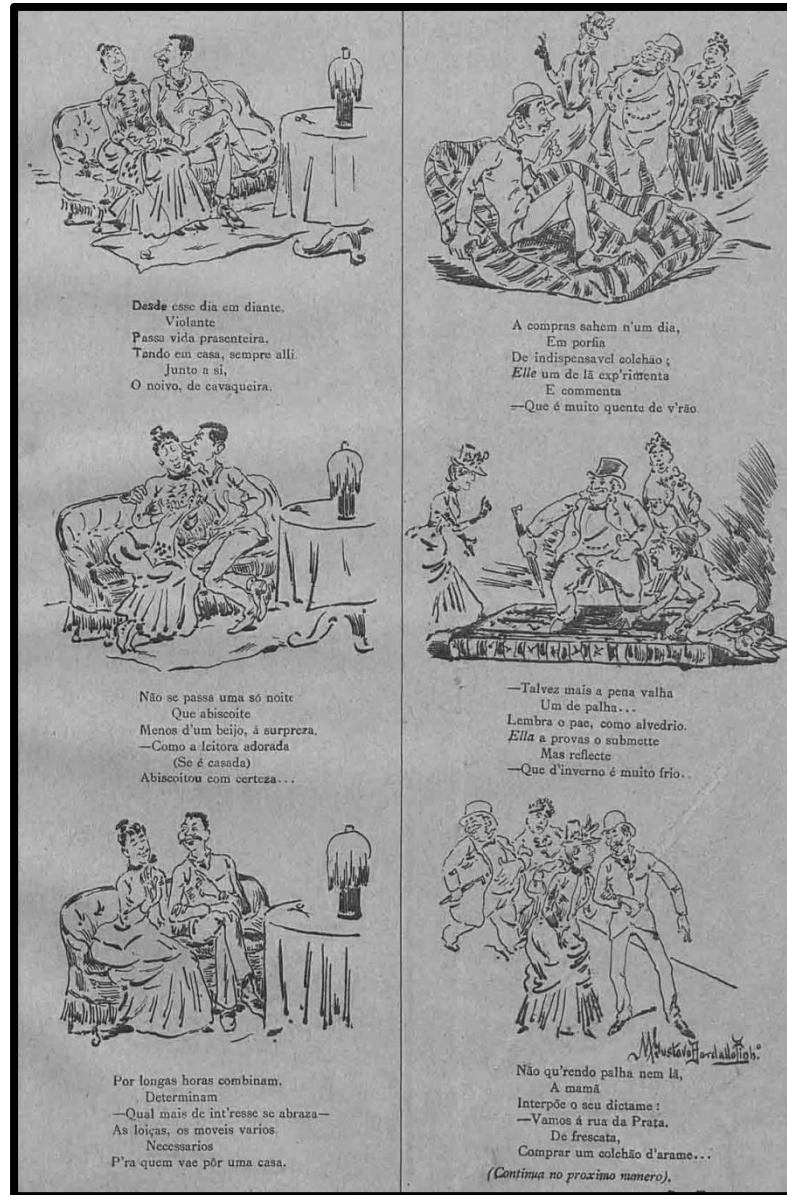
Em breve o noivo se pica
Na futrica,
E por tal se persuade,
Fugindo, que aqueles bicos
Eram picos
Da sua cara metade!...

No outro dia ao pai a entrega
E a renega
Bradando assim: – não me espigas!
É muito honesta e sisuda,
Mas não gruda
Dormir com um molho de urtigas!...

PONTOS NOS ii. Lisboa, 14 out. 1886. A. 2. N. 75. p. 6-7.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 21 out. 1886. A. 2. N. 76. p. 6-7.









Em outro “Casos, tipos e costumes” aparecia uma historieta de um casal de namorados que aproveita os cochilos do pai que os vigiava, para aprofundarem suas carícias. Mas eles são apanhados em flagrante e, de acordo com os padrões de então, só restava o caminho do casamento. Na conclusão o pai lembrava que aquela união fora à mesa talhada, sem deixar de mostrar que o matrimônio poderia ser um destino amargo, ao ser colocado nas proximidades do uso da mortalha.

CASOS, TIPOS E COSTUMES – A arriosca

Ao café botam derriço;
Qual mais quente dos dois arde.
- o *papá* nem dá por isso,
Lendo as gazetas da tarde...

Ele diz-lhe em frase viva:
- Teu afeto ambiciono!
Ela escuta-o pensativa
E o *papá* pega no sono...

Dão-se as mãos, juram afeto
Muito além da eternidade;
E o *papá*, sempre quieto,
A dormir como um abade!

Ela puxa-o lentamente,
Beija-o dez vezes a fio...

E o *papá* sempre dormente,
Ressonando de assobio!

Agarrada como visco
Puxa-o para si com mais força;
E no pai ferra um belisco
Que o faz dar pulo de corça!

Ergue-se o velho, empunhando
A gazeta das notícias;
Brada em gesto venerando:
- Maldição!... saltem polícias!...

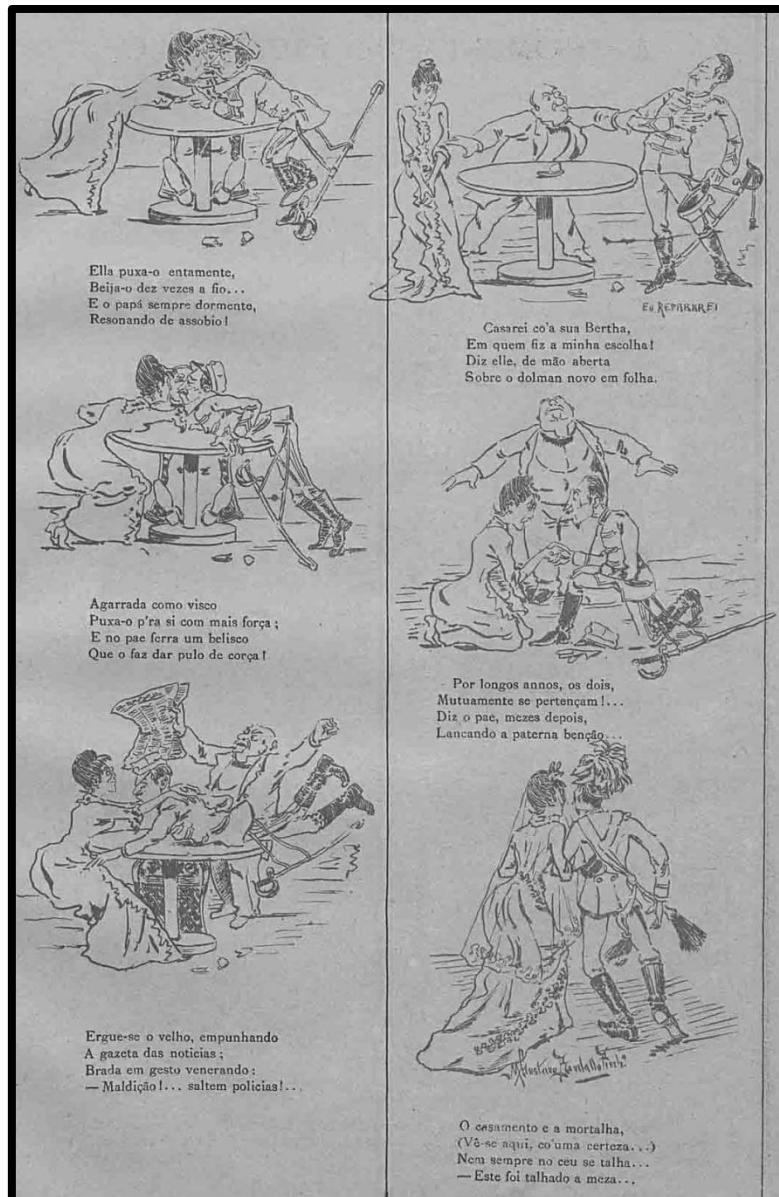
Casarei com a sua Berta,
Em quem fiz a minha escolha!
Diz ele, de mão aberta
Sobre o dólma novo em folha.

Por longos anos, os dois,
Mutuamente se pertençam!...
Diz o pai, meses depois,
Lançando a paterna benção...

O casamento e a mortalha,
(Vê-se aqui, com uma certeza...)
Nem sempre no céu se talha...
- Este foi talhado à mesa...

PONTOS NOS ii. Lisboa, 5 ago. 1886. A. 2. N. 66. p. 6-7.





Algumas vezes a mulher apareceu nas páginas do semanário como um ser tenebroso, capaz de destruir o casamento, ou ainda de levar à perdição do marido. Um desses casos de uma mulher terrível aconteceu em cena retratada à beira-mar, na qual a esposa esculachava o marido, por não servir para nada, nem ao menos para morrer e deixar alguma coisa para ela e os filhos.

À BEIRA-MAR

- És um maroto, não tens jeito para nada... nem para naufrago. Se tivesses morrido afogado, diabo! Já eu estava bem e tinha que dar de comer aos rapazes... Assim, és uma besta que nem para morrer serves!

O ANTONIO MARIA. Lisboa, 19 mar. 1892. A. 8. N. 345. p. 3.



Nas páginas do *Antônio Maria*, a mulher chegou a ser comparada a um ser diabólico, pronto a trazer a destruição para os homens. Nesse sentido, publicou uma historieta chamada "A sedução", na qual um pai dava vários conselhos ao

filho, mas o mais importante era aquele que mostrava que todo o cuidado era pouco com as representantes do sexo feminino.

A SEDUÇÃO

1. Filho meu, guarda as minhas expressões, e esconde dentro de ti os meus preceitos, Filho.
2. observa os meus ditames, e viverás: guarda a minha Lei com a menina do teu olho.
3. Traze-a atada aos teus dedos, escreve-a nas tábuas do teu coração.
4. Dize à sabedoria: és minha irmã; e chama à prudência a tua amiga,
5. para que te guarde da mulher estranha e da alheia, que adoça as suas palavras.
6. Porque da janela da minha casa, olhando por entre as grades,
7. observo os incautos. E vejo um mancebo insensato,
8. passando pela rua, ao anoitecer,
9. quando o dia se vai acabando na obscuridade da noite.
- 10 E eis que lhe sai ao encontro uma mulher ornada à moda das prostitutas, prevenida para caçar almas, faladora e andeja,
11. não lhe sofrendo o coração estar queda, nem podendo ter os pés em casa,
12. pondo-se de emboscada, uma vezes nas praças, outras às esquinas.
13. E tendo mão no mancebo, o beija, e com uma cara sem vergonha lhe faz carícias dizendo
14. Pela tua saúde ofereci vítimas, hoje daí cumprimento aos meus votos:

15. por isso te saí ao encontro, desejando ver-te, e eis que te achei.
16. Fiz sobre cordões a minha cama, cobri-a com colchas bordadas do Egito;
17. perfumei a minha câmara de mirra, de alóes e de cinamomo.
18. Vem, embriaguemo-nos de amores, e gozemos dos abraços desejados, até que amanheça.
19. Porque meu marido não está em casa, foi fazer uma viagem muito dilatada,
20. levando consigo um saquitel de dinheiro. Lá para a noite da lua cheia é que voltará.
21. Assim ela meteu na rede com seus discursos o desprevenido mancebo, e o arrastou às lisonjas dos seus lábios.
22. Segue-a ele como boi que é levado ao sacrifício, como cordeiro que vai saltando caminho da morte,
23. como ave que apressada corre ao laço.
24. Ouve-me, pois, filho meu:
25. Não te deixeis ir pelos caminhos desta mulher.
26. Caminhos do inferno são a sua casa, que penetram até às entranhas da morte.

O ANTONIO MARIA. Lisboa, 20 maio 1892. A. 8. N. 351. p. 6.

A SEDUCCAO

1 Filho meu, guarda as minhas expressões, e esconde dentro de ti os meus preceitos, Filho.
2 observa os meus dictames, e viverás: guarda a minha Lei como a menina do teu olho.



3 Traze-a atada aos teus dedos, escreve-a nas taboas do teu coração.

4 Dize á sabedoria: és minha irmã, e chama á prudencia a tua amiga,

5 para que te guarda de mulher estranha e da alheia, que adoça as suas palavras.

6 Porque da janella da minha casa, olhando por entre as grades,

7 observo os incautos. E vejo um mancebo insensato,



8 passando pela rua, no anoitecer,
9 quando o dia se vai acabando na obscuridade da noite.

10 E eis que lhe sae ao encontro uma mulher ornada à moda das prostitutas, prevenida para caçar almas, fálladora e andeja,

11 não lhe sofrendo o coração estar queda, nem podendo ter os pés em casa,

12 pondo-se de emboscada, umas vezes nas praias, outras ás esquinas.

13 E tendo mão no mancebo, o beija, e com uma cara sem vergonha lhe faz carícias dizendo



14 — «Pela tua saúde ofereci victimas, hoje dei cumprimento aos meus votos:

15 e por isso te saí ao encontro, desejando ver-te, e eis que te achei.

16 «Fiz sobre cordões a minha cama, cobri-a com colchas bordadas do Egypto;

17 perfumei a minha cama de myrra e d'aloés e de cimamómo.

18 Vem, embriaguemo-nos de amores, e gozemos dos abraços desejados, até que amanheça.



19 Porque meu marido não está em casa, foi fazer uma viagem muito dilatada,

20 levando consigo um saquitel de dinheiro. Lá para a noite da lua cheia é que voltará.

21 Assim ella metteu na rede com seus discursos o desprevenido mancebo, e o arrastou com as lisonjas dos seus lábios.



22 Segue-a elle como boi que é levado ao sacrifício, como cordeiro que vai saltando caminho da morte,

23 como ave que apressada corre ao laço.

24 Ouve-me, pois, filho meu:



25 Não te deixes ir pelos caminhos d'esta mulher.

26 Caminhos do inferno são a sua casa, que penetraram até ás entradas da morte.

SALOMÃO.

AS PROSTITUTAS

Em profunda crítica social e de costumes, o semanário lisbonense tecia reflexões envolvendo moral e devassidão. A folha partia em defesa dos teatros e dos artistas que estariam mais uma vez sendo aproximados das práticas da prostituição. Segundo o jornal, a sociedade deveria olhar para si mesma, observando outros lugares onde aconteciam desvios e desmandos sociais, incluindo dentre esses os prostíbulos.

Os jornais estão dizendo dos teatros o que Salomão não disse das mulheres, Mafoma do toucinho e o sr. Alves Corrêa do sr. Pedroso de Lima.

No entender dos mais abalizados corifeus da opinião, cada teatro é a escada do inferno, a porto do vício, a janela aberta sobre a depravação, o telhado, onde se enroscam em coitas abomináveis os gatos negros do mais negro sadismo.

A solicitude das mães, sempre de vigia à inocência das filhas, treme como gelado.

Ir ao teatro é, atualmente, coisa tão indecente como ler o sétimo volume de Bocage, ou mostrar as pernas a pessoas de cerimônia e vergonha.

O conselheiro Acácio, dada a imoralidade dos palcos portugueses, preferiria cair numa cloaca a assistir ao *Casamento de Olímpia* ou à *Toirada*.

A campanha dos jornais deitou raízes nas consciências.

As famílias honestas lançaram ao barril do lixo, como uma imundície infecta, o costume de frequentar plateias e camarotes; atores e atrizes, ultimamente quase reabilitados, passam a ser novamente os *cômicos* de outro tempo, criaturas perigosas e sem pudor, indignas de um aperto de mão e de sepultura em Sagrado; em breve, a polícia mandará guarnecer as janelas dos teatros com tabuínhas verdes.

Santa e benéfica missão, a da imprensa!

*

* *

Dada a veemência da campanha e o entusiasmo por ela provocado, toda a pessoa sensata deve concluir: 1º – que os palcos portugueses são tudo o que há de menos virtuoso na vida; 2º – que não existe na vida coisa tão virtuosa como a sociedade portuguesa, de contrário à depravação daqueles não incomodaria tão singularmente a inocência desta.

Um leproso nada tem de extraordinário entre leprosos; só é repugnante entre pessoas sãs.

A respeito, porém, das virtudes da nossa sociedade, tenho as mais fundas e encarvoadas apreensões, apreensões que, inelutavelmente, me trazem à memória o aforístico dizer: – *nem tudo o que luz é oiro*.

Porque é que as meninas sérias de Lisboa estão atualmente proibidas de ir a tal ou tal teatro? Porque a imoralidade de tal ou tal teatro cairia sobre a candidez dessas meninas como um pedregulho gigantesco sobre um cristal frágil?

Isto seria justíssimo se a referida candidez fosse completa.

Acontece, porém, que as citadas meninas leem quotidianamente, nos jornais, minuciosas notícias de roubos, estupros, infanticídios, etc., etc.; acontece que muitas dessas meninas moram em ruas povoadas de bordéis, onde, às noites, se desencadeiam rixas mais ornamentadas de palavrões obscenos do que as paredes de uma latrina de liceu; e acontece finalmente que as sobreditas donzelas namoram alferes e amanuenses que, como aquele cavalheiro dos *Maias*, fazem da *atração* a grande arma do amor.

Ora, com uma semelhante educação, as suas almas e os seus ouvidos não deviam picar-se nos espinhos de uma situação equívoca ou de uma frase excessivamente apimentada.

Mas é preciso salvar as aparências. A moralidade nacional permite que se leiam, ouçam e pratiquem todas as imoralidades, contanto que não seja em público. Donzelinhas loiras e morenas podem ler no segredo das suas alcovas as maiores monstruosidades descritas no *Diário de Notícias*, escondidas entre os cortinados das suas janelas, podem escutar as obscenidades das suas pecadoras vizinhas, à passagem de um corredor ou à descida de uma escada, podem receber os doces beliscões de seus namorados; o que, porém, não podem é assistir a uma representação teatral, não porque essa encenação seja menos casta do que muitos atos das suas vidas, mas porque, entre nós, o gosto da pouca vergonha é como certos remédios: *para uso externo*.

A questão é salvar a honra das conveniências, dessas respeitáveis senhoras, que fizeram da nudez uma indecência, que trazem escondido no peito um talismã em forma de falo, e caminham, sob o olhar público, cheirando a rapé e desfiando rosários, os olhos abriados por solenes olhos azuis.

O ANTONIO MARIA. Lisboa, 19 fev. 1894. A. 10. N. 394. p. 3.



Em tom de pilhória, o periódico lançava dúvidas sobre a capacidade da autoridade policial para coibir a prostituição. Na caricatura, intitulada “A polícia de costumes”, o encarregado Antônio Maria Barreiros Arrobas era apresentado de calças curtas, carregando um cesto de convescote, portando uma rede para apanhar insetos de modo a buscar capturar “borboletas”.

A POLÍCIA DOS COSTUMES

O sr. Arrobas, convertido de antigo tigre em caçador de borboletas, começou esta semana a exercer sobre as boninas do Rocio a sua colheita de insetozinhos nocivos à jardinagem da moral. As borboletas inofensivas que quiserem escapara à rede de S. Exa. terão de escrever na asa – *Borboleta morigerada, saída à rua para negócios de família*

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 28 abr. 1881. A. 3. N. 100. p. 1.



O mesmo tema voltaria às páginas da folha caricata, por meio de texto e desenhos, permanecendo o olhar crítico sobre a autoridade policial. Mais uma vez o hebdomadário considerava ineficaz a política do administrador para evitar a prática da prostituição, referindo-se à intenção de promover a identificação das prostitutas.

Noticiam as folhas que o sr. Arrobas, para o fim de castigar o vício e de premiar a virtude – como antigamente se fazia nos finais das novelas – vai marcar com uma chapa as damas impudicas.

A ser assim nunca a impudicícia foi calcada a pés com mais energias do que aquela que estão dispensando as botas do mui fogoso sr. conselheiro.

Aplaudindo-o com todo o frenesi que a moral aconselha em tal conjuntura, ousamos lembrar a S. Exa. que a medida de chapear o vício deve, ao que nos parece, completar-se com alguns desenvolvimentos.

No sexo a que nos gloriamos de pertencer em companhia de S. Exa. , o sr. governador civil, há indivíduos tinhosos, exatamente como no governo civil de Lisboa se tem perspicazmente observado com relação ao sexo frágil.

Não há somente ovelhas tresmalhadas do redil da virtude. Há também borregos com os quais se dá precisamente a mesma coisa.

É mister sermos coerentes e lógicos, e chapearmos os homens de vida má assim como chapeamos as mulheres de má vida.

Pedimos pois, em complemento equitativo da última medida moral do sr. governador civil de Lisboa, a chapa de rufiões, a chapa dos hipócritas, a chapa dos malandros, a chapados covardes, a chapa dos bêbados.

No dia em que um algarismo pendurado nas costas de algumas mulheres, assim como nas tipoias de praça, nos fixar sobre o número das nossas Messalinas, exige a retidão e a justiça que semelhantes algarismos

nos elucidem acerca da lista correlativa de Alcebíades, dos Iscariotes e dos Nabucodonosores de que dispõem essa feira de iniquidades vulgarmente conhecida pelo nome de Passeio Público do Rocio.

Desde que se trata nas regiões da polícia de elucidar a virtude na senda das patuscadas, sabermos quem são as Lolas que se vendem é bom; mas não ignorarmos quem são os Afonsos que se compram é ótimo.

Mais chapas pois, ser. Arrobas! Mais chapas por obséquio!

Além das chapas para o vício, parecia-nos vantajosa a criação dos rótulos para a virtude.

O conhecimento de que Pepa, ao passar no Chiado, vai ao crime vender a sua alma é o justo castigo do vício.

O conhecimento paralelo de que D. Jeronina, descendo o mesmo Chiado, vai ao Valente comprar botões é o triunfo da virtude.

Portanto que o sr. Arrobas não hesite! Escreva-se nas costas condenadas das Aspásias: *Nº. 64 para vender!* E escreva-se na frente pura das Lucrécias: *Nº. 53 para comprar pano abretanhado para seu homem!*

E a moral então coroará de trevo o sr. Arrobas!

O ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 23 jun. 1881. A. 3. N. 108. p. 2.



Noticiam as folhas que o sr. Arrobas, para o fim de castigar o vicio e de premiar a virtude — como antigamente se fazia nos finais das novelas — vai marcar com uma chapéu as damas impudicas.

A ser assim nuna a impudicacia foi calcada a pés com mais energia do que aquella que estão dispendendo as botas do meu fogoso sr. conselheiro.

Applaudindo-o com todo o phrenesi que a moral aconselha em uma tal conjunctura, ousanmos lembrar a s. ex.^a que a medida de chapear o vicio deve, ao que nos parece, completar-se com alguns desenvolvimentos.

No sexo a que nos gloriamos de pertencer em companhia de s. ex.^a o sr. governador civil, ha individuos tinhosos, exactamente como no governo civil de Lisboa se tem perspicazemente observado com relação ao sexo fragil.

Não ha sómente ovelhas tresmalhadas do redil da virtude. Ha também borregos com os quaes se dá precisamente a mesma coisa.

É mister sermos coerentes e logicos, e chapearmos os homens de vida má assim como chapeamos as mulheres de má vida.

Pedimos pois, em complemento equitativo da ultima medida moral do sr. governador civil de Lisboa, a chapéu dos rufiões, a chapéu dos hypocritas, a chapéu dos malandros, a chapéu dos cobardes, a chapéu dos bebedos.



No dia em que um algarismo pendurado nas costas de algumas mulheres, assim como nas tipoias de praça, nos fixar sobre o numero das nossas Messalinas, exige a rectidão e a justiça que similhantes algarismos nos iluvidem áceros da lista correlativa dos Alcibiades, dos Iscariores e dos Nabucodonozores de que dispõe essa feira das iniquidades vulgarmente conhecida pelo nome de Passeio Publico do Rocio.

Desde que se trata nas regiões da polícia de iluvidar a virtude na senda das patuscadas, sabermos quem são as Lolas que se vendem é bom; mas não ignorarmos quem são os Affonsos que se compram é optimo.

Mais chapas pois, sr. Arrobas! mais chapas por obsequio!

Além das chapas para o vicio, parecia-nos vantajosa a criação dos rotulos para a virtude.



O conhecimento de que Pepa, ao passar no Chiado, vai ao crime vender a sua alma é o justo castigo do vicio.



O conhecimento paralelo de que D. Jeronyma, descendendo o mesmo Chiado, vai ao Valente comprar botões é o triunfo da virtude.

Portanto que o sr. Arrobas não hesite! Escreva-se nas costas condenadas das Aspasias: *N.º 64 para vender!* E escreva-se na fronte pura das Lucrecias: *N.º 53 para comprar panno abretanhado para seu homem!*

E a moral então coroará de trevo o sr. Arrobas!



Ilustrando a matéria com simples clichês, o *Pontos nos ii*, em seção denominada “De raspão...” também elaborou um texto bastante incisivo em relação à prostituição. Permanecia o conteúdo crítico em relação às autoridades públicas por estarem retirando os prostíbulos de algumas das vias públicas lisboetas, ficando a convicção de que eles simplesmente se deslocariam para outros lugares. Nesse sentido, a crítica de costumes se misturava à política e aos princípios moralizadores da sociedade.

DE RASPÃO...

A polícia tem andado a expulsar das ruas concorridas, todas as casas de amor onde ela não tem provavelmente *houri* marcada. Foram já mandadas sair da rua do Arsenal todas as pegas do vício que ali chamavam em voz alta os transeuntes; mandadas fechar as capoeiras da rua Augusta e da rua da Prata... e como até agora as autoridades não hajam fixado bairro às cidadãs... a quem mais devem as indústrias algarvias, estamos sem saber onde irão elas encastrar as supraditas. Concordaremos que não seja excessivamente cômoda, para as pudibundas gentes, a vizinhança daquelas aves migradoras, que sobre pedirem *medio beefa* quem passa, têm às vezes com as janelas fronteiras às suas tabuinhas, singulares e nunca assaz pitorescas liberdades. Entretanto, relegar de uma rua para outra os lupanares, a pretexto de que os costumes perigam na primeira rua, e não perigam na segunda, é uma parvoíce oficial de todo o ponto incoerente –

desde que não há uma ilha Citera exclusivamente consagrada aos sacrifícios da volúpia, longe das vistas da inocência, e com portas, guarda-fiscal, direitos de barreiras e igrejas, hospitais e restaurantes de estilo típico, em harmonia com o culto das onze mil virgens e do deus Mercúrio, professado ali.

Não nos queremos intrometer de modo algum nas deliberações que a polícia e o conselho de higiene por certo haverão tomado em questão de tal guisa, posto vamos dizer aqui, baixinho, a nossa opinião.

Evidentemente a polícia não tem ainda cidadela escolhida, onde fechar as irregulares que por aí andavam até agora, desgarradas. Ela não pode em boas razões metê-las, por exemplo, no palácio da Ajuda, nem nos casarões do patriarca, nem nas secretarias do Estado, nem debaixo da Arcada, nem aboletá-las tão pouco, penso eu, por alguns desses populosos quartéis de guarnição.

Era violar o prestígio de certos desses edifícios-catacumbas, erguer a reputação de outros, e estabelecer nos restantes um terrível assalto de concorrência.

Metê-las nos conventos de freiras, hoje às moscas – Deus nos acuda! – seria a continuação das ordens religiosas, sob os mesmos códigos de moral *odivelense* que lhes outorgou D. João V – e ainda neste caso a concorrência iria cavar-lhes rivalidades, por banda do beatério das sacristias, S. Luiz incluído.

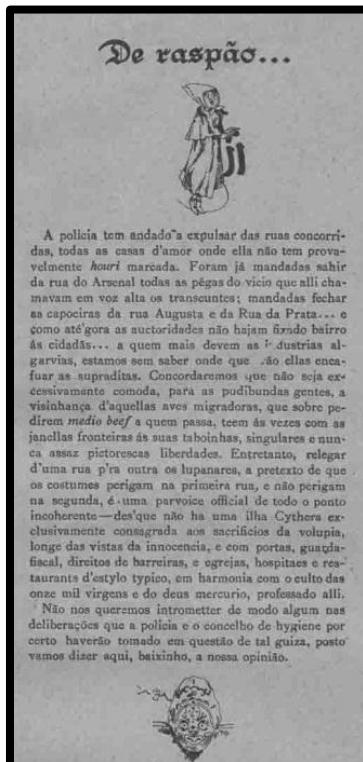
Ora, sendo certo por outro lado, que todas as nossas pequenas indústrias bastardeiam, faltas de alento, e que em todos os ciclos de atividade industrial, reina a tendência monopolizadora, dir-me-ão os senhores:

- Seria asneira explorar esta indústria do amor por meio de um sindicado, caso o marquês da Foz quisesse entrar... – ou não querendo, não

poderia o sr. Mariano de Carvalho, organizar a *régie* das itairas, com uma zona de proteção por toda a raia (aquela Espanha!) e a administração geral do sr. duque de Albuquerque?

Somente deveria o governo ser menos liberal com os empregados desta, do que o está sendo com os da *régie* dos tabacos – que todos têm tabaco de borla. Nesta *régie* do amor, assentariámos nisto – pitadas pagas!

PONTOS NOS ii. Lisboa, 6 jun. 1889. A. 5. N. 212. p. 3.



Em plena ação moralizadora, o hebdomadário lisboeta fazia severa peroração contra os desmandos sociais na capital portuguesa. Mais uma vez duvidava da capacidade dos homens públicos para resolver os crimes que assolavam a cidade, apesar de uma aparente tranquilidade que eles pretendiam propagandear. Dentre os desmandos apontados pelo jornal, a crítica também se direcionava às “plenipotenciárias da luxúria”.

Deveis lembrar-nos das austeras atitudes com que a polícia de Lisboa, recentemente reorganizada, se deitou a purificar esta cidade toda roída por viciosos óxidos, a transformar a brejeirinha em santa.

O jogo, a luxúria, o vinho foram postos a ferros, flagelados, crucificados.

Durante alguns dias, a Babiloniazinha do Tejo, apareceu tímida e cándida como um pensionato de ingênuas virgens.

Acontece, porém, que esta ânsia de regeneração moral coincide com uma notável florescência dos instintos e das obras criminosas.

Aí está o crime da rua da Glória, o crime do aborto e outros muitos, diariamente relatado pelos jornais de notícias.

Este fato mostra salientemente que os ditames policiais não foram um cautério mas um aperitivo. A pedra infernal tornou-se em abismo gomado.

Mostra isso e mostra também que as vontades naturais são muito mais fortes do que todos os convencionalismos moralizadores, armados para organizar burocracias rendosas e para transformar uma cidade cheia de sol e de cor, num secantíssimo seminário de frios, úmidos corredores, sob cujas lajes seriam enterrados vivos o amor e o vinho, as derramadoras de beijos alegres e os primos do sol – os bêbados.

Graças, porém, à sua qualidade de imortais, desde Adão e Eva e desde Noé, o amor e o vinho resistiram a todas as violências.

Bem se fartou a Travessa do Parreirinha de parir ordens severas. Nada conseguiu.

Altas horas da noite, aí vereis as plenipotenciárias da luxúria percorrendo as ruas de Lisboa à cata de mãos que as dispam e de braços que as abracem e rancho de bêbados que ora querem acender o cigarro na lua, ora se espojam nas calçadas como em colchões de espuma.

O ANTONIO MARIA. Lisboa, 3 out. 1893. A. 9. N. 387. p. 2.



UM NOVO PAPEL PARA A MULHER?

A imprensa caricata lisbonense começou a absorver os avanços femininos da época. Sem deixar a perspectiva humorística de lado, o *Pontos nos ii* mostrava uma verdadeira troca de papéis em meio a homens e mulheres, cada qual, à medida que o tempo passava, se aproximando mais das funções anteriormente desempenhadas pelo outro, sendo prevista a progressão de tal processo para a virada do século.

A RESPEITO DOS LICEUS FEMININOS

1850

Há 40 anos era o marido que sabia ler, escrever e contar; a mulher sabia fazer meia, botar uns fundilhos e condimentar uma açorda.

1875

Ele sabe filosofia, matemática, física, química, astronomia, grego, sânscrito, etc., etc., mas tem uma dispepsia e a vista muito curta.

Ela só sabe tocar piano e vestir-se à moda.

1900

Ela sabe imenso: matemática, geometria plana e sem ser plana, introdução à história natural e sem ser a natural, grego, latim, línguas mortas e vivas e *muchas cosas mas*.

Ele é muito bonito e sabe fazer crochê, bordar e coser à máquina.

Daqui a alguns anos isto é que é quase certo: – trocam-se as cenas.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 9 ago. 1888. A. 4. N. 169. p. 8.



Em um texto ilustrado por algumas gravuras, na seção denominada “De raspão”, o *Pontos nos ii*, em um misto de prática bem humorada e matéria noticiosa, fazia referência ao novo papel da mulher na sociedade. O elemento catalisador da narrativa estava ligado ao surgimento de uma “protuberância córnea” na testa de uma moça norte-americana. E a história se desenvolvia apresentando desde uma possível traição do consorte da jovem estadunidense,

em viagem, e passando pela admiração em relação aos avanços que as mulheres estariam conquistando.

DE RASPÃO...

Uma menina de Nova York, desembaraçada e gentil como uma verdadeira americana, namorava há coisa de seis anos um rapaz do comércio – índole séria, sóbria, correta – com o qual tencionava casar, apenas a viagem deste terminasse. Nunca o procedimento do moço despertara no coração da americana a menor suspeita de infidelidade: senão quando há dias, entra a formosa a queixar-se de dores fulgurantíssimas na testa, e uma espécie de tumor em forma de cone, duro e crescente, começa a bocelar-se-lhe, no sítio onde pouco mais ou menos rebentam os apêndices aos bois. Sobressaltada do caso, a pobre refugia-se então o consultório de um grande operador, que tateia a bossa, cloroformiza a doente, faz incisão em cruz para operar...; e perdido sangue, o osso coronal da enferma posto a descoberto, reconhece o perito com pasmo, que a protuberância era córnea, e que a extirpação dela necessariamente poria em risco a existência da operada.

Não era já tanto o horror da deformidade, que impelia a mágoa da rapariga, pelas campinas sem fim do desespero – senão o sobressalto de que o chifre latente na sua testa de neve, fosse prenúncio, quem sabe! da escandalosa frescata em que o namorado lhe andasse lá fora, por aquelas imundas cidades europeias...

Reconsiderando no fato, vê-se a natureza trazendo contraprovas palpáveis à eterna questão da identidade entre os dois sexos – a mulher, reintegrada de ora avante na sua categoria de ser tão perfeita como o

homem, orgânica, social e cornijeramente considerando – o homem, abatido enfim da orgulhosa prosápia que o fazia considerar-se rei da criação, animal superior por excelência, e só num momento de capricho ou de desejo erguendo a si a companheira que Deus lhe preparou de uma costela.

Entre mulher e homem, nenhuma diferença mais de ora em diante... além daquelas encantadoras diferenças que, já se vê, Deus pôs de guarda à perpetuidade das gerações.

O chifre pois que humilha o homem, à face da moral, vai dentro em pouco fazer a fortuna política da mulher.

Adão não será mais a única besta cornijera do adultério, que o mundo antigo conheceu. Partilhará com Eva enfim este maravilhoso dom de realeza, retribui-lo-á com igualdade e fraternidade, dando em troca à mulher, como é justiça, os cargos científicos e sociais de que até hoje fazia monopólio.

E que graça alada e demoníaca não há de ter uma cabecinha loira de recém-casada, espirituosa, cheia de frescura, e com dois chavelinhos agudos sobre a fonte!

Que infinitas *coquetteries* não vão elas tirar de mais este encanto, embolando-o de tules e plumagens, incrustando-o de anéis, pingentes, fios de pérolas, e pequeninos focos elétricos que cintilarão nas noites de baile, como outros tantos faróis guiando aos portos francos do amor, os navegantes pouco atiradiços. Porque na mulher, o chifre – entendamo-nos – não vai ser o galho adusto que faz dos maridos, como que uns Hamlets grotescos da lezíria, mas uma espirituosa excrescência mefistofélica, erguida sobre a fronte, como um ponto de admiração pela beleza, ou como um ponto de interrogação, pela virtude. E que renovações essa excrescência

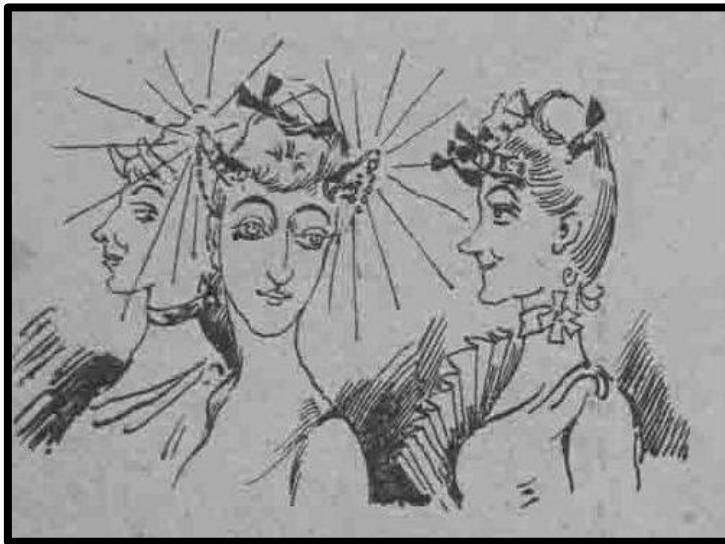
virá trazer à arte da galanteria! Acercando-nos de uma dama, não mais diremos a caricata frase, por exemplo:

- Tenho a honra de pôr aos pés de V. Exa. as minhas homenagens.
- Mas, engastando o monóculo no orbicular:
- Seja-me permitido, senhora, pendurar nos chifres de V. Exa., como duas belas esmeraldas, as efusões da minha mais sincera admiração...

Ora, como o advento do chifre à cabecinha da mulher, vai restabelecer as pegas outra vez, embora as autoridades tentem opor-se, daqui gritamos ao sr. Carlos Testa, parafraseando o Cristo: – quem nunca se sentiu moço do forcado, atire a estes bois a primeira... pega.

PONTOS NOS ii. Lisboa, 21 jun. 1889. A. 5. N. 214. p. 3 e 6.





Uma “Crônica” publicada pelo *Antônio Maria* também misturava o jocoso e o noticioso, também abordando o que seria mais uma evolução do papel feminino. Dessa vez, despertava admiração do jornal, a possibilidade das mulheres atuarem como espiãs. Texto e desenho montavam uma trama da qual participavam não só as potenciais agentes secretas, como também policiais, alguns políticos da época e até o “Zé-Povinho”, criação marcante que designava o conjunto do povo português.

CRÔNICA

Que me dizem a esta? Não acabo de ler num jornal a notícia de que o governo fez chamar *algumas damas* ao serviço de espionagem? Que tal, hein?

Bonita situação em que o sexo forte se encontra neste país! Vá lá agora um homem fiar-se numa mulher! Até agora eram os franceses que nos diziam: “*Souvent femme varie, bien fol est qui s'y fie!*”. Mas hoje acrescentamos nós, os portugueses, que, mesmo sem que ela varie, é tolíssimo o cidadão que nos seus encantos se fiar!

Passeia um esbelto mancebo pela Avenida, vê uma menina de olhar terno e meigo, ressendendo as mais puras fragrâncias, catrapisca-a, mostra-lhe uma carta, ela faz sinal de que a aceita, ele entrega-lhe, ela recebe-a, e parte ansioso por saber que efeito produzirão naquele peito amante as palavras apaixonadas que lançou sobre o papel! Idiota! Refinadíssimo idiota! Em vez de lê-la a ocultas no seu quarto, comovida, apaixonada e palpitante, ela vai direitinha ao governo civil entregá-la ao juiz Veiga, e quem a lê é o Ferreira ou o Sacarrão! Pateta! Imaginou que

escreve à querida Elisa, ou à adorada Carolina, e a quem escreveu foi à polícia secreta!

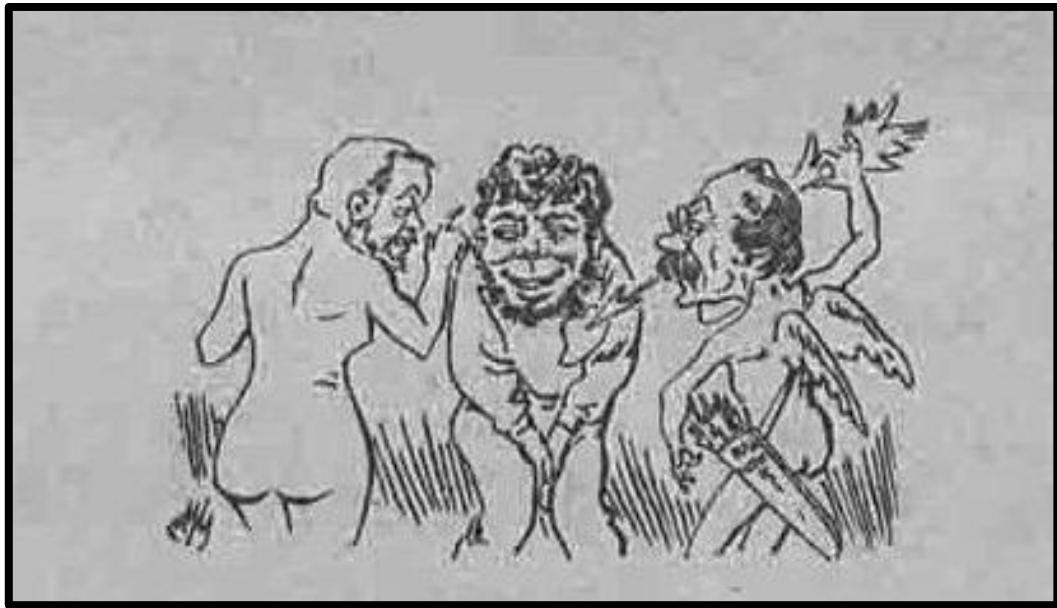
Outro, no teatro, senta-se ao lado de uma pecadora, que no capítulo tentação mete num chinelo a mãe Eva, serpente & Cia, atira-se, ela dá-lhe trela, mete conversa, e ao findar o espetáculo sai todo voluptuoso a sentir o contato do apetitoso braço da sua companheira, julgando que vai entregar-se nos braços do amor! Pedaço de asno! Vai, mas é entregar-se nos braços da Instrução Criminal!

Aquele, trêmulo, com o coração, tic-tic, tic-tac, sobe as escadas do prédio onde mora a mulher que por tanto tempo lhe resistiu, e que, calcando agora aos pés honra e deveres conjugais, lhe concede finalmente a suspirada entrevista! Refinadíssimo tolo! Pois não vês debaixo da *chaise longue* o 314, encolhido, à escuta, por detrás do reposteiro o 215 todo ouvidos, e oculto pelos cortinados do leito o 416?! Imaginas que ela te recebe pelos teus lindos olhos? Enganas-te! Toda ela é juiz Veiga. Seio a arfar, braços, pernas, sorriso, olhos, lábios, tudo é da secreta! Não está ali faltando a um dever por tua causa! Está cumprindo um dever por causa do sr. José Luciano, e à ordem do juiz Veiga!

Ah! que muito bem fez o sr. João Chagas em se safar deste país! Quem poderá hoje aqui viver, se até o sr. José Luciano se transforma em cupido, e o sr. juiz Veiga em Vênus para nos enganarem! Até ao coração do país penetra este governo!

O ANTONIO MARIA. Lisboa, 10 abr. 1898. A. 14. N. 469. p. 2.





Mas as visões quanto aos avanços femininos, na forma de pilhória e/ou de notícia, foram ainda muito limitadas nas páginas da caricatura lisbonense. A perspectiva mais usual permanecia a não fazer apreciações as mais louváveis sobre as mulheres. Foi o caso de um desenho acompanhado de versos, nos quais Santo Antônio, popularíssima santidade no âmbito luso, teve de enfrentar uma tentação diabólica. Em síntese, a mulher era ainda mostrada como a figura sensual que tentava o homem e, mais do que isso, a folha concluía a estória, associando a imagem feminina à do diabo em pessoa, ou seja, a mulher se transmutava em demônio.

A VIDA DE SANTO ANTÔNIO

A tentação

I.

Santo Antônio merencório,
À carteira, num recanto,
Estudava o latinório
Como que a gente se faz santo.

II.

Para tentar o santo e crente
Que lê coisas da doutrina,
Surge um dia, de repente,
Uma esbelta bailarina.

III.

Fala a bela em terno gozo,
Tão brejeira e tão travessa,
Que o santinho, de nervoso,
Põe-se a coçar a cabeça!

IV.

De chegar-se e mais chegar-se
Tanto se chega por fim,
Que o santinho – por disfarce –
Mete as ventas no latim...

V.

Sobre o santo se debruça,
Mil carícias faz e diz,
Tira ao santo a carapuça
Arrebita-lhe o nariz...

VI.

E depois, em gesto belo,
Faz um *passo* tão ladino,
Que metia num chinelo
Três mil *passos* do Justino!

VII.

Tendo ao santo feito espanto,
De dançar enfim repoisa,
E agarrar-se vai ao santo
Como quem não quer a coisa.

VIII.

Mas o santo, ao notar isto,
Cai em si... diz que não quer...
- Cruz por cruz, antes de Cristo
Do que a cruz de uma mulher...

IX.

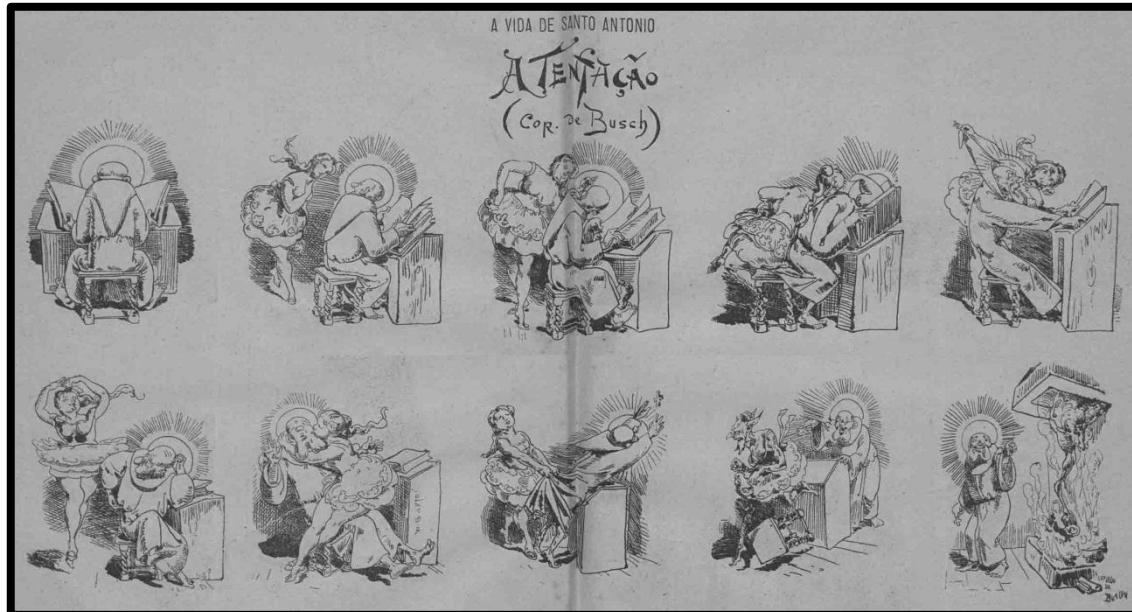
Vendo a cruz que o santo mostra
Foge a bailarina à toa,
E fugindo logo mostra

Ser o Demo – ele, em pessoa!!!

X.

Vendo assim que a rapariga
Era o Demo – um machacaz –
Diz-lhe o santo, a fazer figa:
- *Vade retro, Satanás!*

PONTOS NOS ii. Lisboa, 14 jun. 1889. A. 5. N. 213. p. 4-5.



REVISTA ILUSTRADA

A MULHER, A MODA E A APARÊNCIA

Segundo a *Revista Ilustrada*, o apego feminino aos cuidados com a aparência poderia levar até mesmo a problemas familiares. Foi o caso de um conjunto de caricaturas, verdadeira “história em quadrinhos”, que tão típica era da *Revista* mostrando uma situação familiar na qual o pai bradava contra as filhas por atrasarem a saída de todos pela ampla demora no penteado. Depois disso, saíam e apanhavam um bonde lotado, surgindo vários contratempos. A estória continuava com uma série de confusões e desventuras da família, envolvendo uma caminhada, um encontro com indivíduos portando bisnagas com as quais todos foram molhados, gerando uma altercação que levou o chefe da família à prisão. A moral da estória era que a vaidade feminina poderia acabar por trazer contrariedades de toda a ordem.

- Com efeito! Ainda não estão prontas?! Eu só quero ver como há de ser com os bondes!

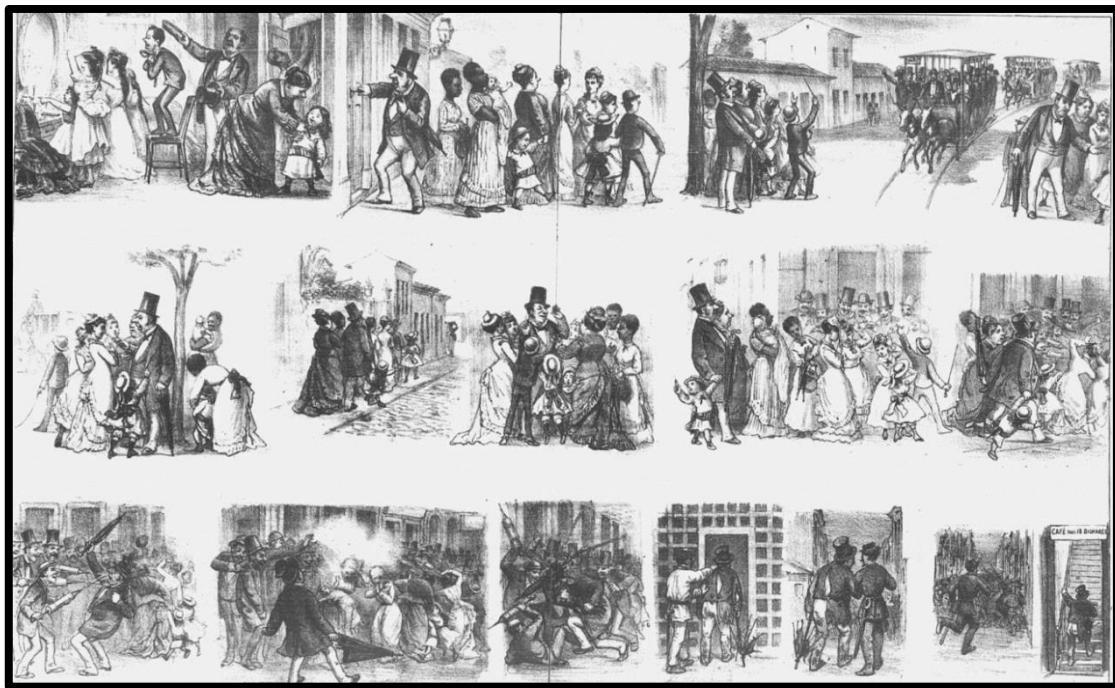
Afinal saímos todos, mulher, quatro filhas, três meninos, a ama e outra rapariga moça que não achei prudente deixar só em casa;

E muito alegre e satisfeitos, esperando pelo primeiro bonde.

- Cheio! E todos os mais que se seguiam, cheios também!

- Eu não disse?... Vocês levaram mais de duas horas para se pentear...

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 1º mar. 1879. A. 4. N. 152. p. 4-5.

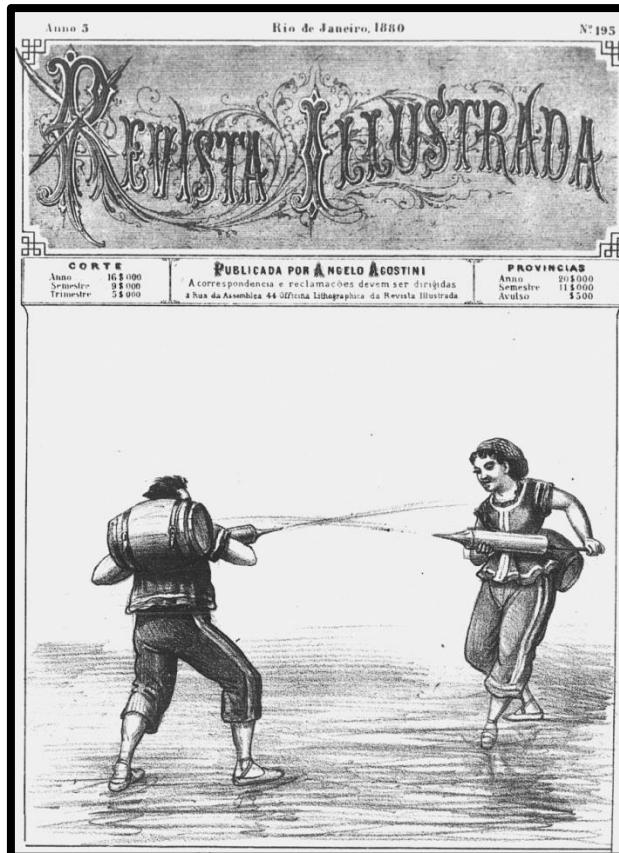


Tradicionalmente o carnaval consistia-se em um período de certas liberdades, inclusive em relação aos rígidos padrões morais de então. Foi isso que revelou caricatura publicada na primeira página da *Revista Ilustrada*, mostrando um casal brincando alegremente. O detalhe era estarem ambos em trajes de banho, alusão direta ao calor característico daquela época do ano no Rio de Janeiro, bem como ao uso das bisnagas, brincadeira típica do carnaval de então, utilizadas para que as pessoas se molhassem umas as outras. Além disso, ambos usavam um pequeno barril às costas, para permitir o abastecimento das bisnagas e a continuação da brincadeira. A liberalidade para os trajes, notadamente os femininos tanto poderiam ser uma constatação quanto um julgamento moral de

parte do periódico caricato, ao explicar na legenda que aquele seria o figurino para as próximas festividades carnavalescas.

Figurino para o próximo carnaval de 1881.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 14 fev. 1880. A. 5. N. 195. p. 1.



Em um engraçado jogo de palavras, a *Revista* associava a crítica social a de costumes, mostrando um indivíduo reclamando dos preços da comida em um restaurante. Em seguida mostrava a cena de um casal enamorado, na qual o homem entregava um estojo à mulher, revelando tratar-se não de uma joia de pedrarias ou metais preciosos e sim de um vegetal alimentício. Finalmente, na referência direta à moda, o periódico mostrava que os legumes estariam tão valorizados que passariam inclusive a enfeitar os chapéus oriundos da alta costura.

- O que! Vinte mil réis uma omelete? Dez mil réis uma salada?
- Meu caro senhor, hoje os legumes estão por um despropósito.

- Brincos de rabanetes!
- Eles estão hoje por tal preço que não podia dar-te joia de maior valor.

- Consta que as principais modistas do Rio de Janeiro vão enfeitar chapéus com legumes.

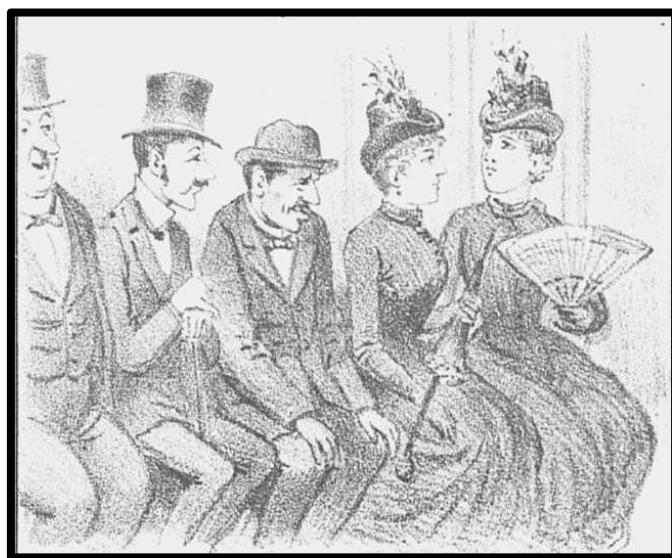
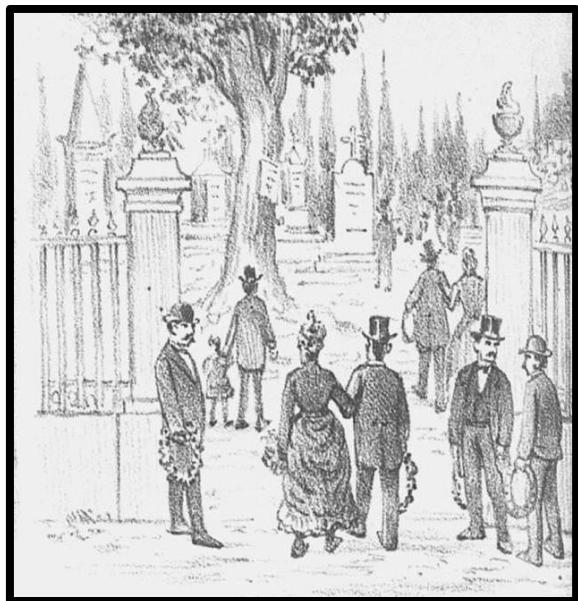
REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 17 out. 1885. A. 10. N. 419. p. 8.



Outra data apresentada na *Revista Ilustrada*, destacando a figura feminina foi a de Finados. A folha lembrava os costumes ligados à ocasião de reverência aos mortos, com a passagem de um dia mais reflexivo, de quietude e absorção em recordações, além das tradicionais visitas aos cemitérios. Em meio a tanto circunspecção, a imagem da mulher acabava aparecendo como um ponto diferencial, atentando o jornal para a sedução feminina em relação aos homens que lançavam olhares cobiçosos para as moças, bem como havia referência à moda, ao apresentar as vestes de luto como um acréscimo de charme.

Em compensação, também, quantos olhares cruzando-se e descansando em alguns rostinhos sedutores, a que o luto dava um chique especial...

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 11 nov. 1888. A. 13. N. 521. p. 4.



Os conceitos e padrões de beleza também ficaram expressos nas páginas da *Revista* que apresentava uma visão preconceituosa quanto às mulheres acima do peso considerado convencional. Nesse sentido, a folha descrevia as conferências proferidas por um romancista, uma delas sobre o melhor modo de pescar baleias, o que despertara pouco interesse. Segundo o jornal caricato, aquele desinteresse advinha do fato das baleias brasileiras serem diferentes, em direta alusão à gordura de uma mulher, como o próprio bobo da corte aparecia a explicar.

As nossas baleias são um pouco diversas e pescam-se de outro modo.
REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 22 nov. 1879. A. 4. N. 185. p. 8.



As regras de etiquete que deveriam influenciar até os hábitos alimentares se fizeram presentes na revista semanal. A cena construída era a de um jantar de gala no qual um cavalheiro sugeria um alimento leve a uma dama. Ela chegava a balbuciar o pedido de um prato mais substancioso, obtendo por resposta que tal tipo de comida era destinada exclusivamente para o sexo masculino.

- V. Ex. deseja algum sorvete?
- A vista do jantar abriu-me o apetite... prefiro antes uma coxinha de gal...
- Ah, isto é só para os homens, minha senhora.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 2 set. 1882. A. 7. N. 314. p. 8.

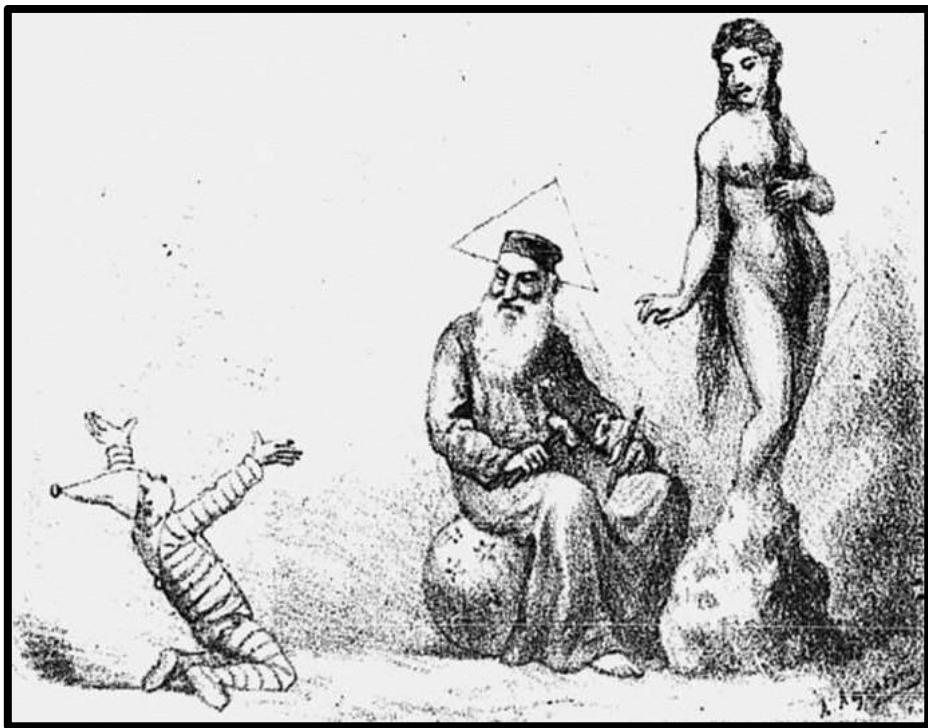


A beleza era ressaltada como ponto essencial na percepção do feminino, como a *Revista* o fez ao referir-se às formas perfeitas e as graças das bailarinas. Nessa linha, aparecia o bobo da corte a reverenciar a figura divina do criador, elogiando-o e agradecendo por sua iniciativa na criação da mulher, considerada como uma “obra”, ou ainda como uma “coisa” incomparável, que sobrepujava qualquer invenção humana.

Mas o que realmente nos enche as medidas são aquelas bailarinas, aqueles corpos esbeltos, aquelas formas graciosas, aquelas penas que chegaram à altura de um precipício, aquelas... basta! (...)

Confessamo-nos devoto fanático da bela Eva e das suas descendentes. Sim, grande escultor do universo, excelso dos excelsos, por mais que façam os mortais com as suas descobertas e invenções, nunca chegarão a produzir coisa que se compare com a mulher, tua obra!

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 14 jul. 1883. A. 8. N. 348. p. 8.



Uma caricatura simples em termos de traços mostrava mais uma vez a admiração masculina pelas mulheres bem vestidas. Ao chegar ao final do ano e com a aproximação das festividades típicas de tal época, apareciam duas figuras femininas como alvos de cobiçosos olhares masculinos.

Afinal, tudo se arranja e as moças saem para a rua chiques, encantadoras, arrancando bravos de admiração. Festas... de todo o gênero.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, nov. 1894. A. 19. N. 667. p. 8.



A cobiça masculina em direção às belezas feminis eram retratadas mais uma vez na *Revista Ilustrada* ao mostrar uma cena que se passava em meio ao extremo calor carioca, perante o qual os homens penavam com a tórrida intempérie, suando por causa dele e, ao mesmo tempo, "derretendo- diante de uma arrebatadora dama, com seu leque e vestido de verão, de generoso decote.

Felizes os que com este calor apenas de derretem quando veem passar alguma beldade... a *um metro* de distância.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, mar. 1895. A. 20. N. 680. p. 4-5.



A moda aparecia em seu esplendor nas páginas da *Revista*, ao apresentar figuras femininas em trajes ligados à alta costura. O periódico ressaltava que, naquele momento, ocorriam os reflexos da saída do período da quaresma, cujos hábitos comportamentais eram todos vinculados à circunspecção, ao passo que, encerrado tal interregno, as mulheres poderiam abandonar suas vestes mais discretas e lançarem-se novamente aos modismos e encantos que enfeitiçavam os homens

O belo sexo livre das roupas pretas exibe os seus encantos e toaletes. Ah!
seus peixões!...

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, abr. 1895. A. 20. N. 682. p. 5.



A aparência feminina era julgada pela *Revista Ilustrada* também em relação ao quesito idade. Através de versinhos e simples clichês gráficos, o periódico mostrava as lamentações de um homem que escolhera uma esposa de acordo com os padrões de beleza da época, mas com o passar do tempo, ele acompanhara as modificações inerentes ao avanço da idade e não parecia satisfeito com o fato de sua esposa, aquela altura, ter ficado mais parecida com a sua sogra e não com a figura que casara originalmente.

Tempora Mutantur

Quando nos casamos era
Magrinha, débil, franzina.
Valia uma primavera
A extraordinária menina

Que encanto, quando passava
Pisando como uma ave.
Logo atrás a acompanhava
A velha, com modo grave.

Hoje, quem a viu outrora
Reconhecê-la não logra:
Tem ela o mau gênio agora
E o olhar de minha sogra.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, abr. 1895. A. 20. N. 683. p. 3.

TEMPORA MUTANTUR



Quando nos casamos era
Magrinha, debil, franzina.
Valia uma primavera
A extraordinaria menina



Que encanto, quando passava
Pisando como uma ave.
Logo atras a acompanhava
A velha, com modo grave.



Hoje, quem a viu outr'ora
Reconhecel a não logra :
Tem ella o mau genio agora
E o olhar de minha sogra.

Em outro uso de um clichê tipográfico o hebdomadário carioca traçava um paralelo entre a questão da aparência e do caráter. O ambiente era um balneário onde dois homens conversavam sobre a esposa de um terceiro. Por um lado eram apontados os atributos físicos da mulher, ligados à velhice e à feiura, por outro, as suas qualidades morais, vinculadas à seriedade e aos princípios. Ao pesar tais fundamentos acabava por prevalecer a questão da estética sobre a da índole.

Na praia de banhos:

- É a mulher do conselheiro que lá sai da água?
- É. É ela mesma, está mais velha.
- Está, mas como é feia!
- Ora, isto ela sempre foi; mas dizem que é séria, que tem princípios muito sólidos...
- Com tal cara, é um simples luxo.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, maio 1895. A. 20. N. 684. p. 6.



Na praia de banhos:
—E' a mulher do conselheiro que
lá sae da agua?
—E'. E' ella mesma, está mais
velha.
—Está. Mas como é feia!
—Ora, isto ella sempre foi; mas
dizem que é séria, que tem principios
muito sólidos...
—Com tal cara, é um simples
luxo.

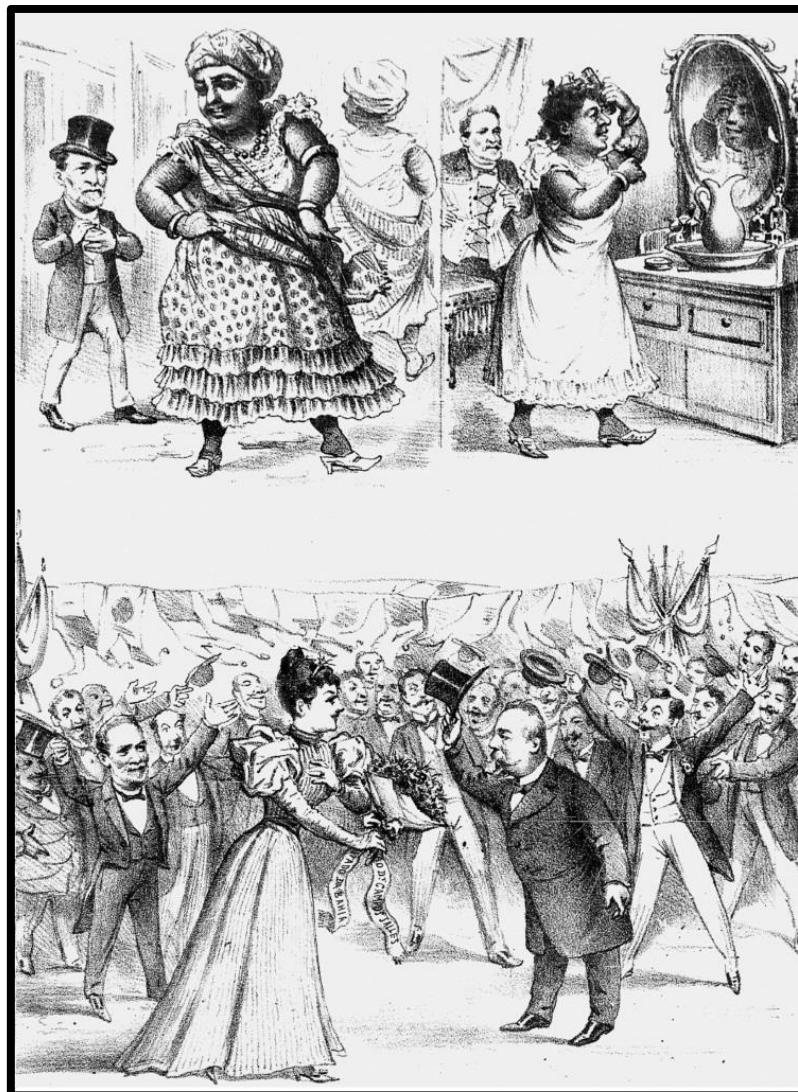
A primazia dos padrões de beleza da época nas páginas da *Revista Ilustrada* muitas vezes beirava ou incorria no preconceito, chegando até mesmo ao extremo do racismo. Por mais que tal periódico tenha sido um dos mais ardorosos defensores do abolicionismo, nem por isso olhares racistas deixaram de aparecer em suas páginas. Foi o caso de uma mulher negra, mais especificamente uma baiana (ou ainda a Bahia como um todo, uma província, depois estado, com forte presença da etnia negra), que era “embelezada”, com a colocação de espartilho e alisamento de cabelo, entre outros, até transformar-se em uma mulher branca e esbelta para “deleite” dos homens públicos.

As más línguas referem-se à Bahia como um fazendão da cor do café com leite e sempre requestada por inúmeros admiradores.

Para receber o sr. Campos Salles, porém, ela recorreu ao seu toalete, e, oh! poder da arte! A transfiguração foi completa. O Luiz Vianna quase desmaia... de contentamento.

E logo após apresenta-se para receber o presidente eleito, com um chique extraordinário, fascinante, arrebatador, conquistando o recém-chegado, que fica mesmo pelo beicinho. Um delírio... O Luiz Vianna quase morreu de alegria.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, ago. 1898. A. 23. N. 739. p. 4.



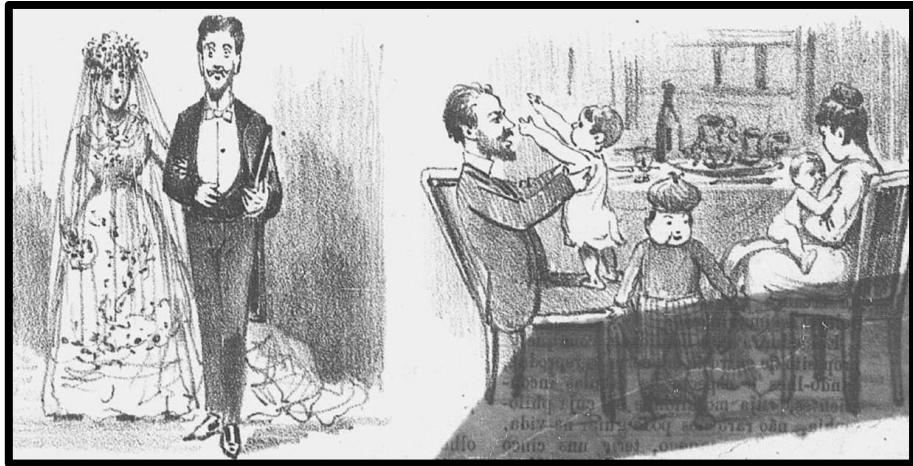
O CASAMENTO: DO INTENTO DOURADO ÀS DESILUSÕES DA VIDA A DOIS

A concepção de que o casamento era o caminho inevitável para todos ficava evidenciada quando a *Revista*, referindo-se à época de finados, acabava por indicar que qualquer situação seria sempre uma oportunidade para o matrimônio. Nesse sentido, concomitantemente às visitas aos cemitérios, o periódico demonstrava que ali mesmo já poderia nascer o flerte, levando deste ao namoro e ao casamento, com o nascimento dos filhos e a constituição da família. Tudo era considerado como um processo de normalidade, quase que como um ciclo da vida – da morte ao nascimento.

Era preciso preencher esses claros, e na volta do cemitério já contemplamos certos olhares por demais casamenteiros, e que, com certeza, darão este resultado.

O que vale é isto: quando uns acabam, outros começam, e com tal entusiasmo que parecem recear que o mundo se acabe.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 11 nov. 1888. A. 13. N. 521. p. 5.



A perspectiva do casamento como a meta fundamental da vida de uma mulher também se fez presente nas páginas da *Revista Ilustrada*. Nessa linha, a busca quase desesperada por um matrimônio, colocado acima de tudo dentre as pretensões femininas foi recorrente nas caricaturas do semanário. Ainda à época imperial, chegou a tramitar no parlamento nacional um projeto que visava estimular os casamentos, como forma de promover a densidade demográfica, determinando a cobrança de um imposto extra para os homens solteiros. O periódico não teve dúvidas em representar uma moça casadoira, jogando Santo Antônio – tradicional santo casamenteiro – ao lixo e adorando, em seu lugar, a imagem do político que propusera o projeto.

O novo Santo Antônio padroeiro dos casamentos, o Cons. Martim Francisco.

Qual é a moça que deixará de ter a devoção para este novo santo, autor do imposto sobre os solteiros?...

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 10 maio 1879. A. 4. N. 160. p. 1.



A agonia em torno da necessidade do matrimônio para a mulher foi representada ainda pela *Revista* ao mostrar um casal de pais, observando pela janela a aproximação de uma numerosa família. Eles viam ali um potencial casamento para suas filhas, mas lamentavam que elas estivessem ausentes. A mãe parecia a mais desesperada ao ver aquela tamanha perda de oportunidade.

- Ai vem a família Pitada; 15 pessoas!
- Misericórdia! E nem uma rapariga em casa!...

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 18 ago. 1888. A. 13. N. 510. p. 8.



Em mais uma “história em quadrinhos” o periódico narrava os acontecimentos em torno da vida de uma moça de reconhecida beleza. Ela ganhara concursos e despertara a cobiça de vários homens. A conclusão da estória não poderia ser outra, de acordo com os padrões sociais e morais de então, ou seja, ela acabaria por casar-se, seguindo aquele que seria o caminho natural e esperado.

E tudo isso, afinal, para a gente daqui a pouco tempo ter de dar parabéns a um ratão qualquer que a pedir em casamento e que a ela se unir pelos sagrados laços do himeneu!...

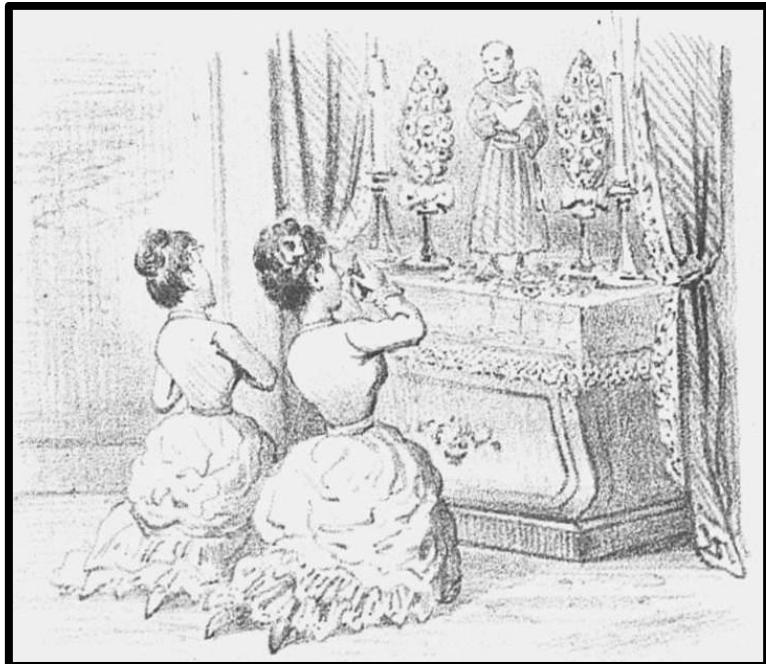
REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 21 nov. 1888. A. 13. N. 524. p. 4-5.



A pressão em torno de conseguir um casamento como uma meta fundamental na existência feminina foi mais uma vez apresentada pela revista semanal quando, em plenas festas de final de ano, o periódico saudava seus assinantes, renovando os votos de felicidades. Enquanto externava os votos de bem-aventurança aos assinantes, casados, solteiros ou viúvos, para as leitoras, desejava apenas um bom casamento. Na caricatura, duas moças, devotadamente, rezavam para conseguir um marido.

Às moças, que tanto apreciam a *Revista*, desejamos que os santos das suas devações façam muitos milagres, em assunto casamenteiro.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 29 dez. 1888. A. 13. N. 529. p. 4.

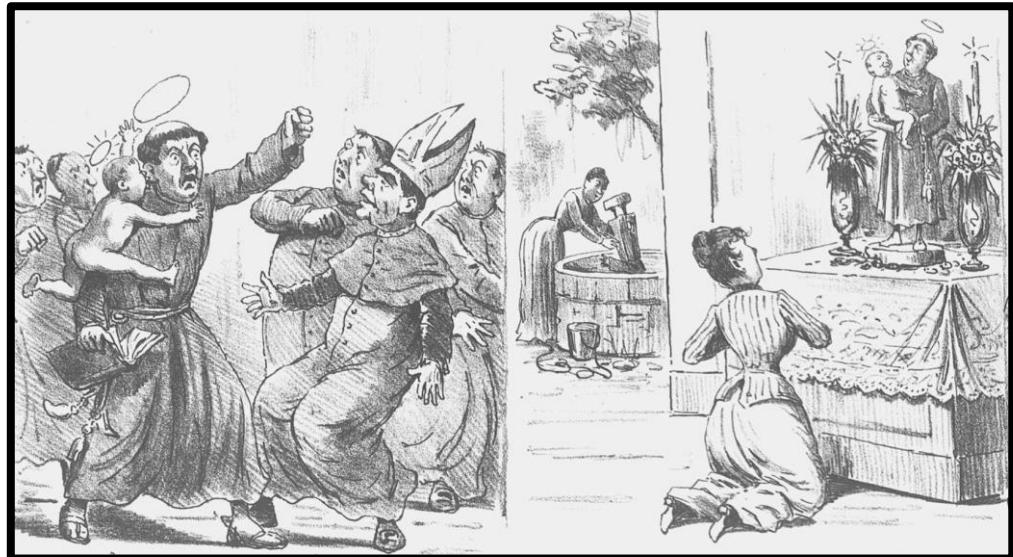


O apelo às entidades santificadas voltava à baila nas páginas da *Revista Ilustrada*, por ocasião das festividades de Santo Antônio, apresentando-o muito insatisfeito e reclamando dos clérigos em relação à pouca repercussão das festas

em sua homenagem, com especial referência ao pouco foguetório alusivo à data. Por outro lado, o periódico mostrava que o santo ainda continuava em alta, ao menos com as mulheres que pretendiam casar. O desenho destacava o tradicional ato de colocar-se a imagem de Santo Antônio de cabeça para baixo, “afogando-o” e ainda a devoção pela qual uma “solteirona” rezava na eterna busca pela sua cara-metade.

O que lhe vale é ainda ter muita cotação no mercado das solteironas.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 21 jun. 1890. A. 15. N. 593. p. 4.



O tema dos casamentos arranjados era outra realidade em relação aos matrimônios retratada pela *Revista Ilustrada*. Em mais um conjunto de caricaturas a folha mostrava o casamento de um homem com uma moça bem mais jovem, quase uma criança. A mãe da noiva, em razão da sua tenra idade, acabava por tentar intrometer-se na relação, ainda durante a festa. Como conclusão, o noivo dava uma “garfada” na sogra, aquela que tantas e tantas vezes foi qualificada pela maioria dos jornais, ao tratar do tema, como a maior vilã da vida familiar.

Referem vários jornais as peripécias de um novo casamento tumultuário. O noivo, como outro qualquer, pede e obtém a mão da sua dulcineia, que conta apenas treze anos, unindo-se os dois pelos sagrados laços do himeneu.

Regressando aos festivos lares, a sogra faz saber ao genro que ele e sua mulher não poderão estar, nem juntos, nem só... senão daí a três anos.

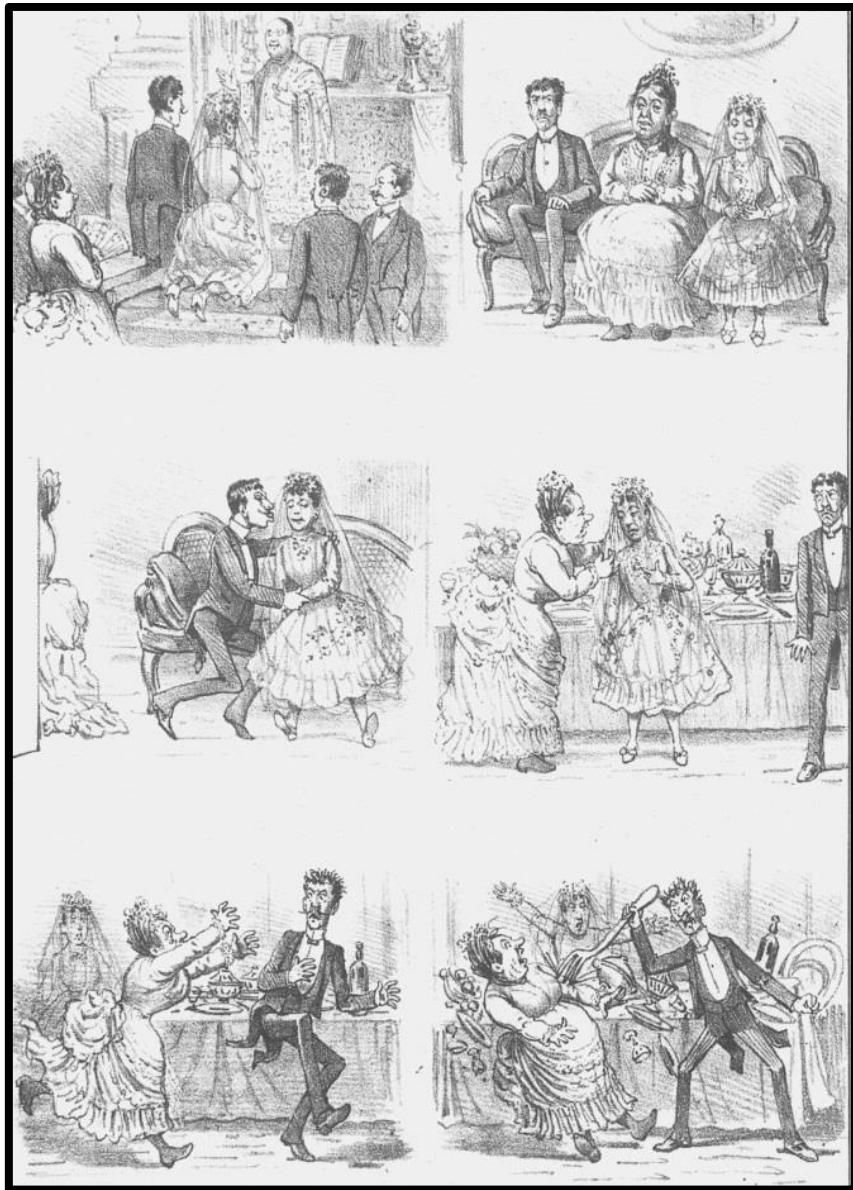
O genro fica furioso, mas finge resignar-se e, aproveitando uma ausência da sogra, estala um rechonchudo beijo nas faces da sua tão problemática esposa.

Esta quase desmaia e corre em grande alarido a fazer queixa à mamãe...

A sogra fica uma víbora, avança para o genro, insulta-o, chama-o de libertino, o diabo! Ora, já se viu?

Mas a raça dos genros não está degenerada! Então, o genro decide-se a vingar a humanidade perseguida: empunha um garfo e reduz a sogra a uma simples empada. Hurra!...

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 2 mar. 1889. A. 14. N. 538. p. 8.



A *Revista* apontava também as incongruências da vida em família, mostrando uma cena comum, à época das festas de fim de ano, quando o homem tinha de encarregar-se da compra dos presentes e, uma vez chegando em casa, havia muita confusão. Diante disso, o periódico lançava uma reflexão quanto às paixões entre os casais, e as consequências que daí poderiam advir, terminando por maldizer a figura do cupido e os traiçoeiros caminhos que ele fazia as pessoas seguirem.

Estamos em plenas festas, o que é agradável para uns e terrível para outros.

Aí vai um pai de família carregado de embrulhos e que a muito custo consegue sentar-se em um bonde.

Chega em casa. Que alegria! Que festa!

E também que banzé.

O que vale é que não dura muito!

Tal qual as paixões. O sr. Cupido que também é criança, pega em um coração como quem pega em um boneco, afaga-o e depois...

E depois zás!

Oh! Os homens!!!

Dizem então as mulheres...

Oh!... As mulheres!

Dizem também os homens!...

Ah! Se pudesse agarrá-lo, quantos açoites!...

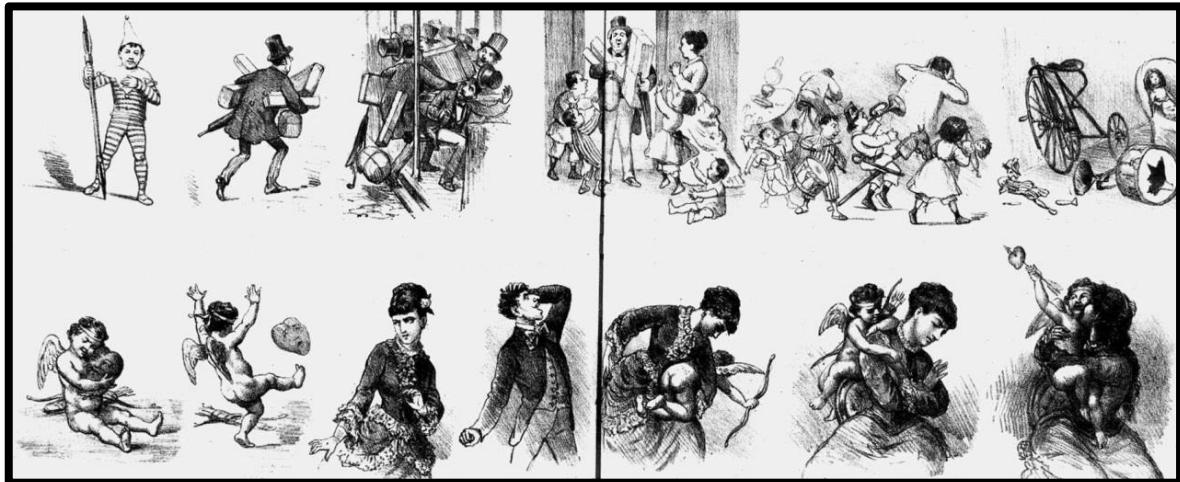
E, no entanto, algum tempo depois ele volta e...

- Não, não quero. Deixe-me!... Mas ele insiste o diabinho e...

E esta outra vez brincando com o coração da gente!

É dos diabos o tal sr. Cupido!

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 27 dez. 1883. A. 8. N. 365. p. 4-5.



Um conjunto de caricaturas iria demonstrar muitas das contradições que marcavam as inter-relações homem – mulher e o próprio casamento. O projeto do parlamentar que pretendia aumentar o número de casamentos voltava ao debate, mas, sobre o prisma do humor, a folha dizia que haveria interessados em leis que, ao contrário, aprovassem o divórcio ou ainda que promovesse a alforria em relação às sogras. Aparecia também um empregado negando um aumento, pois isso poderia fazer com que tivesse de se casar ou um pais perguntando ao pretendente se tinha condições de sustentar a sua filha. Com ironia, o periódico previa que o número de namoros iria crescer em todos os lugares, havendo também um incremento nos raptos, de modo que os pais teriam de aperfeiçoar os

sistemas de segurança nas casas. E finalmente chegava o casamento e, já à saída da cerimônia, o periódico mostrava o marido carregando pesadamente a esposa, cuja sombra indicava que, na verdade, ele estaria a carregar uma pesada cruz. Em seguida aparecia o homem preso pelo pescoço, pelos laços do himeneu, ele olhava pela janela, como que saudoso dos tempos de solteirice e tudo se agravava quando a sogra decidia apertar ainda mais a corda em torno de seu pescoço.

Precisamos aumentar a nossa população que é apenas de 11 milhões, quando ela poderia ser de 300 milhões de habitantes. Proponho pois o seguinte: Todo solteiro que ganhar mais de 2.400\$000 anualmente, pagará 500 rs.

Alguns casados propõem-se a pagar o dobro, se S. Ex. conseguir descasá-los, estabelecendo o divórcio.

Outros comprometem-se a pagar o quádruplo, se o Ex. Cons. fizer uma lei que os livre das sogras.

Estamos convencidos que S. Ex. lhes dará o mais amável dos indeferidos, (...) que essas leis não têm ainda o sol da oportunidade.

- Estou muito satisfeito com o seu serviço. Vou aumentar-lhe o ordenado.

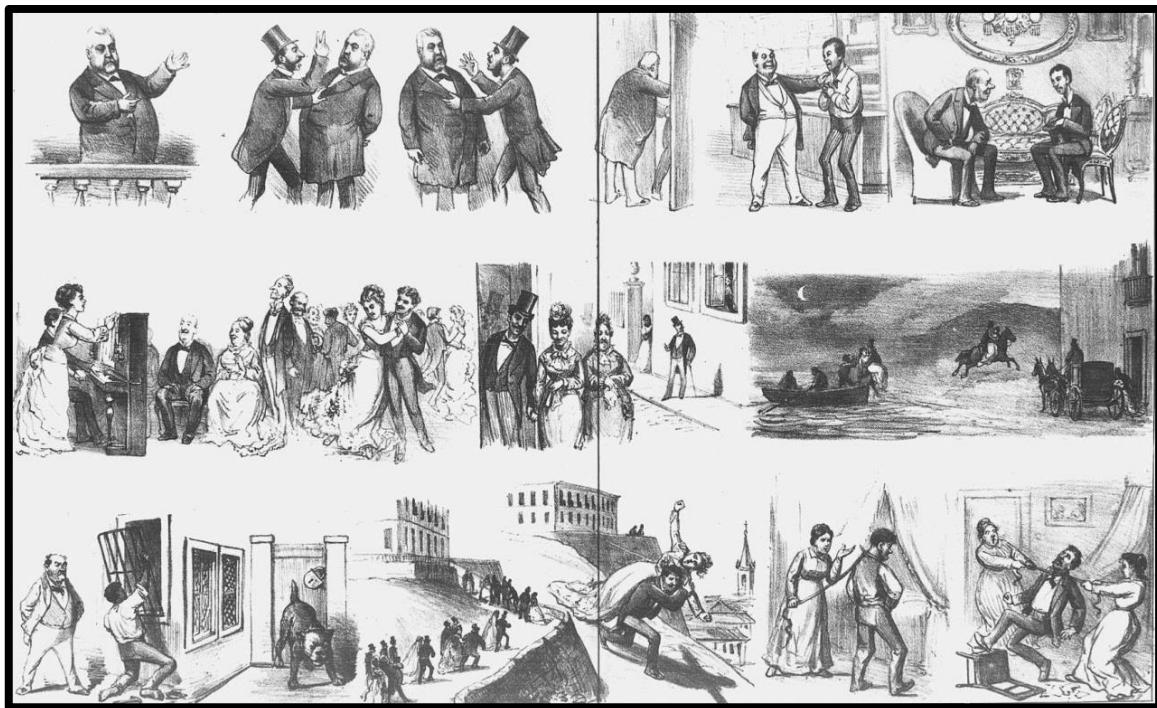
- Pelo amor de Deus! meu patrão não faça isso, senão vejo-me obrigado a casar.

- Então o sr. quer casar com minha filha... mas... quanto ganha o sr.?
- Duzentos mil réis por mês.
- E julga isso suficiente para sustentar mulher e filhos...
- Parece-me que sim. Ao menos assim o entende o Cons. Martim Francisco.

Os namoros vão aumentar de um modo espantoso nas soirées.

- Sinhazinha está hoje com a voz um pouco trêmula, não acha?
- É verdade... mas o sr. Juca também está acompanhando bem mal...
Nos bailes.
- Eu quisera que esta valsa nunca mais se acabasse.
Na rua.
Nas janelas.
Haverá raptos por mar e por terra; e de todos os modos e feitios.
Os pais tornar-se-ão ferozes. Grades de ferro serão postas em todas as janelas.
As antigas rótulas tornaram a reaparecer.
Os mais ferozes cérberos serão escolhidos para guarda das chácaras.
Apesar de tudo isso, haverá procissões constantes de noivos no morro da Conceição.
Morro que será chamado do Calvário por muitos maridos que reconhecerão mais tarde terem lá ido buscar a sua cruz.
Os sagrados laços do himeneu são muitas vezes terríveis laços!
E quando à mulher se junta a sogra? Isso então!!!

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 15 maio 1879. A. 4. N. 161. p. 4-5.



Na continuidade do conjunto de caricaturas, a *Revista* continuava mostrando as dificuldades das relações a dois, chegando à culminância das agressões físicas de parte a parte. Em seguida, a publicação caricata passava a debater a questão do casamento por amor ou por interesse. Apresentava desde a paixão entre os casais até os símbolos clássicos do romance, como corações alvejados pela flecha do cupido e pombos enamorados, mas também trazia a questão da materialidade, como a sobrevivência do casal e chegava à conclusão de que o vil metal era fundamental para a felicidade. A folha voltava à discussão inicial, relacionado ao projeto que visava o aumento no número de casamentos e concluía quanto ao erro da medida, pois o parlamentar estaria defendendo o

preceito bíblico do “crescei e multiplicai” e, em plena prática da crítica social, questionava para que tanto crescimento, se não para o agravamento da miséria.

Há alguns casais que *cheiram* a homem, e onde o chinelo ronca que é um Deus nos acuda!

Outros onde existe a mutualidade na maneira de se expressar, e pancadaria de criar bicho...

Todas essas cenas aumentaram de 80% devidas ao seguinte diálogo:

- Então o sr. casou-se comigo e pretende que hei de viver só de bananas?!
- Casei-me para não pagar impostos, e o ordenado não dá para mais...

A discussão esquenta-se dando lugar a intervenção do cabo de vassoura, ou outro traste semelhante.

O casamento deve ser um idílio eterno, no qual se conjuga o verbo amar em todos os tempos e de toda maneira o que... o que...

O que seria um tanto difícil de desenhar, limitando-nos apenas a representá-lo pela figura acima já muito conhecida.

Mas, para o himeneu ser assim bonito,

É preciso ter bastante disto, que também não tem nada de feio.

E isso só se obtém juntando vintém por vintém.

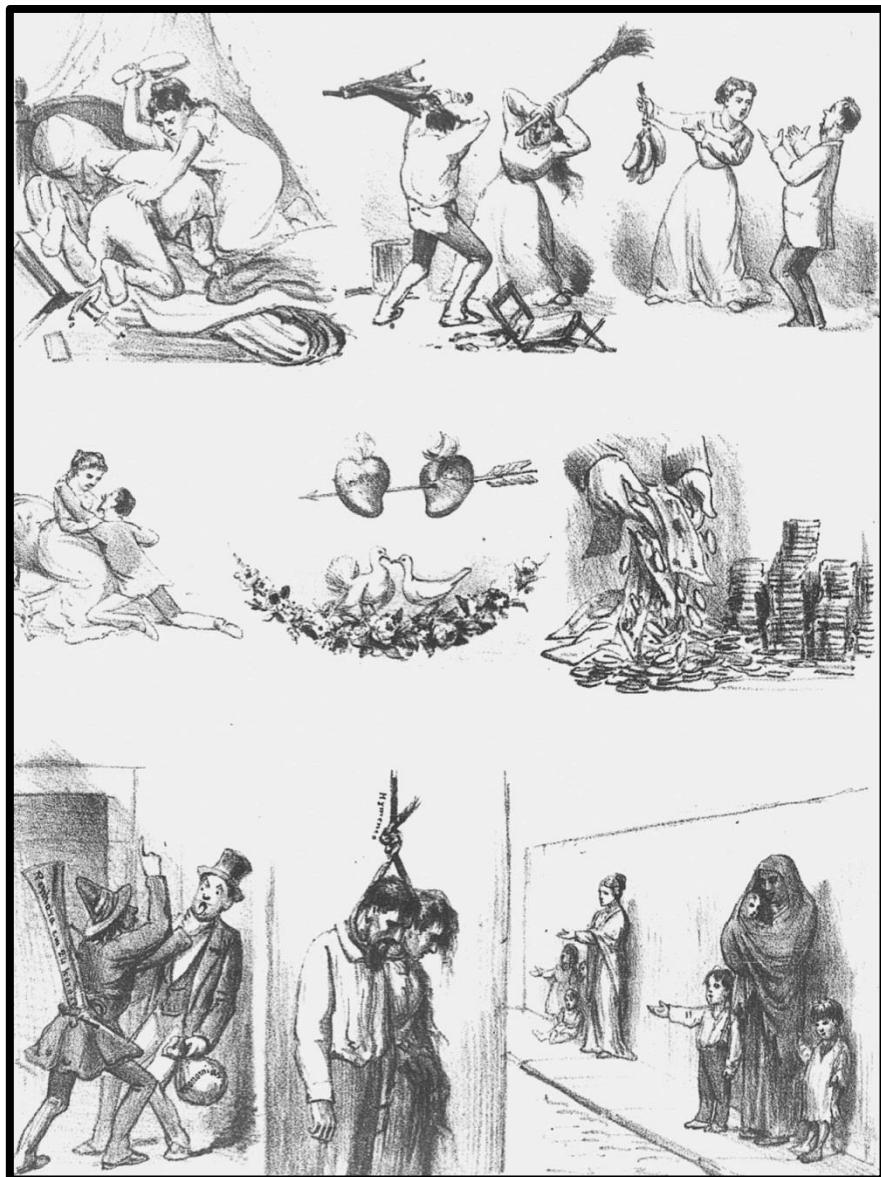
O fisco, exigindo 500 réis aos solteiros, rouba-os sobre as suas economias, verdadeira base do casamento feliz.

Ou os obriga, não tendo ainda bastante meios, a contrair um laço que lhes pode ser fatal.

Repetindo as palavras do Cristo, o Cons. Martim Francisco disse: Crescei e multiplicai-vos.

Crescer infelizes na pobreza? Multiplicar as misérias?!!!

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 15 maio 1879. A. 4. N. 161. p. 8.



O casamento era também mostrado pela *Revista* como uma instituição extremamente onerosa, o qual poderia agravar as questões em torno do custo de vida que assolava os brasileiros. Nesse sentido, a folha mostrava que medidas contraceptivas passariam a ser necessárias para evitar o aumento da prole. No caso, seria a adoção de uma divisória, verdadeiro divisor de corpos, entre marido e mulher, visando evitar contatos íntimos. Entretanto, o próprio jornal parecia não acreditar na medida, uma vez que os desejos carnais falariam mais alto. Diante disso, o bobo da corte sugeria que, na amamentação das crianças, além das tradicionais amas de leite, pudessem ser utilizadas outras opções, como o leite de vaca e o de cabra, bem como o leite condensado.

Imaginem um pobre homem como não ficará ao ver a sua cara metade tomando as proporções de três quartos!

Certas medidas serão adotadas. Não há outro remédio. – Boa noite maridinho. – Boa noite mulherzinha. ... Ah! Ah!!

Como não temos fé na eficácia desse remédio, temos certeza que o instituto das amas de leite não poderá dispensar de receber em seu seio esta outra espécie de amas.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 15 jan. 1882. A. 7. N. 282. p. 4-5.



O alto custo de um casamento foi mostrado várias vezes pelo hebdomadário carioca, como era o caso da época das festas de fim de ano, que, além dos presentes, o chefe de família tinha de arcar com as tantas "facadas" que recebia de parte dos vários membros que compunham a família. Na caricatura, o pai aparecia tal qual um São Sebastião em sua tradicional imagem, alvejado por flechas, já aquele era alvo das "facadinhas" de todos que compunham aquela tradicional estrutura familiar patriarcal da época imperial, ou seja, a esposa, as crianças, a sogra e até os criados/escravos atiravam facas – simbólicas de pedidos – no homem.

As minhas festas

O S. Sebastião da atualidade. Quantas facadinhas! Pobres papais!

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 22 dez. 1877. A. 2. N. 95. p. 4-5.



Em outra ocasião das festividades da virada do ano, a revista semanal carioca repetia a dose, apresentando mais uma vez a figura do chefe de família recebendo vários pedidos de familiares e achegados. Todos pediam, a esposa, a filha, a sogra e os empregados, gerando a ira do homem que acabava xingando a todos e vociferando quanto àquelas festas.

Danadas festas

A filha – Assim papai... onde as festas que você me prometeu?

A mulher – Janjão, as minhas festas.

A cozinheira – Meu amo, vosmecê não me dá as festas?

A lavadeira – Olhe as minhas festas... Eu também sou filha de Deus.

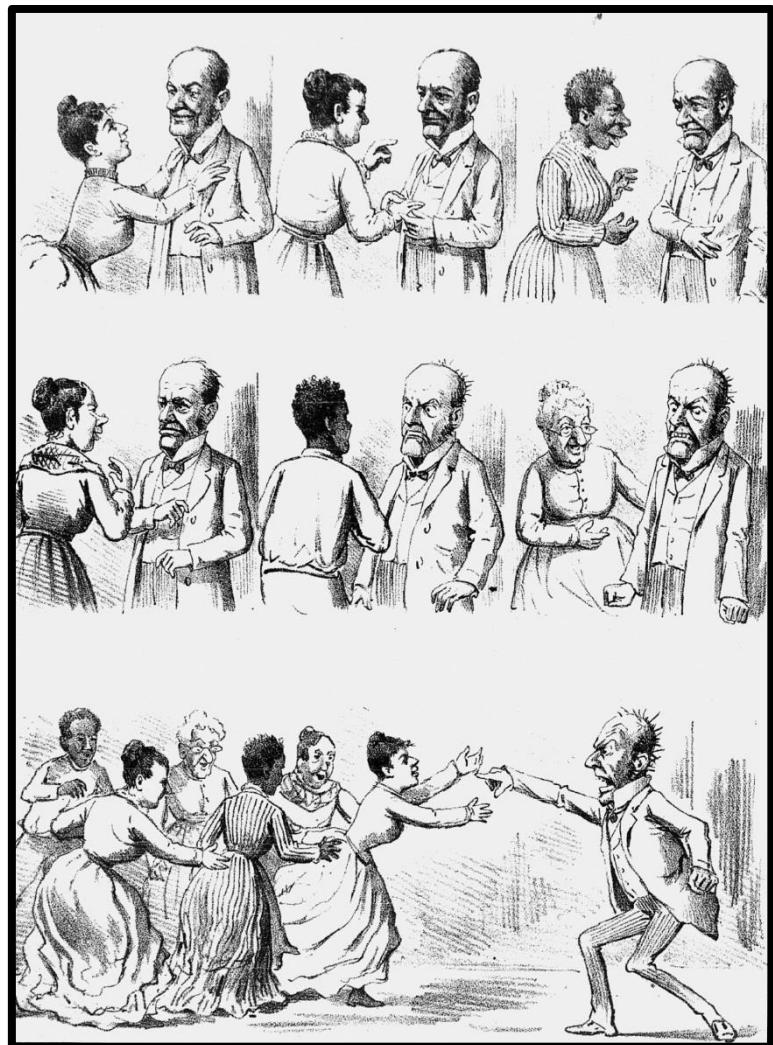
O copeiro – Não se esqueça Jojo do seu copeiro.

A sogra – Meu adorado genro, a tua sogrinha do coração não te
merece nada?

Todos em cor – Nossas festas, nossas festas.

Ele – Vão para o diabo que os carregue. Danadas festas, irra!

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 3 jan. 1891. A. 16. N. 611. p. 8.



A zanga dos maridos com suas mulheres e demais familiares na época das festas tornou-se recorrente nas páginas da *Revista Ilustrada*. A cena retratada

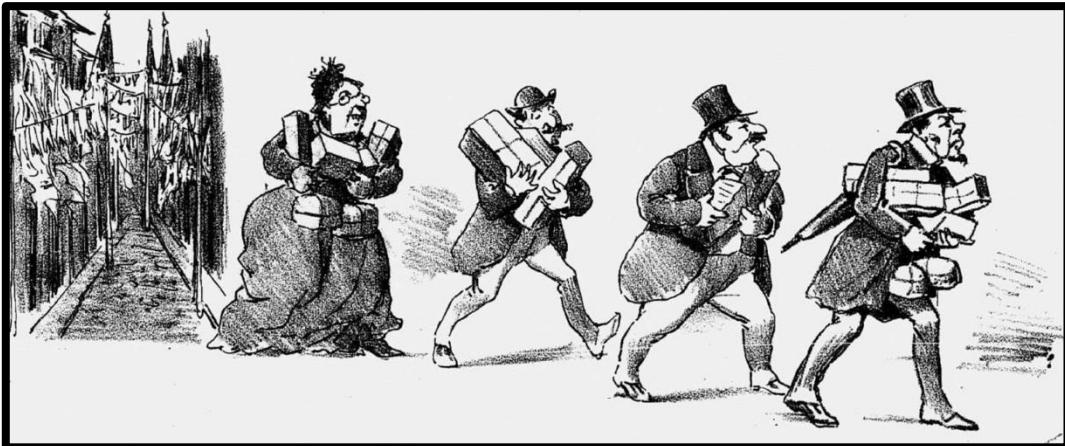
mostrava as pessoas indo às compras para em seguida, apresentar um homem em meio ao desespero, pois todos manifestavam seu desejo por presentes, parecendo que até o animal de estimação também se colocava entre aqueles que queriam uma lembrança.

Os últimos dias têm sido de festas em toda a cidade, havendo o maior entusiasmo por parte da população.

As mães de família e, sobretudo, os pais das ditas têm-se visto abarbados com as encomendas para as festas e regressam neste belo estado.

Em casa é um verdadeiro sarilho: - Papai, o meu vestido! As minhas luvas!... a minha roupa à marinheiro? Até o gato no seu expressivo *miau* parece dizer: mau, mau...

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, nov. 1894. A. 19. N. 667. p. 8.





As falsidades que muitas vezes cercavam a vida em família eram outro elemento constitutivo do cenário matrimonial destacado pelo jornal. O cenário era outra vez o das festas de fim de ano. No primeiro quadro era mostrada uma família em alvoroçada e completa cizânia. Já no segundo, por ocasião da suposta irmaniação oriunda das festividades, todos se encontravam em plena harmonia. Ficava o olhar crítico do jornal em relação aos costumes, destacando que as brigas cotidianas só eram suspensas pela formalidade do momento natalício ou ainda pelo interesse nos presentes.

Últimos ecos das festas de Ano Bom (cena familiar e política, muito comum)

Antes das festas. Guerra civil. Todos brigam. Ninguém se entende. Eu era assim...

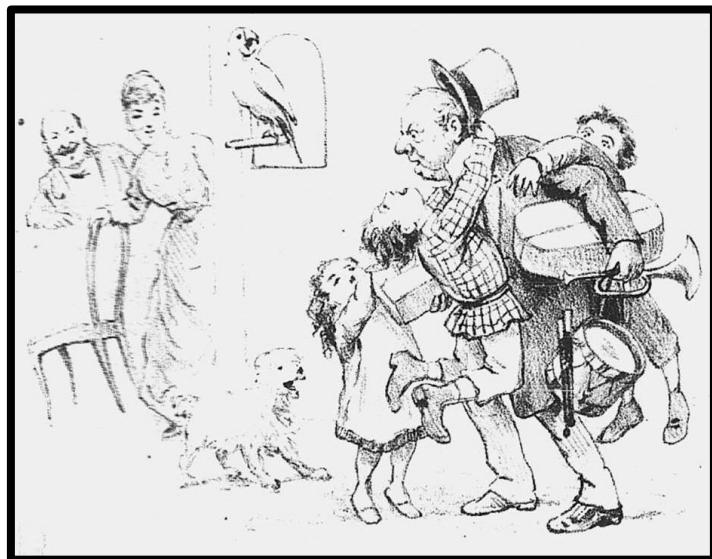
Depois das festas. Pacificação. Todos sorriem. Todos se abraçam. E agora fiquei assim... E nós que os vejamos por muitos anos e bons.
REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, jan. 1896. A. 21. N. 707. p. 8.



As constantes incursões da folha caricata ao ambiente doméstico na época do final de ano mais uma vez mostrariam um marido contrariado e sustentando discussão com sua consorte. Ele dizia-se completamente insatisfeito com as festas daquele momento, notadamente pela excesso de contas na virada do ano, ao passo que a esposa declarava que aquela era a melhor parte do ano. O cenário se deslocava para outro local, mas o mesmo mau humor de parte do chefe da família que não se mostrava satisfeito com o olhar da cônjuge esperando os presentes e muito menos com os filhos que se dependuravam em seu pescoço.

- Para mim, os dias de Natal, Ano Bom e Reis são os melhores do ano.
- Pois eu acho-os simplesmente estúpidos.
- E ainda por cima tomam a gente por trapézio.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 31 dez. 1886. A. 11. N. 446. p. 8.



Em desenho carregado de ironia e jogo de palavras, a *Revista Ilustrada* fazia referência à derrota do projeto que tramitava no parlamento voltado à dissolução do casamento. Nesse quadro, o jornal mostrava um casal em pleno desentendimento, mas permanecendo amarrados pela força governamental, representada por um parlamentar que apertava o laço. Na concepção da folha, a insolubilidade matrimonial serviria apenas para dar continuidade a relações que já não mais se sustentavam.

No Senado, o projeto do divórcio caiu, resultando que os cônjuges continuam a ficar bem *amarradinhos*.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, jul. 1896. A. 21. N. 719. p. 4.



Vários qualificativos negativos foram lançados em direção à mulher de parte da revista. Um deles foi a acusação de que elas eram invejosas e promoviam

intrigas, como foi o caso de várias artistas que faziam pressão sobre um diretor teatral, pedindo-lhe e adulando-o para obterem a posição de uma outra, que atuava como protagonista.

Variedades ilustradas

A Pozzoni, Ripetto e outras artistas do Lírico, desejosas de terem ovações, suplicam a Ferrari de lhes arranjar alguma intriga igual a da Mariani.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 2 nov. 1878. A. 3. N. 136. p. 8.



Um outro desenho apresentava a exploração e a traição como práticas femininas. Era um jogo de quatro quadros sem legenda, tendo por título "O conquistador (conto)". A cena mostrava uma mulher que aceitava ser cortejada por um indivíduo galanteador que a levava a um restaurante. Ficava expressa ideia que ela explorara a boa fé do homem, pois, logo após, aproveitando-se de um cochilo, traia-o, abandonando-o a dormir e partindo com outro.

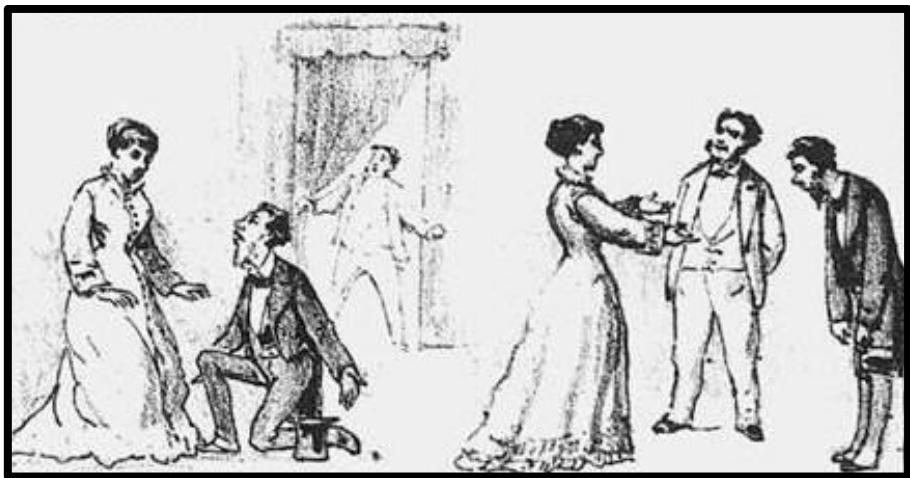
REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, fev. 1895. A. 20. N. 675. p. 3.



Uma certa confusão entre uma esposa em ato de traição e vida política foi apresentada pelo semanário carioca ao descrever um período eleitoral no qual o marido encontrava um outro ajoelhado aos pés de sua esposa. Para desfazer a ideia do flagrante, a mulher explicava que o visitante estava pedir que ela convencesse o cônjuge a ceder-lhe o seu voto. Ficava no ar se era a realidade ou uma desculpa, mas o marido ao menos se mostrou aliviado por sua suspeita não se ter confirmado.

- Minha senhora, peço-lhe de joelhos a sua proteção.
Marido: - Hein! Um desconhecido aos pés de...!
- Meu marido, este senhor pedia-me que instasse contigo para dar-lhe o teu voto.
- Pois não, com todo o gosto. Uff! Antes isso!

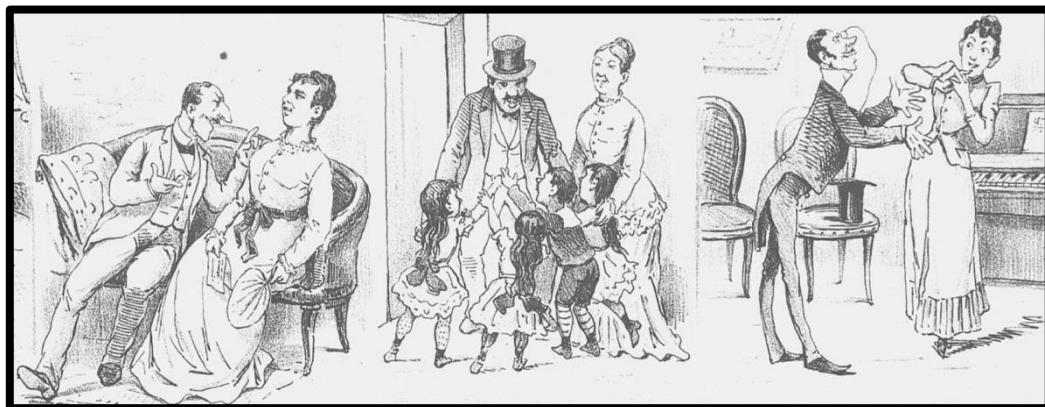
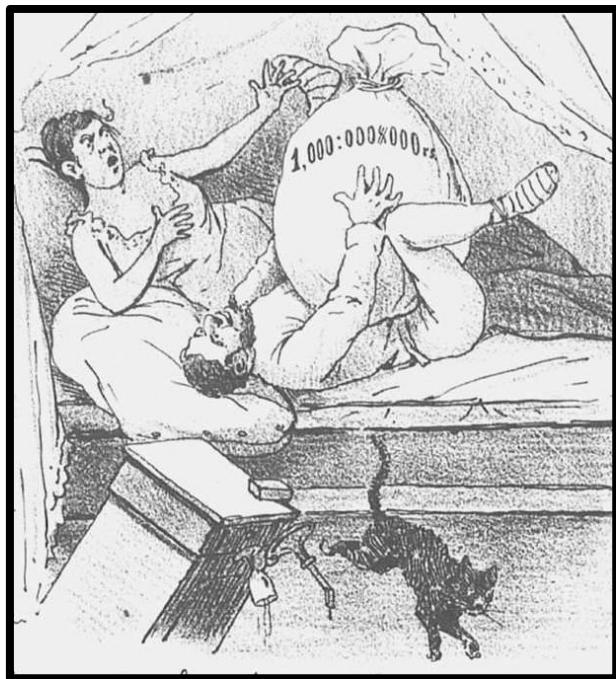
REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 29 out. 1881. A. 6. N. 271. p. 5.



Por ocasião do resultado de uma loteria, que se tornara febre daquele momento, o periódico apresentava os vários destinos possíveis daqueles que porventura ganhassem o prêmio. Nas cenas ficavam evidenciados os conflitos inerentes à vida em família, aparecendo desde brigas entre marido e mulher pela posse do dinheiro, passando pelos esposos e pais que faziam promessas antecipadas, em nome de uma imaginária premiação, até a possível traição da esposa, com um tradicional símbolo da traição feminina – o primo.

Sonhos dourados interrompiam o sono de muitos.
Os maridos prometiam às esposas belas toaletes e custosas joias.
Os pais muitos brinquedos aos filhos.
Os primos galanteadores descreviam cenas patéticas de felicidade.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 24 jul. 1890. A. 15. N. 596. p. 4-5.

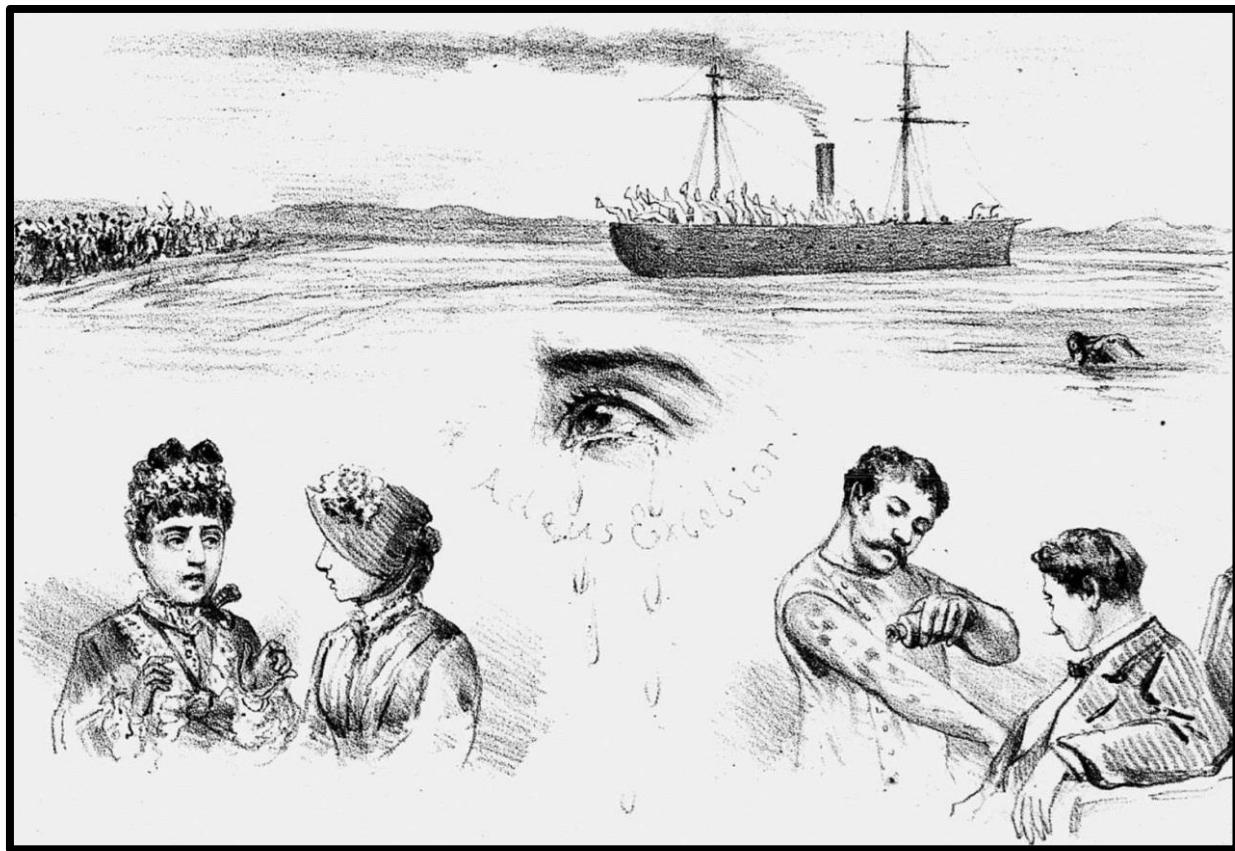


A mulher era também vista pelo semanário ilustrado como extremamente ciumenta. Isso foi retratado por meio dos efeitos causados pela partida de uma companhia de teatro repleta de belas bailarinas. Nesse quadro, eram mostradas duas cenas, na primeira, a esposa dizia ter ido ao espetáculo apenas para satisfazer o marido, por tratar-se de um ato indecente, tendo em vista as pernas das bailarinas; na segunda, era o marido que se lastimava por causa dos beliscões que recebera por assistir aquele mesmo espetáculo.

- Felizmente já se foi o tal Excelsior!
- Tu não gostavas?
- Não. Foi simplesmente para ser agradável ao meu marido que consenti que ele tomasse assinatura para ambos. Tu comprehendes que um marido não pode ir só num espetáculo tão indecente!
- Indecente!
- De certo: nunca vi tanta perna! Aquilo não era espetáculo, era uma monstruosa e imoral lacraia.

- Que diabo tens tu no braço?!
- São consequências do Excelsior meu caro.
- Como assim?
- Quis fazer a vontade à mulher e tomei duas assinaturas. Pois cada vez que eu assestava o binóculo para a cena, xás! A mulher arrumava-me cada beliscão que eu via as estrelas!

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 18 ago. 1883. A. 8. N. 352. p. 1.



Em outra ocasião, o hebdomadário caricato aproveitava para de uma só vez atingir dois alvos com sua crítica moralizadora. De um lado a figura feminina que, mesmo às portas da morte, continuava a representar uma tentação e, do outro, a censura bem mais grave em relação a um padre que se aproveitara da mulher moribunda. A imagem refletia a real intenção e atitude do clérigo. Nesse último caso se tratava de uma prática abertamente anticlerical, uma das mais comuns atitudes de grande parte dos periódicos caricatos brasileiros.

Depois de confessada e ungida, o sacrílego padre impressionado pela beleza da doente e sentindo em seu espírito danados intentos.

Exige da inconsolável família uma seringa, enche-a de água,

Manda ajoelhar todos e benze a água dentro da seringa.

Em seguida declara que vai introduzir o *cristel* para batizar o feto!...

É... *horresco referens*!... A decência manda correr a cortina sobre tão infame cena.

Momentos depois a infeliz enferma entregara a alma a Deus, levando no ventre o filho batizado pelo canudo de uma seringa!!!

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 9 dez. 1876. A. 1. N. 46. p. 8.



As páginas da *Revista* ainda mostravam um conjunto de mulheres representantes de uma ordem religiosa que arrecadavam donativos. A caricatura era sobre o poder de persuasão feminino, indicando que vários homens fugiam

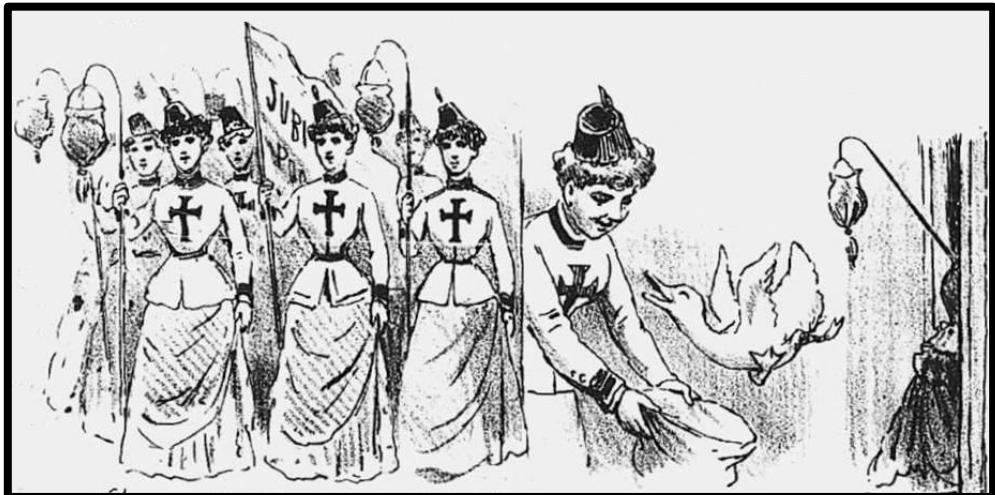
daquela legião de mulheres, ao passo que outros não tinham como resistir e, utilizando-se uma figura de linguagem popular, caíam como patos.

Alguns, porém, não podendo de todo fugir, não têm remédio senão pagar o tributo.

É que realmente não se pode resistir ao gentil exército feminino, comandado pela princesa, e que com o sorriso nos lábios, nos vem assaltar as algibeiras em favor do papa.

Se nos assaltassem, cairíamos como um patinho.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 26 nov. 1887. A. 12. N. 473. p. 8.

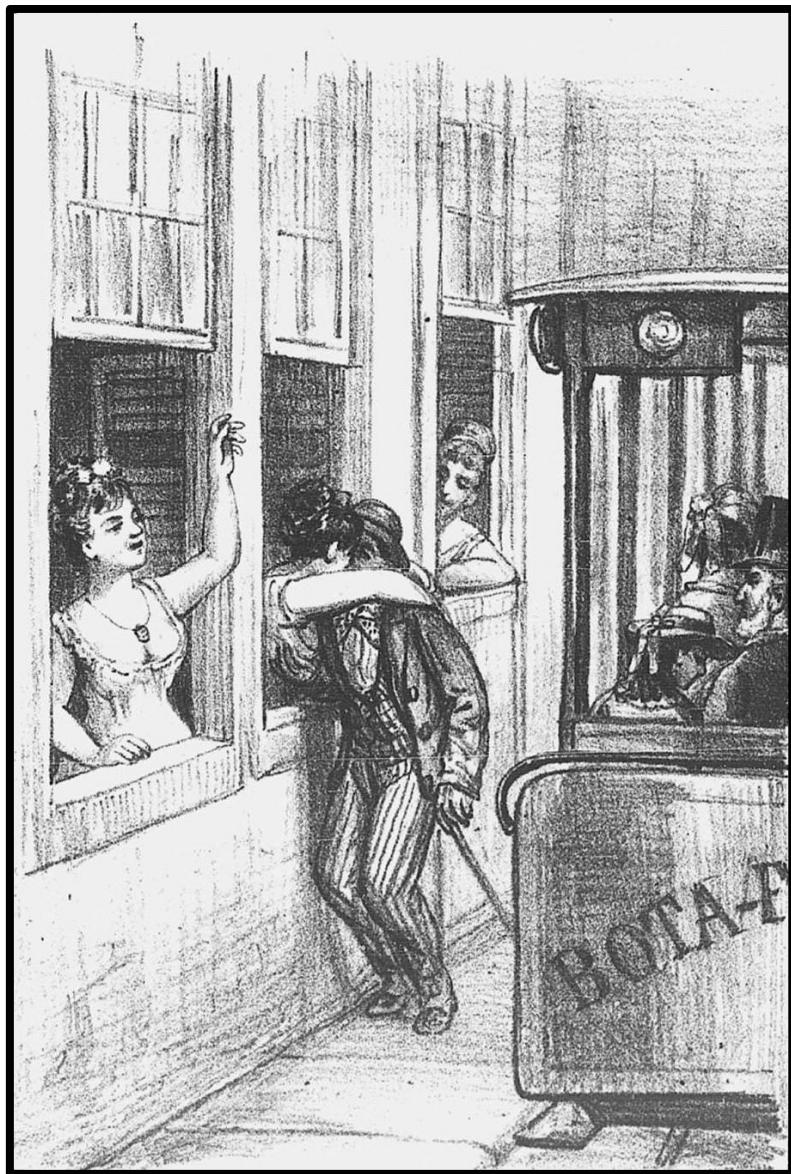


UM PEQUENO ESPAÇO PARA A PROSTITUTA

O olhar da *Revista Ilustrada* acerca da prostituição foi de censura, bem de acordo com a vertente moralizadora presente em muitos dos periódicos caricatos. Mostrando algumas cenas urbanas do Rio de Janeiro, o jornal se referia à proibição das touradas e apontava que havia outros episódios no contexto citadino bem mais graves do que aqueles envolvendo os touros. Nesse sentido à folha se referia a um ato que considerava bem mais "bárbaro", como o de se presenciar um homem sendo esfaqueado por um capoeira – em referência aos negros que portavam uma navalha – e, com ironia, dizia ser "mais civilizador" que as famílias presenciassem a ação das prostitutas, que eram mostradas na caricatura, à janela, em frente à passagem do bonde, esperando por seus clientes.

(...) e muito mais civilizador, obrigar as famílias da Corte a ver de perto, em pleno dia, a toda hora e em todas as ruas, o repugnante espetáculo da prostituição!

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 23 ago. 1879. A. 4. N. 174. p. 8.



A imagem da prostituição foi usada também pelo hebdomadário para ridicularizar certas autoridades públicas. Foi o caso de uma cena em que duas prostitutas observavam uma figura quixotesca e com metade do corpo metamorfoseada em ave. A intenção era o escracho propriamente dito, pois além de categorizar o indivíduo como um D. Quixote, ou seja, figurativamente apontando alguém como ridiculamente pretensioso, ele era desenhado como um pato, ou seja, uma pessoa tola e idiota, que pretendia eliminar algo tão enraizado como a prostituição. Nesse caso, o olhar sobre as prostitutas não foi tão severo, apontando para a grande presença de estrangeiras desempenhando tal papel social.

O novo D. Quixote

- É horrível, é infame, o país que não pudesse proteger gente tão desgraçada contra miseráveis perseguidores, mereceria o desprezo das outras.

Entre les deux, son coeur balance

- Há um problema a resolver-se: se a prostituição deve formar-se dos elementos nacionais ou dos estrangeiros.

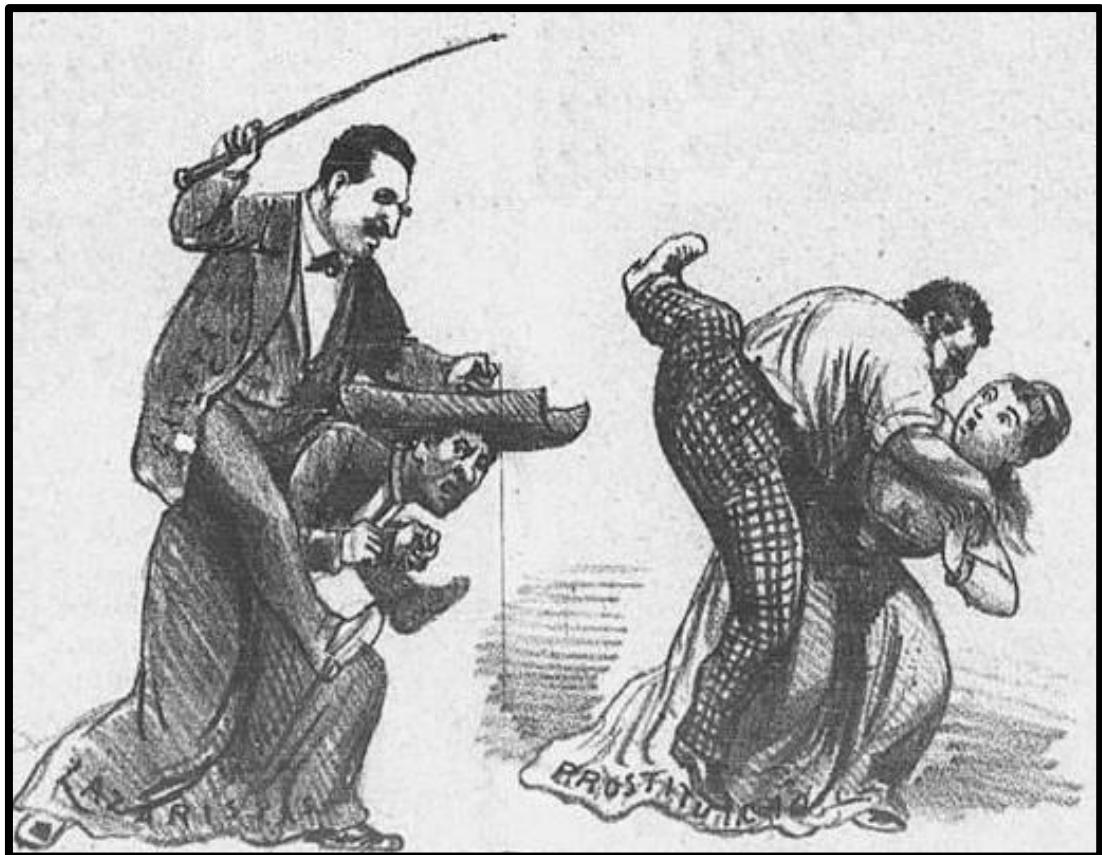
REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 20 set. 1879. A. 4. N. 177. p. 1.



Crítica dos críticos, a imprensa caricata não poupava ninguém, como na caricatura publicada pela *Revista* mostrando um jornalista em plena prática do anticlericalismo, ou seja, a crítica aos clérigos representada como o escritor público montando em um padre. Por outro lado, mostrava um outro jornalista,

este pretendo fazer o seu "cavalo de batalha" a partir da luta contra a prostituição. A mulher que simbolizava as meretrizes se mostrava surpresa com o ataque do escritor.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 1º nov. 1879. A. 4. N. 182. p. 5.



Em outra “história em quadrinhos”, a *Revista Ilustrada* mostrava os excessos das autoridades policiais. A folha concordava com a coibição à prostituição, possibilitando aquilo que considerava como uma moralização das ruas, entretanto, não aceitava as demasias policiais, como a perseguição às artistas – à época muitas vezes confundidas com prostitutas – e mesmo contra qualquer mulher, apenas por estar usando uma vestimenta mais decotada. Associando a crítica de costumes à social, o periódico ressaltava que só mesmo as senhoras de alta classe conseguiram escapar da agressiva ação da polícia. Para concluir o semanário publicava uma nova moda a ser utilizada pelas mulheres – um vestido completamente fechado, sem espaços para a observação de qualquer parte do corpo feminino – de modo a evitar a sanha policial.

Muito satisfeito deve estar o novo chefe de polícia com o incenso, bênçãos e manifestações de que tem sido alvo pela heroica resolução de puxar a contra sobre o repugnante espetáculo da prostituição.

Já se pode andar na rua, sem receio de ficar envergonhado.

Os policiais entenderam que acabar com o espetáculo, era dar cabo das atrizes, e as maiores violências se praticaram.

Os vestidos decotados foram considerados imorais e sujeitas a serem presas todas as pessoas que os usassem.

Os carros descobertos também foram considerados imorais; o que deu causa a várias prisões até de famílias respeitáveis.

Só as senhoras da nossa primeira sociedade é que tinham o direito de ostentar essa imoralidade no baile do Cassino, oferecido ao sr. Visconde do Rio Branco, pelos relevantes serviços que S. Ex. prestou em viajar à Europa.

E se não fosse essa exceção, as nossas viscondessas, baronesas, conselheiras e comendadoras teriam ido parar

No xadrez, o que teria causado profundo desespero nos seus nobres maridos. (...)

Felizmente, depois de ter convenientemente dançado e ceado, a nossa nobreza meteu-se nos seus cupês, e retirou-se muito satisfeita.

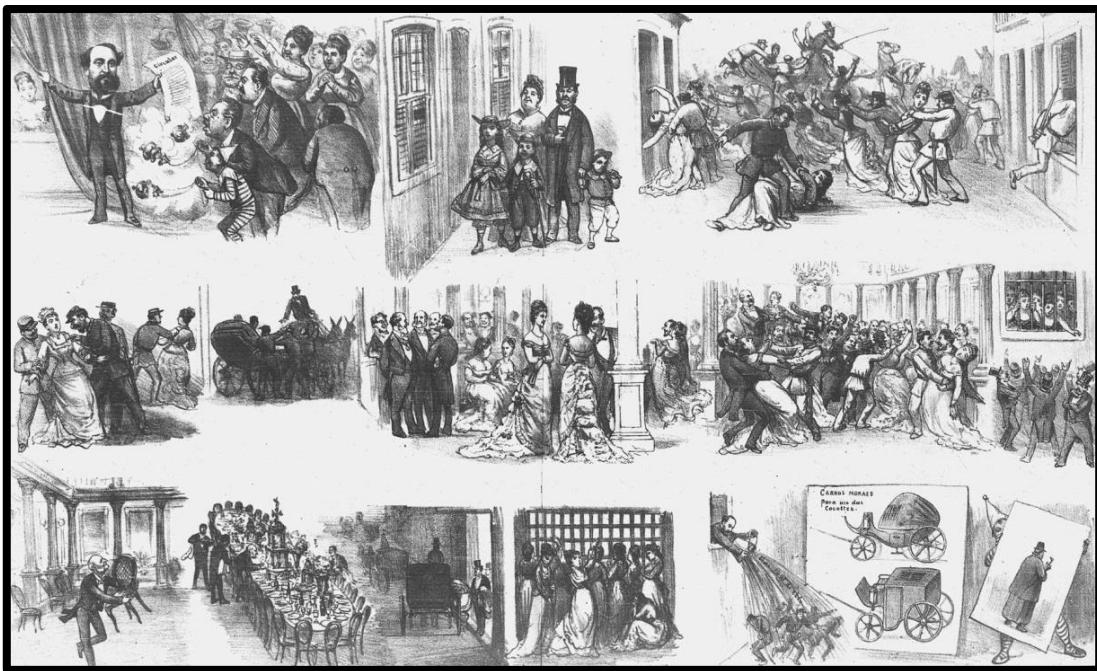
Nessa mesma noite, os xadrezes estavam cheios de mulheres que tinham cometido o crime de ignorar que as ideias do atual chefe de polícia sobre toalete são inteiramente opostas às do ex-chefe.

O Dr. Pindaíba, reconhecendo que os policiais tinham praticado abusos, mandou-os chamar e recomendou-lhes toda a moderação, esfriando-lhes assim o entusiasmo.

Consta que o Rohe está encarregado de fazer um novo modelo de carros cobertos e descobertos próprios para cocotes – carros morais para uso das cocotes –.

Uma nova moda é também indispensável. Apresentamos este figurino como o mais próprio contra a tentação.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 22 nov. 1879. A. 4. N. 185. p. 4-5.



O tom moralizador ao observar a prostituição voltava às páginas da *Revista* que mais uma vez lançava o argumento de que a ação aberta das meretrizes pelas ruas constituiria um ato condenável que não deveria ser assistido pelas famílias que transitavam pelas vias públicas. A crítica se estendia ao período do carnaval, pois, segundo a folha, nessa época, a prostituição ficava ainda mais evidente, o que estaria a marcar de maneira indelével a ordem moral e o pensamento das boas “de bem”.

Antes das famílias entrarem para qualquer teatro, já elas assistem a espetáculos dos mais indecorosos, ouvindo palavras obscenas e vendo a mais vil prostituição exibindo-se em público, com o maior descaramento! São os belos costumes desta mui leal e civilizada capital do império. (...)

Também podem as famílias, sem faltar ao decoro social, assistir – no carnaval – ao triunfo das prostitutas que, repimpadas no seu carro, ao lado de algum imbecil, parecem zombar da honestidade daquelas

Que, no dia seguinte, encurvadas sobre o seu trabalho, pensam involuntariamente quanto é penível a virtude e sedutor o vício!

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 19 jan. 1884. A. 9. N. 369. p. 4-5.



**A REPÚBLICA – UMA NOVA FORMA
DE GOVERNO E TAMBÉM UMA NOVA
MULHER?**

Em um conjunto de caricaturas, o hebdomadário ilustrado observava o intento da conquista do voto feminino. A propaganda republicana falava em voto universal, no entanto, a República implantada no Brasil optou por um caminho mais conservador, não praticando tal universalização, mormente no que tange às mulheres. De certo modo, a revista, mesmo que na forma do humor, também refletia tal perspectiva sexista, ao estabelecer que as mulheres acabariam por escolher seus candidatos com base na aparência e não na capacidade de cada um.

Algumas senhoras requerem serem alistadas como eleitoras. A junta paroquial, com a máxima cortesia, lhes declarou nada poder resolver sem consultar o governo.

Estamos, pois, ameaçados de ouvir à sobremesa, belos discursos sobre a marcha dos negócios políticos.

Os futuros candidatos deixarão de fabricar estopantes circulares e de impingir dúzias de conferências.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 22 mar. 1890. A. 15. N. 583. p. 4-5.



Substituindo-as por belas fotografias que enviarão ao amável e gentil corpo eleitoral.

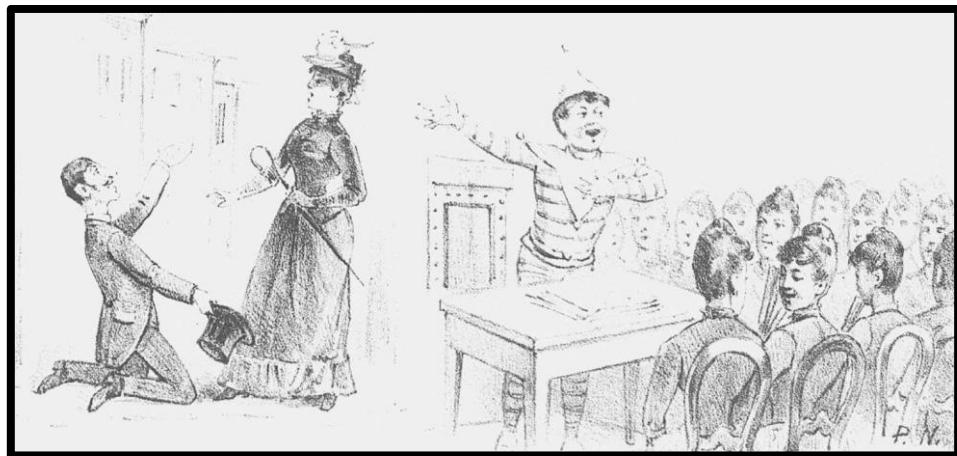
- Que bonito rapaz! Que bela figura para a assembleia!...
- Pois este que me pede o voto é muito feio!
- ... Peço o teu voto para o primo Quincas.
- É um voto perdido, minha amiga; já recebi a sua circular... Que olhos sem expressão! Que nariz!...
- Minha senhora! Salve com o seu casto e puro voto o desgraçado que tem a seus pés!

Por que é, um voto! Um voto só!

Ai! que se algum dia tivéssemos a honra de merecer a confiança de tão gentil eleitorado, com que elegância soltaríamos o verbo em tão adorável assembleia!

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 22 mar. 1890. A. 15. N. 583. p. 4-5.





Mas a *Revista Ilustrada* ao menos mostrava as lutas feministas pelo voto, bem como a contrariedade das mulheres contra aqueles que lhes negavam tal direito. Eram mulheres ativas politicamente que criticavam os políticos, liam jornais, expressavam suas opiniões e até mesmo debatiam entre os caminhos futuros do país, notadamente no que tange aos regimes constitucional ou ditatorial.

Não terá, decerto, manifestação congratulatória promovida pelo belo sexo, o honrado ministro do interior.

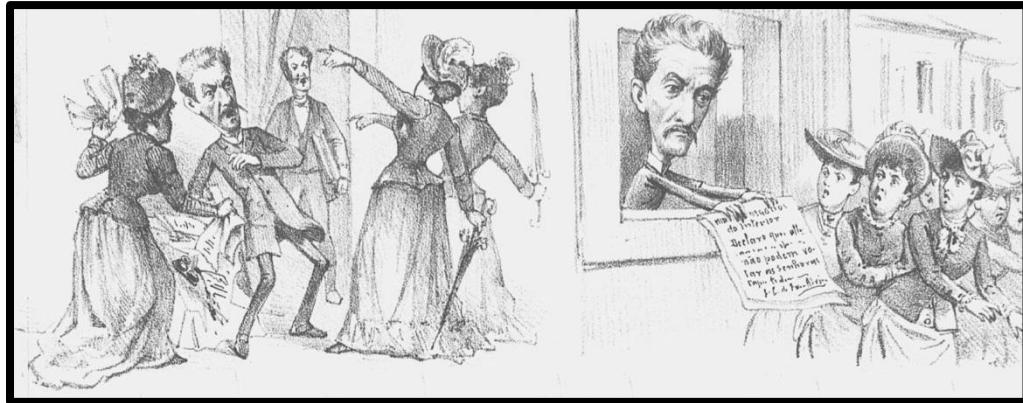
Que acaba de desfechar tremendo golpe com a sua resolução, negando ao belo sexo o direito de voto.

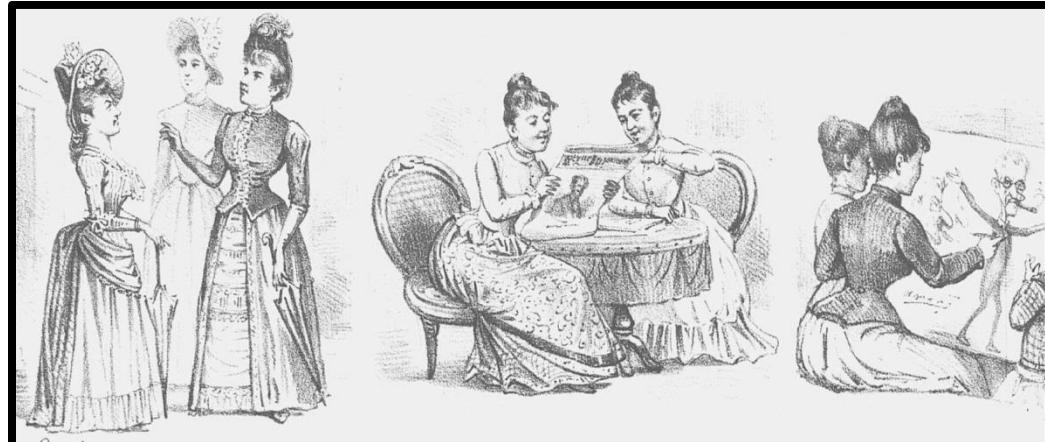
- Que homem antipático!
- Despeitado!... Sabia que não seria o nosso eleito...
- Eu logo vi e bem te dizia que ele nos negaria o direito do voto.

- Pois ele é tão feio! Que cara!... Vê como a *Revista* o pinto com o nariz tão comprido!...

Afirmam, mesmo, que algumas das nossas gentis e adoráveis leitoras, procuram fazer oposição ao ilustre ministro, colaborando nos números da *Revista*. Aumentam-lhe o nariz, deitam-lhe óculos, etc, etc.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 29 mar. 1890. A. 15. N. 584. p. 4-5.





- Visto isto, minha cara, eu me baterei pela constituinte.
- Pois eu prefiro a ditadura!

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 29 mar. 1890. A. 15. N. 584. p. 4-5.



A questão do voto feminino suscitou espaço para uma discussão mais ampla nas páginas da *Revista Ilustrada*, notadamente no que tange ao papel da mulher na sociedade – serviria ela apenas “para a cozinha” ou teria direito a uma vida política ativa como cidadã. Nesse sentido, diante da recusa do voto feminino, o jornal apontava que o “belo sexo” viria a mobilizar-se, promovendo uma resistência em nome de seus direitos.

Entrou em cena o voto feminino.

A medida não passou por ser novíssima e ter sido combatida energicamente por alguns genros. (Grande alarido de sogras nas galerias.)

Em todo caso, as sessões do congresso muito interessaram o belo sexo.

- Marocas, então é certo que não temos direito de voto?!
- Que queres, filha! Nesta terra a mulher nasceu para a cozinha...

Apesar de todos os pesares, o belo sexo cabalará por uma chapa de resistência... e ai daquele que furá-la...

E nós (por uma questão de gosto) somos capazes de votar contra, oferecendo-lhe combate...

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, jan. 1891. A. 16. N. 612. p. 4-5.



Explicando que o calor climático daquele verão tropical se estendia ao fervor das disputas políticas, a folha chegou a fazer referência a um parlamentar que teria se batido pelo voto feminino. A representação trazia tal político carregando uma mulher tal qual uma boneca, com um cartão à mão

representando o voto. Revelando os limites dos “avanços republicanos” e mesmo das perspectivas progressistas da publicação, o periódico mostrava que as mulheres agradeceriam ao parlamentar de uma forma bem feminina para os padrões de então, ou seja, por meio flores, abraços e beijos.

O calor fez mais: incendiou a alma apaixonada e cândida de um *jovem* representante de Minas, que defendeu calorosamente o direito do voto feminino e fez o panegírico da mulher na sociedade.

É de esperar que o ilustre *bambino* seja, muito breve, alvo de uma estrondosa manifestação a flores, abraços e beijocas... Ah! maganão! Felizardo!...

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, jan. 1891. A. 16. N. 613. p. 4-5.



Ainda quanto ao voto feminino, a *Revista* mostrou que certos políticos não estavam gostando da luta das mulheres por tal direito e que, por esse motivo, estariam a despertar a ira feminina. Demarcando mais uma vez a perspectiva sexista, o jornal, através do bobo da corte, dizia que sentiria enorme prazer se também fosse alvo das punições femininas.

E o sr. Aristides ainda se queixa e promete não mais ler os jornais da capital. S. Ex. em uma das suas correspondências para São Paulo censurou acremente as senhoras brasileiras. Entretanto, nada mais natural a nosso ver, do que S. Ex. ser severamente punido por este delito de lesa-cortesia.

Por falar nisso. Daríamos o cavaquinho por uma descomposturazinha passada por moças (bonitas já se vê). Que delícia! Com que abnegação apanharíamos!

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, ago. 1893. A. 18. N. 664. p. 4-5.



As perspectivas supostamente alvissareiras quanto a possíveis progressos no reconhecimento do papel social da mulher, notadamente no que se refere à sua participação política, foram pouco a pouco se desvanecendo. Ainda por algumas décadas, a mulher continuaria a ser alocada essencialmente como aquela que zelava pelo lar doméstico. Tais perspectivas foram demonstradas nas páginas da *Revista Ilustrada*, como no caso dos suntuosos bailes em homenagem ao segundo aniversário da República, em cuja representação os homens permaneciam como protagonistas e as figuras femininas continuavam a aparecer como meras acompanhantes. A coisificação da mulher também permaneceria, mormente no que tange à violência, como as cenas apresentadas pelo semanário caricato, de “um namorado mal correspondido” que matara a tiros de revólver sua “bela adora”, ou ainda de “uma pobre e fácil mulher” que fora assassinada “por um amoroso desequilibrado”.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, nov. 1892. A. 17. N. 653. p. 5.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, abr. 1897. A. 22. N. 730. p. 4-5.





A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.




**Coleção
Documentos**

12


**CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS**
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia


**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**

A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

